UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

IMPASSES E DIFICULDADES NAS FORMULAÇÕES FREUDIANAS INAUGURAIS SOBRE AS PSICOSES:

Uma abordagem retroativa de Lacan a Freud

Sueli Rodrigues Burgarelli

Belo Horizonte

2007

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Sueli Rodrigues Burgarelli

IMPASSES E DIFICULDADES NAS FORMULAÇÕES FREUDIANAS INAUGURAIS SOBRE AS PSICOSES:

Uma abordagem retroativa de Lacan a Freud

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia – área de concentração em Estudos Psicanalíticos.

Orientador: Professor Doutor Jésus Santiago.

Belo Horizonte

2007

Sueli Rodrigues Burgarelli

Impasses e dificuldades nas formulações freudianas inaugurais sobre as psicoses: *uma abordagem retroativa de Lacan a Freud*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

_____

Professor Doutor Jésus Santiago – Orientador

_____

Professor Doutor Antônio Teixeira

_____

Professora Doutora Ilka Ferrari

"[...] *para que haja algo de novo, é preciso que a ignorância exista. É nesta posição que estamos, e é por isso que temos de conceber, no sentido pleno. Quando sabemos de algo, já não concebemos mais nada."*

Jacques Lacan

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, área de concentração em Estudos Psicanalíticos, pela acolhida à minha proposta de investigação;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jésus Santiago, pelo respeito constante às minhas indagações e a meu modo próprio de apropriação da teoria psicanalítica;

A CAPES, pela bolsa a mim concedida;

À banca examinadora, por aceitar o convite;

Aos professores da área de concentração em Estudos Psicanalíticos, pelo esforço de transmissão;

Aos funcionários da Secretaria do Mestrado, especialmente a Beth, por estar sempre disponível;

Aos colegas de mestrado, companheiros de jornada, especialmente ao Anderson Matos e à Adriana de Vitta, pela interlocução constante;

Ao Prof. Dr. Antônio Teixeira, pela gentileza com que aceitou o convite para compor a banca de meu exame de qualificação, contribuindo imensamente para o desenrolar deste trabalho;

Ao Prof. Dr. Jéferson Machado Pinto, por sua contribuição indispensável para a inspiração inicial e para o avanço da pesquisa a partir do exame de qualificação;

Aos alunos da graduação em Psicologia da UFMG, pela companhia neste início de jornada rumo à docência de nível superior;

À Lilany Pacheco, pela escuta desafiadora;

Ao meu pai, pelo dom da escrita e pela revisão de português;

À minha mãe, pelo cuidado constante;

À minha irmã Viviane, pela amizade sincera;

Aos meus sobrinhos, Maria Luiza e Matheus, por alegrarem minha vida;

Ao meu irmão Hudson, pela paciência;

Ao Rodrigo, pelo valioso auxílio na tradução do resumo;

Aos meus amigos, por compreenderem minhas ausências justificadas pela necessidade de concluir este trabalho, e também por me lembrarem que existe vida para além da dissertação;

Ao desejo de transmitir, fonte de toda inspiração.

RESUMO

O ponto de partida dessa investigação é o estranhamento que o leitor da obra de Sigmund Freud experimenta diante das suas formulações inaugurais sobre as psicoses. Torna-se notório, ao longo dessa dissertação, que, inicialmente, Freud concebe a psicose com o mesmo arsenal conceitual utilizado para o tratamento dos sintomas neuróticos em geral. Objetiva-se, portanto, mostrar em que medida as diversas especificidades do sujeito psicótico não são diretamente contempladas nestas formulações inaugurais. Enfatiza-se, particularmente, as insuficiências da aplicabilidade da noção de recalque, própria ao mecanismo causal das histerias e obsessões, para se estabelecer a clínica diferencial entre os campos da neurose e da psicose.

Ressalta-se, por outro lado, a importância do emprego das elaborações contidas nos *Livros II e III* do *Seminário* de Jacques Lacan, como meio para entrever uma formalização possível das insuficiências e dificuldades concernentes às primeiras formulações do texto freudiano sobre o funcionamento mental das psicoses. Esse trabalho dissertativo orienta-se, assim, pela hipótese capital de que a especificidade de tal funcionamento exigiu de Lacan uma diferenciação concisa e sistemática entre os registros imaginário e simbólico. É sabido, por exemplo, que o mecanismo da forclusão do Nome-do-Pai, apresentado no final do livro III do *Seminário, As psicoses,* exigiu desenvolvimentos e esclarecimentos minuciosos sobre o modo próprio do funcionamento autônomo da ordem simbólica. Em suma, a tese da autonomia do significante com relação ao significado na produção de significação assume um lugar decisivo para a explicitação das referidas dificuldades que impediram que esse momento fundador da obra de Freud tivesse êxito na elucidação metapsicológica do mecanismo específico da psicose.

Palavras-chave: Psicose, Neurose, Recalque, Defesa, Simbólico, Imaginário.

ABSTRACT

The starting point of this investigation is the strangeness that the reader of Sigmund Freud's work experiments before his out coming formulations on psychosis. It becomes notorious, throughout this dissertation, that, initially, Freud conceives psychosis with the same conceptual arsenal used on the treatment of neurotic symptoms in general. It aims, therefore, to show in what point the specificities of the psychotic subject are not directly contemplated on these out coming formulations. It emphasizes, particularly, insufficiencies of applicability of stress, peculiar to the effectual mechanism of hysterias and obsessions, to establish the differential clinic between the fields of neuroses and psychosis.

It sticks out, on the other hand, the importance of using the elaborations contained on books 2 and 3 of Jacques Lacan's *Seminary* as a way of foreseeing a possible formulization of the insufficiencies and concerning difficulties to the first formulations of the Freudian text about the mental functioning on the psychosis. This work, guides itself, as such, by the capital hypothesis that the specificity of such functioning demanded on Lacan a concise and systematic differentiation between the records of the imaginary and symbolic. It is known, for example, that the forclusion's mechanism of the "name-of-the-father", featured in the end of book 3 of the *Seminary, The psychoses,* claimed for developments and detailed explanations about the own way of autonomous functioning of the symbolic order. In short, the thesis of the autonomy of the significant regarding to the meaning on the production of signification, assumes a decisive place to the clearance of the concerning difficulties that hindered this founder moment of Freud's work of having the success on the metapsychologic elucidation of the specific mechanism of psychosis.

Key-words: Psychosis, Neuroses, Stress, Defense, Symbolic, Imaginary.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES **10**
O ponto de partida **11**
O percurso **13**

1. AS FORMULAÇÕES FREUDIANAS INAUGURAIS **19**
1.1 Primeiro esquema freudiano do aparelho psíquico **19**
1.2 Psicose e teoria da defesa **22**
1.2.1 As neuropsicoses de defesa *23*
1.2.1.1 Primeiro artigo **23**
1.2.1.2 Segundo artigo **27**
1.2.2 Formulações sobre a psicose na correspondência com Fliess *29*
1.2.2.1 Rascunho H **30**
1.2.2.2 Rascunho K **31**
1.2.2.3 Carta 46 ..... **34**
1.2.2.4 Carta 52 ..... **35**
1.2.2.5 Carta 55 ..... **36**
1.2.2.6 Carta 61 ..... **36**
1.2.2.7 Rascunho M **37**
1.2.2.8 Carta 75 ..... **38**
1.3 Psicose e formações oníricas **38**
1.***3.1 Sonho e doença mental*** ***39***
1.3.2 Segundo esquema freudiano do aparelho psíquico ***40***
1.3.2.1 O poder da censura e o esquecimento nos sonhos **41**
1.3.2.2 O caráter imaginário do sonho: a regressão **42**
1.3.2.3 A "mistura" do sonho **45**
1.3.2.4 A consciência **48**
1.3.2.5 Processo primário e processo secundário **49**
1.3.2.6 Observações adicionais **51**

2. PREGNÂNCIA IMAGINÁRIA **53**
2.1 Presença nas formulações freudianas inaugurais **54**
2.1.1 A consciência como reflexo da realidade ***55***
2.1.2 Teoria da defesa ***56***
2.1.3 Teoria do trauma ***60***
2.1.4 A censura é a resistência? ***62***
2.1.5 Regressão: mecanismo imaginário ou simbólico? ***66***
2.2 Pregnância imaginária como obstáculo epistemológico **70**
2.2.1 O que é obstáculo e como isso opera? *70*
2.2.2 Relação com a lógica imaginária *75*
2.2.3 Incidência na teorização freudiana *77*
2.3 Anticopernicianismo de estrutura: o apego à boa forma **80**
2.3.1 A potência unificadora do imaginário *80*

3. A INSISTÊNCIA DO SIMBÓLICO.....84
3.1 Primeira formulação do aparelho psíquico.....87
3.2 Teoria da defesa e publicações pré-psicanalíticas.....91
3.3 *A interpretação dos sonhos*.....95
***3.3.1 Os processos anormais de pensamento: a perplexidade de Freud*.....99**
3.4 No mundo da natureza a boa forma impera, no universo humano a má forma prevalece.....101
3.5Especificidade do simbólico.....107

CONCLUSÃO.....114

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....117

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

"*As vias mais fáceis são as vias já conhecidas*".
Jacques Lacan

Uma investigação se compõe de idas e vindas, de retomadas e de recomeços. O trabalho investigativo, caso se disponha a captar o inusitado que se reveste de novidade científica, acaba enveredando por caminhos tortuosos, pois aí se trata de um saber que não se entrega facilmente às primeiras intuições. É preciso certa dose de persistência para não ceder diante das obnubilações que, por vezes, assolam o trabalho do pesquisador. Nesses momentos, importa considerar que tais opacidades se devem à necessidade de retomar e reconsiderar, com vistas a melhor questionar. Os empreendimentos investigativos que se acovardam diante da dúvida perdem em valor, pois é justamente o processo de indagar aquilo que alimenta uma investigação. As respostas apenas emergem como efeitos desse processo onde a ênfase deve ser posta no desejo de interrogar.

Muitas vezes a tortuosidade dos caminhos pelos quais uma investigação passa dificulta ou complica a apresentação, sob forma de texto, do objeto de estudo e/ou da metodologia utilizada para sua elucidação. Nestes casos, faz-se necessário considerar o percurso do trabalho investigativo, a fim de captar o movimento que conferiu forma às elaborações daí decorrentes. No que concerne à investigação que deu origem ao presente texto, pode-se dizer tratar-se de um processo que trilhou caminhos tortuosos, em função de dificuldades metodológicas concernentes à aplicação da lógica retroativa nas formulações freudianas da psicose, a partir das contribuições de Jacques Lacan, presentes nos *Seminários II* e *III*. Como não é possível advogar em favor de uma equivalência isenta de hiatos entre as formulações freudianas e lacanianas, tornou-se relativamente complicado efetuar o movimento retroativo sugerido como recurso metodológico. A princípio não foi possível encontrar uma via de acesso capaz de sustentar um tal movimento de Lacan a Freud, e foi preciso retomar, diversas vezes, os textos freudianos e lacanianos selecionados como relevantes.

Estas considerações preliminares têm por objetivo apresentar o ponto de partida da investigação que deu ensejo ao presente texto, assim como o percurso trilhado pelo trabalho investigativo, aí incluindo a hipótese selecionada como passível de demonstração. O objeto de

estudo propriamente dito, assim como as elaborações oriundas dessa empreitada, serão apresentadas nos capítulos subseqüentes.

O ponto de partida

A investigação a que se refere o presente texto teve início a partir de um interesse pronunciado pela psicose e por sua especificidade em relação à neurose. O fato de a psicose suscitar ao mesmo tempo fascínio e desprezo no ditos "normais" foi tomado como indicativo da existência de algo na especificidade de seu mecanismo capaz de, concomitantemente, atrair e repelir.

O investimento mais remoto na pesquisa sobre o tema foi representado por um grupo de estudos, cujo objetivo foi dedicar-se a discussões concernentes ao que se pode denominar "determinantes sociais da loucura". Michael Foucault e todo o manancial teórico da luta antimanicomial foram as referências privilegiadas. Contudo, após relativamente pouco tempo de dedicação a essa pesquisa, as possibilidades de avanço na abordagem clínico-psicanalítica do problema foram avaliadas como insuficientes. A consideração dos aspectos sociais envolvidos na problemática da loucura não se mostrou suficiente para conduzir a esclarecimentos sobre a constituição singular do sujeito psicótico. Portanto, o interesse pela psicanálise se inseriu no prolongamento desse percurso. Dentre as teorias que se aventuraram a dedicar-se à investigação da loucura e do sujeito louco, a psicanálise se destacou como a única capaz de subsidiar reflexões que pudessem esclarecer por que determinado sujeito, e não outro submetido às mesmas determinações sociais, funciona como psicótico.

É lugar comum a consideração de que a teoria psicanalítica não pode ser considerada uma resultante do interesse de Freud pela psicose. Todo o avanço teórico por ele empreendido deve-se a investigações realizadas prioritariamente no campo das neuroses. Desde o contato com Charcot, Freud se viu para sempre marcado por um interesse peculiar pela histeria. Isso, por si só, não constitui motivo para objeções; obviamente a construção de um saber que tudo abarca pertence ao reino do ideal. Toda elaboração conceitual da psicanálise necessita de um ponto de partida; o freudiano foi a histeria – por conseguinte, o recalque. Mas, a despeito de seu interesse privilegiado por esta neurose e por seu mecanismo

específico, a problemática da loucura era contemporânea de Freud. E, em se tratando de uma nova teoria sobre o funcionamento psíquico, era natural que a psicanálise fosse convocada a se pronunciar sobre as "doenças mentais". E Freud não se furtou a isso.

A princípio, a paranóia foi incluída nas teorizações freudianas sobre as neuroses de defesa. Posteriormente, em *A Interpretação dos sonhos* (1900), Freud passou a dedicar-se a considerações sobre as doenças mentais em suas articulações com o mecanismo dos sonhos. Por ocasião da formulação da teoria da libido e do conceito de narcisismo, as conceituações sobre a psicose, agora denominadas "afecções narcísicas", começaram a gravitar em torno de considerações sobre o eu. E, finalmente, a partir dos anos 20, tiveram lugar teorizações que abordavam a psicose a partir de especificidades na relação do eu com a realidade. A despeito do fato de as formulações freudianas sobre a psicose terem sofrido modificações ao longo do tempo, todas elas partilham a característica de se encontrarem completamente ancoradas em teorizações que dizem respeito a descobertas relativas às neuroses.

O presente texto é fruto de inquietações que se relacionam com um desconforto experimentado na leitura dos textos freudianos onde são encontradas formulações sobre a psicose, cuja idiossincrasia estrutural parece estar ausente. A referência, a perspectiva, o ponto de vista de onde as investigações são levadas a cabo é sempre aquele determinado pelo campo do recalque. Freud não foi capaz de formular o mecanismo da psicose; ele não concebeu uma especificidade da estrutura subjetiva do psicótico, muito embora tenha, por vezes, vislumbrado elementos capazes de conduzir a elaborações nesse sentido. Não formalizando a especificidade de tal mecanismo, não pôde recomendar o tratamento analítico para casos de psicose. Nessa perspectiva, estranho seria se ele tivesse alcançado sucesso em tratar a psicose segundo os parâmetros da neurose, pois seríamos, então, forçados a concluir em favor de um tratamento pautado pela "neurotização" do psicótico.

O interesse inicial da investigação organizou-se em torno da idéia de circunscrever o ponto de impasse de Freud no que se refere ao avanço de suas formulações teóricas sobre o mecanismo específico da psicose. A hipótese subjacente ao trabalho da pesquisa corresponde à afirmação de que a dificuldade freudiana em teorizar a psicose para além do conceito de recalque guardaria relações com a maneira pela qual Freud investigou esta estrutura, ou seja, a partir de pressupostos oriundos de estudos concernentes às neuroses. Trata-se, portanto, de

uma questão epistemológica pertencente ao âmbito do que pode ser designado como metapsicologia freudiana da psicose.

A lógica da retroação se configurou como ferramenta indispensável à investigação, pois a afirmação de que Freud, com relação às suas formulações sobre a psicose, esbarrou em um impasse significativo sustenta-se na constatação de que Lacan, valendo-se do legado freudiano, avançou no que se refere à teorização e ao tratamento da psicose pela psicanálise. Se Lacan avançou, a despeito da dificuldade de Freud em teorizar a psicose para além do campo do recalque, pareceu justo e profícuo realizar, a partir da teorização lacaniana, uma releitura das formulações freudianas sobre o assunto, no intuito de buscar, a partir da contribuição do ensino de Lacan, indícios no texto de Freud capazes de esclarecer o que estava em questão na dificuldade freudiana em considerar a psicose em sua especificidade estrutural.

O percurso

O primeiro esboço de resposta à questão proposta pela investigação a que o presente texto se refere foi levado a cabo a partir da constatação de uma certa indiferenciação, nas formulações freudianas, entre as estruturas neurótica e psicótica[1]. Contudo, o estudo dos textos freudianos selecionados como relevantes permitiu considerar que essa indiferenciação entre os campos da neurose e da psicose manifestava-se de maneira prevalente apenas nas formulações freudianas mais iniciais. Constatar este fato permitiu realizar um passo importante para qualquer trabalho de pesquisa: delimitar seu objeto de estudo. Portanto, a partir desse momento, o interesse primordial do trabalho de investigação passou a incidir sobre

[1] Cabe enfatizar que a indiferenciação assim constatada foi considerada relativa, pois sempre houve, para Freud, algum tipo de diferenciação entre neurose e psicose. A idéia de uma defesa mais poderosa e bem sucedida na psicose, por exemplo, pode ser tomada como evidência desse esforço de diferenciação em um primeiro momento da teorização freudiana. Posteriormente, os conceitos de narcisismo e transferência foram convocados para elucidar teoricamente a distinção entre neurose e psicose. Mais tardiamente, a problemática envolvida no afastamento da realidade, por parte do eu, foi a responsável por esclarecer esta distinção. A idéia da indiferenciação relativa entre os campos da neurose e da psicose, mais evidente nos momentos iniciais da obra freudiana, sustenta-se, portanto, na constatação de que Freud buscou esclarecimentos para as duas estruturas em uma mesma base comum, qual seja o mecanismo do recalque.

as formulações freudianas inaugurais[2], que passaram, então, a configurar o material sobre o qual a análise retroativa, a partir das contribuições de Lacan, seria efetuada. Com relação ao interesse especial por tais formulações freudianas, vale recuperar uma afirmação lacaniana que atesta sua importância: "a metapsicologia freudiana não começa em 1920. Está presente logo no início – vejam a coletânea sobre os começos do pensamento de Freud, as cartas a Fliess, os escritos metapsicológicos deste período – e prossegue no fim na '*Traumdeutung*" (1985[1955], p.20). Nesse contexto, o escrito *As neuropsicoses de defesa* (1894) talvez possa ser considerado o primeiro escrito metapsicológico de Freud.

Em um segundo momento, a primeira tentativa efetiva de elucidação decorreu de considerações a respeito do fato de Lacan, naquilo que ele denominou seu "retorno a Freud", ter podido contar com um aparato conceitual que lhe permitiu elucidar a contento a articulação, já apontada por Freud, entre funcionamento da linguagem, formação sintomática e manifestações do inconsciente. O pai da psicanálise vislumbrou e evidenciou a importância do simbólico no funcionamento do aparelho psíquico. Em *A interpretação dos sonhos* (1900) isso foi desenvolvido de maneira brilhante. Mas ele não dispunha de instrumental conceitual capaz de permitir a extração radical de conseqüências com relação a isso.

A primeira tentativa de esclarecimento sobre o impasse com que Freud se deparou, em suas teorizações sobre o mecanismo específico da psicose, foi representada pela consideração de que Lacan teve acesso à lingüística estrutural, algo com que Freud não pôde contar. A vantagem de que Lacan dispunha refere-se ao fato de ele ter podido conceber o significante em sua assimetria com relação ao significado, tendo efetuado a inversão do algoritmo saussuriano do signo lingüístico, conferindo primazia ao significante. A partir disso, Lacan trouxe para o primeiro plano a idéia de que a experiência psicanalítica diz respeito a uma prevalência do significante em relação ao significado na produção de significação.

O estudo do *Seminário III* possibilitou o entendimento de que a teoria do significante se configura, para a psicanálise, como condição de visibilidade da especificidade do mecanismo psíquico da psicose. Ali Lacan somente introduz sua concepção da forclusão do Nome-do-Pai após apresentar minuciosamente suas formulações teóricas a respeito da equivocidade que acompanha o funcionamento da linguagem nos seres falantes. O uso feito

---

[2] Para os efeitos deste trabalho, foram consideradas "inaugurais" as formulações freudianas sobre a psicose presentes nas publicações pré-psicanalíticas (anteriores a 1900) e aquelas encontradas em *A interpretação dos sonhos* (1900).

por Lacan do termo "projeção" ilustra bem o alcance, no *Seminário III*, da consideração cuidadosa do modo próprio de funcionamento do simbólico. Ele limitou o alcance do mecanismo da projeção ao transitivismo imaginário, definindo uma ordem de relação que é imaginária. Mas considerou fundamental salientar que a projeção delirante não tem nada a ver com isso, pois os mecanismos que têm lugar na psicose não se limitam ao registro imaginário. O mecanismo imaginário dá forma à alienação psicótica, mas não é o que define a sua dinâmica. E se Lacan pôde avançar em sua investigação, isso se deveu ao fato de, a partir do além do princípio do prazer e da definição estrutural do ego por ele implicada, ter sido possível vislumbrar, para além do outro do imaginário, a existência de um outro Outro situado como o correlato necessário da fala (1985[1956], p.169-170).

O psicótico põe às claras a ruptura entre significante e significado, e os efeitos da linguagem sobre o sujeito humano são assim evidenciados. Somente uma consideração minuciosa do modo próprio de funcionamento do simbólico, qual seja a autonomia do significante em relação ao significado na produção de significação, pode, portanto, permitir a apreensão do mecanismo específico da psicose. Nesse contexto, a distinção entre significante e significado, presente em Lacan e ausente em Freud, se apresentava como capaz de circunscrever o impasse freudiano no que concerne à formulação, em termos psicanalíticos, da especificidade do mecanismo psíquico da psicose.

Contudo, não foi possível recorrer a esta hipótese no intuito de efetuar a leitura retroativa das formulações freudianas sobre a psicose a partir do ensino de Lacan, conforme apresentado nos *Seminários II* e *III*. A distinção significante-significado não se mostrou operatória no sentido de permitir uma tal releitura das concepções freudianas. Apesar de muito atraente do ponto de vista teórico-conceitual, não foi possível lançar mão dessa hipótese como ferramenta para subsidiar a retomada dos textos freudianos a partir de Lacan. A dificuldade pode ser assim enunciada: nas formulações freudianas inaugurais (que acabaram por se configurar como objeto de estudo privilegiado do trabalho investigativo) não foi possível encontrar nada que pudesse servir como ponto de ancoragem para a aplicação da lógica retroativa através da distinção significante-significado operada por Lacan. Nas formulações mais tardias de Freud, contemporâneas da produção dos artigos metapsicológicos, é possível encontrar esse ponto de apoio, sobretudo naquelas que dizem respeito à diferenciação entre

representações de coisa e representações de palavra[3]. Portanto, a primeira via de acesso buscada no intuito de elucidar a questão norteadora da pesquisa permitiu somente avanços parciais. A impossibilidade de encontrar um ponto de apoio nas formulações freudianas inaugurais para a efetuação do movimento retroativo por meio da assimetria significante-significado conduziu, então, a considerações adicionais.

O exame cuidadoso e a extração rigorosa de conseqüências da assimetria entre significante e significado, fruto do interesse de Lacan pela lingüística estrutural, permitiram a ele colocar em evidência a arbitrariedade do signo, o descolamento da significação em relação ao significado. Esta descontinuidade introduziu um intervalo que colocou em destaque a hiância existente entre os registros imaginário e simbólico. Lacan, no *Seminário II*, criou uma chave de leitura para a obra freudiana ao delimitar esta hiância. A psicanálise não se funda no imaginário, não propõe um ideal para o eu. Ao contrário, confronta o sujeito com a condição primordial do desamparo, que é imanente. A consciência, a partir de Freud, tem a função de somente recolher os efeitos de conexões causais que são por ela desconhecidas.

Lacan distinguiu os registros imaginário e simbólico na experiência humana, e isso teve efeitos na sua produção teórica. A regressão tópica ao estádio do espelho – efeito da forclusão do Nome-do-pai – pode ser pensada como o correlato lógico desta distinção, ausente nas formulações freudianas sobre a psicose. Freud, em seu texto de 1924[4], atribuiu às fantasias o mesmo papel na neurose e na psicose, qual seja o de fornecer os materiais ou o padrão para a reconstrução da nova realidade. Mas ele não percebeu que neuróticos e psicóticos, muito embora extraiam, ambos, vantagens da estabilidade do imaginário, recorrem de maneira radicalmente diferente a este registro, pois os neuróticos dispõem de mediação simbólica, o que não acontece com os psicóticos. Lacan parece ter se interessado pelo simbólico a fim de depurar a obra freudiana de seus excessos imaginários.

A relativa indiferenciação entre neurose e psicose, constatada em um momento inicial da investigação, foi, então, retomada. Contudo, a perspectiva passou a ser definida pela consideração de que esta indiferenciação pudesse guardar relações com outra, também presente nesse momento da elaboração teórica de Freud: aquela que diz respeito aos registros imaginário e simbólico. Mas esta consideração logo esbarrou na dificuldade de delimitar os

---

[3] Conforme o Capítulo VII de *O Inconsciente* (ESB, 1969, vol. XIV, p .183-245).
[4] ESB, 1969, vol. XIX, p.227-234 (*A perda da realidade na neurose e na psicose*).

dois registros em Freud. Por se tratar de uma verdadeira novidade introduzida por Lacan na teoria psicanalítica, a organização da experiência humana em três registros denominados real, simbólico e imaginário, não encontra equivalente estrito nas formulações freudianas, sobretudo nas inaugurais. Portanto, distinguir os registros imaginário e simbólico nas formulações iniciais de Freud mostrou-se uma tarefa árdua e praticamente impossível de ser realizada. Por conseguinte, sem que fosse possível efetuar esta distinção, mostrou-se também inviável demonstrar a hipótese da indiferenciação entre estes dois registros[5].

A partir disso, considerou-se que talvez esta indistinção entre os registros simbólico e imaginário nas formulações freudianas inaugurais pudesse ser enunciada nos termos de uma coexistência, nestas formulações, de elementos indicativos da novidade fulgurante relativa à incidência do funcionamento simbólico sobre o ser falante, e de elementos associados a um certo apego às formulações clássicas ligadas ao modo de funcionamento próprio do imaginário, qual seja a correspondência ponto a ponto. A demonstração da hipótese da coexistência de elementos simbólicos (porta-vozes da novidade introduzida por Freud) e de elementos imaginários (representantes do apego ao já estabelecido, denominado para os efeitos deste trabalho *pregnância imaginária*) nas formulações freudianas inaugurais afigurou-se possível. Finalmente foi encontrado o ponto de ancoragem capaz de subsidiar o movimento retroativo proposto como estratégia metodológica para a investigação a que se refere o presente texto.

Parece que Freud intuiu, de alguma forma, o modo próprio de funcionamento do registro simbólico, qual seja a autonomia do significante em relação ao significado na produção de significação. A importância atribuída desde o inicio de sua obra aos fenômenos de linguagem atesta esta afirmação. Contudo, parece também que, em função de uma *pregnância imaginária* presente nas suas primeiras formulações sobre o funcionamento do aparelho psíquico, Freud não pôde formalizar a contento esse modo autônomo de funcionamento do simbólico. Por isso a discussão aqui apresentada pretendeu contemplar essa tensão entre a intuição freudiana da autonomia do funcionamento do registro simbólico, por um lado, e a dificuldade de formalizar isso, em função de um apego ao imaginário, por outro.

---

[5] Talvez a própria dificuldade de discernir o imaginário do simbólico nas formulações freudianas inaugurais possa ser tomada como indício convincente da indiferenciação entre os dois registros nesse momento da elaboração teórica de Freud. Mas a demonstração dessa hipótese afigurou-se demasiadamente complicada, sendo necessário, portanto, recorrer a considerações suplementares.

Aqui uma hipótese suplementar se apresenta: aquilo que Jean-Claude Milner (1996) designou um "anticopernicianismo de estrutura" pode estar na base do que sustenta o apego ao imaginário dual em detrimento do simbólico ternário.

O *Seminário II – O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* se apresentou como ferramenta indispensável à consecução da investigação. Tal relevância decorreu do fato de Lacan, neste Seminário, ao colocar em evidência a hiância entre os dois, ter operado a distinção entre os registros imaginário e simbólico. Encontram-se também no *Seminário II* críticas pertinentes às primeiras formulações freudianas. Lacan parece estar aí preparando o terreno para a delimitação da experiência psicanalítica como pertencente ao campo da linguagem. A esquematização do pensamento freudiano em etapas, conforme apresentada por Lacan em 1954-55, respondeu à necessidade de evidenciar que Freud não desistiu de perseguir sua 'ideiazinha', sendo que isso o conduziu tanto aos obstáculos às suas teorizações, quanto às soluções propostas a tais dificuldades. No *Seminário II* Lacan empreendeu esforços vários no intuito de resgatar a originalidade subversiva da descoberta freudiana. Tais esforços se organizam em torno do estabelecimento de uma diferenciação clara entre o imaginário e o simbólico, sendo que tudo isso o conduziu ao *Seminário III – As psicoses*.

Este Seminário, de 1956, se configurou, desde os primórdios, como absolutamente necessário ao raciocínio que sustentou a investigação que deu ensejo a este texto. Ali Lacan apresentou a tese da autonomia do simbólico e a incidência disso na teoria psicanalítica da psicose. Ele apresentou sua tese da primazia do significante, e não é sem razões que também aí seja apresentada a forclusão do Nome-do-pai como mecanismo específico da psicose. Encontra-se, no *Seminário III,* a delimitação do campo de investigação e de tratamento da psicanálise a partir da apropriação da lingüística estrutural de Saussure – ciência que tomou o fato da linguagem como objeto de investigação científica. Freud não dispunha disso.

A visada da pesquisa foi epistemológica. Ou seja, o interesse centrou-se em elucidar como Freud produziu saber sobre a psicose, assim como os efeitos dessa maneira de teorizar. A especificidade do percurso foi dada pelo interesse primordial pelo ponto de impasse diante do qual Freud se deteve em suas formulações sobre o mecanismo específico da psicose. Esta consideração permite que o presente trabalho seja diferenciado dos percursos de outros estudos sobre as formulações freudianas da psicose[6].

---

[6] Por exemplo: ALVARENGA (1992), FERNANDES (2003); MEZÊNCIO (2004).

1. AS FORMULAÇÕES FREUDIANAS INAUGURAIS

"[...] *para progredir é preciso saber retomar as coisas.*"
Jacques Lacan

As formulações freudianas inaugurais são marcadas por uma relativa indiferenciação entre os campos da neurose e da psicose, pois ambas as estruturas são teorizadas a partir do solo comum constituído pelas investigações empreendidas por Freud no campo da histeria. Os distúrbios psicóticos, nas publicações anteriores a *A interpretação dos sonhos*, foram teorizados com base em uma nosografia tributária do conceito de defesa. A paranóia e a psicose alucinatória foram incluídas no rol de patologias agrupáveis sob o método descoberto e aplicável à histeria. O desdobramento da consideração dessa indiferenciação estrutural permitiu vislumbrar, nesses primeiros escritos freudianos, uma indistinção presente também entre os campos simbólico e imaginário. Daí o interesse em retomar as formulações de Freud relativas a esse momento tão incipiente da psicanálise. Apresentá-las equivale a apresentar o objeto de estudo da investigação que deu origem ao presente texto, disponibilizando para o leitor o material sobre o qual incidiu o estudo retroativo a partir das contribuições de Jacques Lacan presentes nos *Seminários II* e *III*.

1.1 Primeiro esquema freudiano do aparelho psíquico

No *Projeto para uma psicologia científica* (1895)[7] não são encontradas formulações teóricas específicas sobre a psicose. A distinção nosográfica entre neurose e psicose parece não interessar a Freud nesse momento. Suas teorizações prestam-se a esclarecimentos sobre o funcionamento mental, o que justifica o interesse por elas: esta formulação do aparelho psíquico, ainda que possa ser considerada muito incipiente, lançou as bases sobre as quais todo o edifício teórico da psicanálise foi construído. Freud, ainda muito

[7] As formulações freudianas apresentadas neste tópico foram extraídas da análise realizada por Lacan, em seu *Seminário II*, das contribuições teóricas de Freud presentes no *Projeto para uma psicologia científica* (LACAN, 1985[1955], p.123-158).

influenciado pela neurologia, formulou, a partir do esquema do arco-reflexo, um aparelho psíquico governado pela lei da descarga. Em 1895, o princípio do prazer foi definido como um princípio de constância: a concepção do sistema nervoso da qual Freud se serviu postulava a tendência ao retorno a um ponto de equilíbrio. Lacan qualificou a produção teórica freudiana no *Projeto* como uma "reconstrução mecânica da realidade" (1985[1955], p.133). Freud partiu de um sistema nervoso composto por neurônios interconectados e de um aparelho ψ (*psi*) constituído pelo conjunto das fibras de associação, e se interessou pela quantidade neurônica aí circulante.

No esquema freudiano de base não havia nenhuma menção ao fator energético; apenas quando Freud passou a considerar que o que ocorre no sistema φ (*phi*) precisa ser eficaz no sistema ψ é que se apresentou a noção de acréscimo de energia. Interveio, então, a noção de constância energética: entre ψ (que sente algo de dentro do organismo) e φ (que produz algo que tem a ver com as precisões[8]) haveria equivalência. Mas Freud não se contentou com o que é trazido do mundo exterior; para Lacan (1985[1955], p.139), ele precisou improvisar. Um aparelho suplementar, o sistema ω (*gama*), foi assim introduzido, pois Freud precisava não apenas das estimulações do mundo externo, mas também do próprio mundo externo. Nas palavras de Lacan,

> Trata-se de construir tudo a partir de noções energéticas, ou seja, da idéia de que para que se possa tirar um coelho de uma cartola é preciso primeiro colocá-lo lá dentro. Para que algo saia é preciso que algo entre. A partir daí, vamos construir tudo. Trata-se, muito provavelmente, do sistema da percepção. Não o denominemos, prematuramente, consciência. Freud o confunde mais tarde com o sistema da consciência, mas este último, ele precisa introduzi-lo como hipótese suplementar. Por quê? (1985[1955], p.140).

A fim de não perecer a cada momento, o ser vivo deve receber reflexos adequados do mundo externo. Para tanto, o sistema nervoso efetua uma filtragem organizada e progressiva, que comporta trilhagens. A soma de tais trilhagens fornece a medida do real, e a memória é constituída pela soma de tais séries. Uma série de trilhagens faz surgir no aparelho psíquico, entendido como uma placa sensível, uma imagem, sendo que, se uma mesma série for reativada por nova excitação, a mesma imagem será reproduzida. Por isso toda estimulação tende a produzir uma alucinação: a cada vez que uma mesma excitação tem lugar, os circuitos

[8] Termo utilizado por Lacan no *Seminário II* para distinguir o registro da necessidade do registro do desejo.

associados às primeiras experiências registradas alertam-se. Os neurônios ativados quando o organismo se movimentou pela primeira vez, a partir da pressão das precisões, são reativados. O organismo psíquico, satisfeito nas primeiras experiências confusas associadas à sua primeira precisão, alucina sua segunda satisfação. Lacan chamou atenção para o fato de isso implicar uma identificação entre o fenômeno físico que ocorre no neurônio e aquilo que o sujeito percebe. Se Freud concedeu a isso o nome de *alucinação*, então a percepção autêntica deve estar situada em outro lugar.

O encadeamento das experiências produz efeitos alucinatórios; por isso, é preciso um teste da realidade, uma comparação da alucinação com algo recebido da experiência e conservado na memória. A regulação se dá por meio do processo de derivação, pois o que é quantitativo pode sempre se difundir. Há uma via trilhada pela primeira experiência, a que corresponde uma certa quantidade neurônica, sobre a qual o ego intervém para fazê-la passar não por uma, mas por diversas vias concomitantemente. A partir disso, o que passou pela via trilhada terá um nível rebaixado o suficiente para ser submetido ao teste comparativo com o que tem lugar no nível perceptivo. O ego reativa os neurônios já trilhados em um nível de energia baixo o suficiente para que as distinções possam ser feitas pelo sistema ω. Lacan ressaltou que o ego não se encontra no nível do aparelho perceptual: está dentro do próprio sistema ψ, no âmago do aparelho psíquico.

Para sustentar essa comparação de referência entre o que é dado pela experiência, no sistema que modera as incitações, e o registro de tais incitações, foi preciso recorrer a hipóteses suplementares. No sistema ω trata-se das relações do psíquico com as determinações sutis do mundo exterior. Um aparelho, por ser especializado, só retém parte do fenômeno. Freud identificou, então, a qualidade no aparelho especializado que é a consciência. Em função das exigências científicas de sua época, ele precisou admitir haver constância de energia; por isso o que é trazido deve ser reencontrado em algum lugar. Entre a excitação e a descarga, há o mínimo deslocamento de energia, pois o sistema da consciência deve ser o mais independente possível destes deslocamentos. É preciso destacar sua qualidade pura: o mundo exterior como simples reflexo. Para haver comparação entre o interior e o exterior, o eu precisa inibir ao máximo as passagens de energia no sistema ω.

Por pensar conforme a tradição do arco-reflexo, Freud precisou conceber a consciência e a percepção como um sistema: nesse primeiro esquema do aparelho psíquico,

elas são representadas em uma mesma extremidade, como experimentalmente o são. Há distinção de duas zonas no aparelho psíquico: uma de alucinação memorial, e outra relacionada com um sistema perceptual especializado onde a consciência é o reflexo da realidade. Admitir isso é, para Lacan, uma exigência da teoria freudiana: há um aparelho de registro neutro, do ponto de vista dos investimentos, que constitui um reflexo do mundo.

No *Projeto*, pela primeira vez, conforme assinalou Lacan, apareceu a dificuldade com relação ao sistema da consciência, que Freud não soube como formalizar. Ele se defrontou com a necessidade de atribuir-lhe leis absolutamente especiais, não correspondentes às leis de equivalência energética que controlam as regulações quantitativas. O paradoxo do sistema da consciência pode ser assim resumido: é preciso que a consciência esteja presente, mas que também não esteja. Se este sistema integrar o sistema energético tal como constituído em ψ, ele será somente uma parte deste último; portanto, incapaz de desempenhar seu papel de referência á realidade. Deve haver alguma energia que passe por ele, muito embora o sistema da consciência não possa estar diretamente ligado ao acréscimo maciço de energia do mundo exterior, conforme suposto no sistema de descarga. Tal sistema precisa estar completamente separado do sistema de descarga, e deve receber apenas fracos investimentos de energia capazes de ativar seu funcionamento, de forma que a circulação ocorra sempre de φ a ψ. Essa energia mínima que chega a ω é proveniente apenas de φ. Por outro lado, o sistema ψ precisa de informação do que acontece em ω, e só pode obter tal informação no nível da descarga do sistema perceptivo. A prova da realidade procede, então, do nível do psiquismo: o ego, agente de tal teste, não pertence ao sistema perceptual; encontra-se no âmago do aparelho psíquico.

1.2 Psicose e teoria da defesa

Os escritos pré-psicanalíticos (anteriores à publicação de *A interpretação dos sonhos*) contêm as primeiras formulações freudianas sobre as neuropsicoses de defesa. Nesse momento da produção teórica freudiana, os distúrbios psicóticos foram considerados com base em uma nosografia decorrente do conceito de defesa. Muito embora seja possível reconhecer um esforço de Freud no sentido de distinguir neurose e psicose por meio da potência e da

eficácia da atuação da defesa, a submissão tanto das neuroses quanto das psicoses ao fator etiológico comum da defesa evidencia o fato de que ele procurou, nesse momento inicial, esclarecimentos sobre as duas estruturas em uma mesma base comum, qual seja aquela constituída pelos conhecimentos oriundos de seu interesse peculiar pela histeria e pelo mecanismo do recalque.

1.2.1 As neuropsicoses de defesa

1.2.1.1 Primeiro artigo

Quando o artigo *As neuropsicoses de defesa* (1894) foi escrito, a produção teórica de Freud ainda trazia muitas marcas de seus trabalhos neurológicos, muito embora ele já estivesse profundamente interessado na problemática das neuroses. As formulações aí apresentadas podem ser consideradas as sementes a partir das quais floresceu a teoria psicanalítica, e por isso é possível detectar, já nesse momento tão inicial, a emergência de aspectos que vieram a se tornar parte essencial das concepções freudianas. A essa teorização corresponde o esforço de formalizar uma teoria psicológica da histeria de defesa, de fobias e obsessões, e de certas psicoses alucinatórias. Através da investigação de uma forma de doença mental, Freud descobriu que o ponto de vista por ele adotado – a teoria da defesa – permitiu o estabelecimento de uma conexão inteligível entre as psicoses e as neuroses em questão. Parece que, a princípio, neurose e psicose constituíam campos que podiam ser diferenciados, já que Freud afirmou ter podido estabelecer uma 'conexão inteligível' entre eles a partir da teoria da defesa. Se foi necessária esta conexão, torna-se plausível supor que havia, antes disso, uma diferenciação que não pode ser considerada irrelevante, muito embora Freud agrupe, nessa época, tanto as neuroses quanto as psicoses sob a denominação comum de neuropsicoses de defesa. A teoria da defesa, então, foi o que permitiu a submissão, tanto das neuroses quanto das psicoses, a um mesmo fator etiológico.

Na obra freudiana, a teoria da defesa emergiu em estreita articulação com a problemática da divisão da consciência. A especificidade da perspectiva freudiana, sobretudo em relação a Breuer e a Janet, se deu a ver somente a partir do momento em que Freud adotou um ponto de vista radicalmente distinto sobre o papel da defesa na divisão da consciência. Ele se distanciou de Breuer quando concedeu ao fator da defesa, em detrimento dos estados hipnóides, importância capital na formação dos sintomas histéricos. Contrapondo-se a Pierre Janet, para quem a divisão da consciência era um traço primário da modificação mental na histeria, Freud considerou a atuação da defesa condição *sine qua non* desta patologia. A divisão da consciência, secundária, resultaria do fato de as idéias incompatíveis serem excluídas da comunicação associativa com o restante do conteúdo da consciência. Na histeria de defesa, a divisão da consciência, que decorre de um ato voluntário, tem início por um esforço de vontade cujo motivo pode ser identificado. Para Freud, a histeria e as obsessões, assim como a psicose alucinatória, possuem todas alguma conexão com uma divisão da consciência que serve aos propósitos da defesa.

O ego, em sua atitude defensiva, se dispõe à tarefa de tratar a representação incompatível como se ela nunca tivesse chegado ao aparelho psíquico. Mas tal tarefa não pode ser cumprida, pois os traços de memória referentes à idéia incompatível não podem ser erradicados, já que foram inscritos, deixando marcas no aparelho psíquico. Contudo, o ego pode enfraquecer a poderosa idéia incompatível desvinculando-a do afeto do qual está carregada, sendo que a soma de excitação assim retirada necessariamente deve ser utilizada de outra maneira. Até este ponto, os processos na histeria e nas fobias e obsessões (é curioso o fato de Freud não mencionar aqui as psicoses alucinatórias) são considerados os mesmos. Mas a partir daí seus trajetos divergem.

Na histeria, a idéia incompatível é tornada inócua através da conversão somática. A distribuição da excitação é instável, pois o escoamento foi forçado pela via imprópria da inervação somática. A soma de afeto pode, portanto, encontrar o caminho de volta à idéia da qual foi destacada, compelindo o sujeito a superelaborar a idéia através de associações, ou a livrar-se dela por meio de ataques histéricos. A capacidade de conversão é, para Freud, o fator característico da histeria.

Nas obsessões e fobias, o afeto separado da idéia incompatível permanece na esfera psíquica: livre da representação rechaçada, liga-se a outras idéias adequadas e compatíveis.

Tais idéias, graças a essa falsa conexão, são desenvolvidas como idéias obsessivas. Por operar fora do registro da consciência, a existência desse processo pode ser apenas presumida. Nas obsessões e fobias, uma defesa permanece atuante contra as idéias sexuais, que emergem de maneira contínua. O caráter aflitivo das idéias obsessivas decorre do fato de o trabalho da defesa não atingir sua conclusão. Por isso, o ego obtém menos vantagens ao optar pela transposição do afeto na esfera ideativa, como mecanismo de defesa, em lugar de escolher a conversão somática como meio de utilização do afeto desvinculado da idéia incompatível.

Freud, na terceira e última parte desse texto de 1894, abordou a psicose alucinatória. Encontra-se aí uma distinção muito importante entre a psicose alucinatória, por um lado, e a histeria e as obsessões e fobias, por outro[9]. Na psicose alucinatória encontrar-se-ia em ação uma defesa muito mais poderosa e bem sucedida: o ego rejeitaria a idéia incompatível e o afeto correspondente de maneira que seria possível comportar-se como se a idéia jamais lhe tivesse ocorrido[10]. É curioso o fato de Freud reconhecer na psicose alucinatória esta modalidade de defesa tão bem sucedida. Momentos antes, nesse mesmo texto, ele havia afirmado ser impossível ao ego tratar a representação incompatível como se ela nunca tivesse acometido o aparelho psíquico. Contudo, em relação à psicose alucinatória, essa impossibilidade afigurou-se possível. Freud parece ter vislumbrado uma importante especificidade do mecanismo de defesa em ação na psicose alucinatória; entretanto, não ofereceu maiores esclarecimentos sobre o assunto.

A fim de ilustrar sua asserção, recorreu a um exemplo clínico onde considerou ter havido intensificação de um quadro de histeria até um estado de confusão alucinatória. A possibilidade dessa passagem de um quadro a outro ilustra com propriedade a indiferenciação presente na maneira como Freud concebia neurose e psicose nesse momento de sua elaboração teórica. Após expor o caso em linhas gerais, ele chamou atenção para o fato de o conteúdo de uma psicose alucinatória como a descrita consistir precisamente na acentuação da idéia ameaçada pela causa que desencadeou a doença. Por meio de uma fuga para a psicose, o ego teria se defendido da idéia incompatível. O processo que possibilitaria isso é também elidido

[9] Permanece em aberto a questão de saber se isso se aplica também à paranóia.
[10] Encontra-se aqui a primeira referência freudiana a partir da qual pode-se supor que Lacan formulou o conceito de forclusão do Nome-do-Pai.

da autopercepção do sujeito e da análise psicológico-clínica[11]. Para Freud, a fuga para a psicose seria expressão de uma disposição patológica de grau bastante elevado. O ego, por meio desse processo, conseguiria escapar da idéia incompatível, mas esta se encontra inseparavelmente ligada a um fragmento de realidade, motivo pelo qual o ego, ao alcançar este resultado, se destacaria também (total ou parcialmente) da realidade. Assim, se a defesa é levada a cabo, o sujeito passa a um estado de total confusão alucinatória. Freud reconheceu ter tido acesso a apenas poucas análises de casos de psicose dessa natureza, o que justifica, em alguma medida, suas reservas em relação ao assunto.

Todo o esquema teórico freudiano construído até esse momento de sua elaboração é sustentado por uma hipótese de trabalho apresentada no penúltimo parágrafo desse texto de 1894: nas funções mentais deve-se distinguir algo (quota de afeto ou soma de excitação) que se espalha sobre os traços de memória das idéias. Esse algo possui todas as características de uma quantidade, embora isso não possa ser medido pelos métodos disponíveis, capaz de crescer, diminuir, deslocar e ser descarregado. Tal hipótese corresponde à noção de quantidade deslocável, implícita em todas as discussões teóricas mais antigas de Freud – teoria da ab-reação e princípio de constância, por exemplo.

Freud, nesse artigo de 1894, parece ter lançado as bases sobre as quais seu edifício teórico veio a ser erguido posteriormente. Sua teoria da defesa foi apresentada a partir da diferenciação de seu ponto de vista em relação às concepções de Breuer e de Janet. A problemática da divisão da consciência e de seu papel na configuração de um quadro de histeria encontrava-se no centro da discussão que interessava a Freud, e a especificidade de sua maneira de conceber o assunto parece ter funcionado como marco de orientação para o desenvolvimento subseqüente da teoria psicanalítica. Encontra-se nesse texto, por exemplo, a primeira menção de uma idéia que pode ser considerada indispensável à noção de recalque. Trata-se da possibilidade de o ego enfraquecer a poderosa idéia incompatível separando-a de seu afeto. Para que Freud pudesse formalizar o mecanismo do recalque, era preciso que fosse devidamente enunciada a possibilidade de uma representação ser separada do afeto que a acompanha. Ou seja, era necessária a idéia de que, no inconsciente, não há afeto, mas apenas representações. Esta idéia, juntamente com as diferentes vicissitudes do afeto desvinculado da

[11] É possível vislumbrar, nesse ponto, uma articulação com a idéia lacaniana segundo a qual a forclusão do Nome-do-Pai opera de maneira que não deixa marcas.

representação inconciliável, foi apresentada no texto ora retomado. Tal texto pode, então, em função da densidade conceitual das idéias que veicula, ser considerado o primeiro escrito metapsicológico de Freud, muito embora pertença a um período em que a teoria psicanalítica propriamente dita não havia sido ainda formulada.

1.2.2.2 Segundo artigo

Freud, no artigo *Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa* (1896), recorreu a alguns exemplos clínicos com o intuito de corroborar a teoria, apresentada no artigo anterior[12], que considera a defesa o ponto nuclear do mecanismo psíquico das neuropsicoses. A primeira parte do texto, dedicada a considerações sobre a etiologia específica da histeria, contém apontamentos decorrentes da análise, empreendida por Freud, de alguns quadros histéricos. Os traumas sexuais, encontrados na origem desta neurose, devem ocorrer na infância precoce, antes da puberdade, e seu conteúdo deve corresponder à irritação real dos genitais. O que age de forma traumática não são as próprias experiências que despertam a libido prematuramente, mas o seu reviver como lembrança após a entrada na maturidade sexual. A histeria não pode ser elucidada a partir do efeito do trauma; deve preexistir uma suscetibilidade à reação histérica. Freud localizou esta indefinida disposição histérica na operação póstuma de um trauma sexual infantil: na idade madura, a repressão da lembrança de uma experiência sexual aflitiva só é possível para pessoas capazes de ativar o traço de memória de um trauma ocorrido na infância. Este passa a operar como se fosse uma experiência recente, mas o faz de forma inconsciente. A histeria, assim como as obsessões, é, então, conseqüência indireta dos traços de memória psíquicos das perturbações sexuais experimentadas na infância, antes do advento da maturidade sexual.

A segunda parte do artigo refere-se à natureza e ao mecanismo da neurose obsessiva. Como na histeria, as experiências sexuais da infância precoce possuem significação etiológica. Entretanto, não se trata de passividade sexual, mas de atividade. Apesar dessa pequena diferença nas circunstâncias causais, Freud descobriu, em todos os seus casos de

[12] ESB. 1969, vol. III, p.55-82.

neurose obsessiva, um substrato de sintomas histéricos, e passou a suspeitar que a agressividade sexual precoce implicasse sempre uma experiência de sedução anterior. Para ele, o fator decisivo quanto à emergência da neurose obsessiva ou da histeria dependia de circunstâncias cronológicas no desenvolvimento da libido.

Esse artigo de 1896 parece seguir, em sua organização, a mesma lógica do seu predecessor de 1894. Ambos são divididos em três partes, sendo que a primeira delas refere-se à histeria, e a segunda contém considerações sobre a neurose obsessiva. Com relação à terceira parte de cada um dos escritos, resta uma dúvida. No texto de 1894, Freud se dedicou a considerar, nesta terceira parte, a psicose alucinatória; já no artigo datado de 1896, a parte final refere-se à paranóia crônica. Seria possível aplicar, sem risco de uma extrapolação capaz de comprometer o argumento freudiano, as considerações referentes à psicose alucinatória, presentes no primeiro artigo, ao que ele desenvolve sobre a paranóia crônica, no segundo texto, e vice-versa?

Freud começou a exposição sobre a paranóia crônica com a apresentação da antiga suspeita de que também ela pudesse ser considerada uma neuropsicose de defesa. Ele sustentou de maneira explícita a possibilidade de existência de um mecanismo de repressão peculiar à paranóia, assim como a histeria conta com a especificidade da conversão somática, e a neurose obsessiva, da formação substitutiva. Primeiramente ele falou sobre a possibilidade de um mecanismo específico para a defesa na paranóia; contudo, ao analisar o caso com o qual pretendia ilustrar sua afirmação de tratar-se de uma neuropsicose de defesa, aplicou os pressupostos e o raciocínio utilizados para suas análises dos mecanismos em ação na histeria e na neurose obsessiva.

A aplicação do método de Breuer, exatamente como em um caso de histeria, permitiu evidenciar a presença de representações inconscientes no caso de paranóia analisado. Apenas uma peculiaridade foi enfatizada por Freud: os pensamentos que emergiam do inconsciente eram ouvidos interiormente pela paciente, alucinados do mesmo modo que suas vozes. As alucinações eram, então, partes do conteúdo de experiências infantis recalcadas – sintomas do retorno do recalcado, portanto. Empregando o que foi possível aprender com esse caso, Freud comparou a paranóia e a neurose obsessiva. Em ambas o recalcamento é o núcleo do mecanismo psíquico, e o que foi recalcado corresponde a uma experiência sexual da infância. Na neurose obsessiva, a auto-acusação é recalcada pela autodesconfiança; na

paranóia, pelo processo de projeção, através do sintoma defensivo de desconfiar de outras pessoas, estratégia pela qual o sujeito deixa de reconhecer a auto-acusação. Mas ele fica impossibilitado de se proteger contra ela, que retorna nas idéias delirantes.

No texto anteriormente analisado, datado de 1894, a idéia que mais se destaca é a de "representação incompatível com o ego". Em 1896, no artigo ora retomado, uma novidade, absolutamente relevante para o desenvolvimento ulterior da teoria psicanalítica, emergiu: a noção de trauma apareceu, pela primeira vez, articulada com a teoria da defesa. Freud, a partir desta articulação, formalizou teoricamente a diferença constatada nas circunstâncias etiológicas da histeria e da neurose obsessiva. Com relação à paranóia crônica, parece ter percebido a necessidade de reconhecer a especificidade de seu mecanismo psíquico, muito embora não tenha fornecido maiores esclarecimentos sobre o assunto. Em lugar disso, recorreu a um exemplo clínico cuja análise foi marcada pela tentativa de elucidar teoricamente um caso de paranóia crônica a partir dos pressupostos válidos para quadros de histeria e de neurose obsessiva. Freud parece muito apegado à noção de recalque como possibilidade de elucidação da etiologia – e do mecanismo psíquico, por conseguinte – das diferentes neuropsicoses de defesa. Contudo, ele esbarrará em um impasse significativo. Este assunto será objeto de uma análise pormenorizada que integra o segundo capítulo do presente texto.

1.2.2 Formulações sobre a psicose na correspondência com Fliess

Na correspondência com Fliess também são encontradas formulações teóricas relevantes que integram as primeiras elaborações freudianas sobre a etiologia das psiconeuroses. O problema da "escolha da neurose" ocupou Freud em diferentes momentos, e ele compartilhou com seu correspondente as diferentes hipóteses aventadas no intuito de esclarecer esta espinhosa questão. Questões etiológicas ocupavam o centro do interesse freudiano, e pode-se dizer que Fliess, receptáculo das hipóteses convocadas como válidas, se constituiu como interlocutor indispensável ao avanço das elaborações teóricas de Freud.

1.2.2.1 Rascunho H (1895)

Aqui, a paranóia foi considerada uma psicose intelectual: as idéias delirantes foram entendidas, ao lado das idéias obsessivas, como distúrbios puramente intelectuais. O mecanismo da projeção foi debatido, mas sem nenhum indício de que a doença pudesse ter uma base homossexual. A paranóia, em sua forma clássica, foi considerada, ao lado da histeria, da neurose obsessiva e da confusão alucinatória, um modo patológico de defesa. Havendo a disposição peculiar, diante de coisas intoleráveis as pessoas tornar-se-iam paranóicas. Tal disposição consistiria em uma tendência para o que representa a caracterização psíquica da paranóia, elucidada, no texto, através de um exemplo onde o conteúdo sexual do evento que desencadeou a paranóia foi enfatizado. A paciente, encaminhada por Breuer a Freud, foi tratada com o objetivo de "curar sua tendência à paranóia tentando fazê-la reviver a lembrança da cena" (ESB, 1969, vol. I, p.285). Mas o tratamento não obteve êxito e, a partir da reiterada negação da paciente em responder às suas perguntas, Freud decidiu em favor da constatação da presença de mecanismos defensivos em ação. Para ele, ela queria não se lembrar do acontecido, e por isso o reprimia intencionalmente[13].

A peculiaridade da defesa paranóica foi vislumbrada a partir da constatação de que a censura era proveniente de fora. Para Freud, o tema do conteúdo submetido à ação defensiva não havia sofrido alterações, e a especificidade do mecanismo deveria ser situada na localização da defesa: em vez de uma autocensura interna, teriam lugar recriminações vindas de fora. O propósito seria rechaçar uma idéia incompatível com o ego através da projeção de seu conteúdo no mundo externo. A 'projeção normal' corresponderia a um processo no qual seria possível permanecer consciente da mudança interna. Caso a atenção recaísse apenas sobre a premissa que conduz ao exterior, teria lugar a paranóia. Tratar-se-ia, pois, de abuso, para fins de defesa, do mecanismo de projeção.

No *Rascunho H* apareceu, pela primeira vez, a idéia de um "modo patológico de defesa". A defesa bem sucedida equivale à saúde, à ausência de excessos circulando no

[13] No texto *Comunicação Preliminar*, em nota de rodapé, encontra-se o esclarecimento de que o "intencionalmente" a que a afirmação anterior se refere diz respeito ao fato de o ato de repressão ser introduzido por um esforço de vontade, o que é indicativo da existência não de intenção consciente, mas de um motivo (ESB, 1969, vol. II, p.51).

aparelho psíquico em decorrência da atuação satisfatória do recalque. Por outro lado, se o recalque fracassa, a defesa patológica é então convocada para tornar inócua a representação incompatível. Esta idéia de uma defesa patológica pode, portanto, ser considerada de fundamental importância para a formalização da noção de recalque, central para todo o desenvolvimento subseqüente da teoria psicanalítica. Ainda nesse sucinto texto, Freud recorreu, mais uma vez, a um exemplo clínico a fim de caracterizar psiquicamente a paranóia, cujo tratamento foi orientado pelo objetivo de alcançar a cura por meio da lembrança da cena traumática. A teoria do trauma aparece aqui em toda a sua fundamental importância para a concepção da cura pela reminiscência, prevalente na clínica freudiana nos tempos em que imperava a análise das resistências. Contudo, também essa tentativa freudiana de tratar a paranóia a partir dos pressupostos válidos para a clínica da neurose foi fadada ao fracasso. Dessa forma de elucidar teoricamente o caso, decorreram efeitos na clínica. Muito embora tenha sido possível a Freud promover a cessação das alucinações da paciente através do recurso ao método de Breuer, posteriormente a doença foi exacerbada, o que, segundo o próprio Freud, desfez os resultados bem sucedidos do tratamento. Quando ainda se tratava, a condição da paciente sofreu um agravamento tal que o tratamento precisou ser interrompido. Ela foi transferida a uma instituição onde passou por um período de graves alucinações e teve seus sintomas associados ao da demência precoce.

1.2.2.2 Rascunho K (1896)

Freud comparou, considerando seus vários aspectos comuns, a histeria, a neurose obsessiva e a paranóia, todas entendidas como neuroses de defesa. Os pontos de concordância podem ser assim enunciados: (1) todas são aberrações patológicas de estados afetivos psíquicos normais; (2) conduzem a um permanente prejuízo para o ego[14]; (3) as causas precipitantes necessariamente têm que ser de natureza sexual e ocorrer no período anterior à maturidade sexual, sendo que a hereditariedade é considerada uma precondição a mais.

---

[14] Aqui entendido como parte do sistema ψ, como responsável por efetuar o teste de realidade, de acordo com o *Projeto para uma psicologia científica* (1895), conforme apresentado por LACAN (1985 [1955]).

Existe uma tendência normal à defesa, uma aversão ao emprego da energia psíquica de forma que resulte desprazer. Tal tendência guarda relações com a lei da constância e atua somente sobre lembranças e pensamentos, não podendo ser empregada contra percepções, já que estas são capazes de se impor à atenção, o que é evidenciado pelo fato de elas poderem ser objeto da consciência. Essa tendência normal à defesa é inofensiva se incide sobre idéias antes associadas a algum desprazer, mas incapazes de gerar, na atualidade, desprazer além do recordado. Mas a tendência à defesa é prejudicial se dirigida contra idéias capazes de liberar novo desprazer a partir de lembranças, o que ocorre tipicamente com as idéias sexuais. A condição necessária é a interposição da puberdade entre a experiência e a sua repetição na lembrança. Nesse sentido, para que não tenha lugar um quadro patológico, é preciso que, antes da puberdade, não ocorra nenhuma estimulação sexual muito significativa, e que não haja disposição hereditária. Por considerar não existir nenhuma teoria correta do processo sexual, Freud afirmou que a questão da origem do desprazer atuante no recalcamento permaneceria sem resposta.

O rumo tomado pela doença nas neuroses de defesa é geralmente o mesmo: (1) a experiência sexual, traumática e prematura, é recalcada; (2) o recalcamento, depois, desperta a lembrança correspondente, o que conduz à formação de um sintoma primário; (3) a defesa bem sucedida tem lugar, o que equivale à saúde, com exceção da presença do sintoma primário; (4) há retorno das idéias recalcadas com formação de novos sintomas a partir da luta entre elas e o ego. A forma como as idéias recalcadas retornam é o fator responsável pelas principais diferenças entre as diversas neuroses. Outras particularidades são evidenciadas na maneira como os sintomas são formados e no rumo tomado pela doença, mas o que há de específico em uma neurose é o modo como o recalque é realizado.

Freud descreveu como isso se daria na neurose obsessiva, na histeria e na paranóia. Com relação às duas primeiras, estabeleceu especificidades da experiência primária, da ocasião da rememoração posterior da mesma, do recalcamento e da formação sintomática. Não afirmou haver, na paranóia, obscuridade com relação a esta seqüência de acontecimentos, mas isso pode ser percebido na maneira como a descrição foi efetuada. Os fatores clínicos e as relações cronológicas do prazer e do desprazer na experiência primária eram ainda desconhecidos para Freud, sendo possível distinguir apenas a existência do recalcamento, o sintoma primário e o estado da doença como determinada pelo retorno das idéias recalcadas.

Apesar de ter dito que o recalcamento ocorre em função do advento do desprazer pela lembrança recalcada, Freud reconheceu não saber como isso acontece na paranóia. Não há formação ou recalque de autocensura, e o desprazer experimentado é atribuído a pessoas do universo de relacionamentos do paciente, segundo a fórmula psíquica da projeção. O sintoma primário é a desconfiança. Os fragmentos das lembranças que retornam são distorcidos através de uma substituição cronológica. As vozes, que lembram a autocensura, não se relacionam com a experiência primária, e sim com o sintoma primário – a desconfiança. A crença, separada da autocensura primária, assume irrestritamente o comando dos sintomas conciliatórios, que não são considerados estranhos pelo ego. Este se vê impelido, por tais sintomas, a investir em tentativas de explicação, descritas como delírios assimilativos[15], que podem ser considerados o início de uma modificação do ego, expressão de sua dominação.

O elemento básico da paranóia é o mecanismo da projeção, que envolve a recusa da crença na autocensura. Daí decorrem as características paranóicas: a importância das vozes, dos gestos, do tom dos comentários e das alusões das vozes. Na paranóia, o recalque é efetuado após um processo de pensamento consciente e complexo: a recusa da crença. Para Freud, as precondições do recalcamento são as mesmas, mas ele não sabe se o mecanismo da projeção pode ser entendido como uma questão puramente de disposição individual, ou se é também selecionado por fatores transitórios e contingentes. Foram enumeradas quatro espécies de sintomas na paranóia: (1) primários da defesa; (2) conciliatórios do retorno; (3) secundários da defesa; (4) de dominação do ego.

No *Rascunho K*, as neuropsicoses de defesa foram consideradas aberrações patológicas de estados afetivos normais. Isso pode ser entendido como algum tipo de dificuldade no funcionamento da tendência normal à defesa, nesse momento já concebida por Freud como distinta da defesa patológica. Aquilo que ele concebeu nos termos de uma "tendência normal à defesa" parece guardar relações com o estado de saúde, ou de ausência de patologia. Por outro lado, se a defesa falha, se ela não é bem sucedida, o recalque é então convocado para lidar com a presença da representação incompatível no aparelho psíquico. É interessante salientar que esta noção de uma defesa prejudicial surgiu, na teoria freudiana, em estreita articulação com a emergência da importância conferida à sexualidade. Contudo, apesar

[15] Denominados 'combinatórios' ou 'interpretativos' no segundo artigo sobre as neuropsicoses de defesa (ESB, 1969, vol. III, p.183-211).

de reconhecer tal relevância, Freud afirmou que, em função da inexistência de uma teoria correta da sexualidade humana, a origem do desprazer em ação no recalque permaneceria ainda sem elucidação.

1.2.2.3 Carta 46 (1896)

Freud apresentou uma solução da etiologia das psiconeuroses através da diferenciação de quatro períodos de vida: até 4 anos (período I*a*); até 8 anos (período I*b*); até 14 anos (período II); até 'x' (período III). Além disso, dois períodos de transição foram interpostos: entre I*b* e II, o período A (cerca de 8 a 10 anos); entre II e III, o período B (cerca de 13 a 17 anos). Se uma lembrança sexual de uma época precedente for despertada em uma época posterior, um excesso de sexualidade é produzido na psique. Somente o excesso de sexualidade não pode causar recalcamento: é necessária a cooperação da defesa. E, sem um excesso de sexualidade, a defesa não pode produzir neurose[16].

As diferentes neuroses possuem requisitos cronológicos particulares para suas cenas sexuais. Para a histeria, as cenas ocorrem no período I*a*; para as neuroses obsessivas, na época I*b*; com relação à paranóia, as cenas sexuais se situam na época II. Nesse caso, a atuação da defesa é evidenciada pela desconfiança. Freud chamou atenção para o fato de os períodos em que ocorre o recalque não serem relevantes para a escolha da neurose, pois os períodos em que ocorre o evento é que são decisivos. A natureza da cena, por dar ensejo à defesa, revela-se fundamentalmente importante.

Freud verificou ser a paranóia uma doença da idade adulta, que praticamente não depende de fatores infantis. Ele sugeriu considerá-la a neurose de defesa por excelência, independente da moralidade e da repulsa à sexualidade. Contudo, apesar de ter vislumbrado elementos capazes de fomentar uma reflexão no sentido da busca da especificidade do mecanismo defensivo em ação na paranóia, ele não avançou em suas considerações a esse respeito. Sua produção teórica nessa época considerava a defesa o ponto nuclear do

[16] Parece haver aqui diferenciação no uso dos termos *recalque* e *defesa*, usados indiscriminadamente por Freud neste momento de sua elaboração teórica. A distinção propriamente dita só foi operada mais tardiamente (ver ESB, 1969, v.XX, p. 187-189).

mecanismo psíquico de todas as neuropsicoses, mas de alguma maneira houve privilégio da histeria e da neurose obsessiva em suas formulações. Reconhecendo sua falta de perspectivas para estudar a paranóia com a mesma regularidade com a qual pôde investigar casos de histeria e de neurose obsessiva, Freud depositou esperanças na idéia de que suas formulações pudessem motivar um psiquiatra – "melhor situado" que ele no assunto – a conferir ao fator da defesa seu justo lugar na discussão sobre o mecanismo psíquico da paranóia.

1.2.2.4 Carta 52 (1896)

Freud apresentou a hipótese segundo a qual a organização do aparelho psíquico se daria a partir de um processo de estratificação. A novidade que disso decorre é a tese de que a memória se desdobra em vários tempos, sendo registrada em diferentes tipos de indicações, passível de diversos rearranjos. Os sucessivos registros representam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida, sendo que, na fronteira entre tais épocas, deve ocorrer uma tradução do material psíquico.

O recalcamento passou a ser entendido como uma falha na tradução, como se o desprazer gerado provocasse um distúrbio do pensamento capaz de impedir o trabalho de tradução. A defesa normal, decorrente da produção de desprazer, ocorre dentro de uma mesma fase psíquica e entre registros da mesma espécie. Já a defesa patológica ocorre apenas contra um traço mnêmico de uma fase anterior, ainda não traduzido. O que determina a defesa patológica é a natureza sexual do evento e sua ocorrência em uma fase anterior. Freud estabeleceu uma cronologia de ocorrência dos elementos a que se referem as lembranças recalcadas: entre 1,5 e 4 anos na histeria; entre 4 e 8 anos na neurose obsessiva; entre 8 e 14 anos na paranóia. Mais uma vez ele se dedicou a elucidar o problema da escolha da neurose recorrendo a considerações cronológicas.

Na *Carta 52*, o recalque foi concebido como uma falha na tradução do material psíquico de um registro a outro da memória, que é múltipla, reinscrita em diferentes arranjos. As especificidades das psiconeuroses[17] foram explicadas a partir da não ocorrência da

[17] O termo poderia ser tomado como equivalente de "neuropsicoses"?

tradução em relação a determinada parte do material. Outro aspecto importante a ser ressaltado no que concerne a esta carta diz respeito ao fato de a importância da sexualidade na operação da defesa patológica ter sido aí claramente enunciada.

1.2.2.5 Carta 55 (1897)

Freud anunciou, com relação à psicose, uma idéia, naquele momento recente e viável, baseada em descobertas analíticas. Uma psicose[18] seria determinada em lugar de uma neurose caso o abuso sexual ocorresse antes do fim do primeiro estágio intelectual (antes dos 15 aos 18 meses). A partir da exposição de um sucinto fragmento de caso clínico, Freud decidiu em favor da possibilidade de o agravamento de uma neurose conduzir a uma psicose na geração seguinte, o que foi denominado "degeneração". O acolhimento, por parte de Freud, desta possibilidade, pode ser tomado como algo capaz de ilustrar com propriedade a maneira como ele concebia neurose e psicose nesse momento de sua elaboração teórica: ambas submetidas ao fator etiológico comum da defesa. É importante ressaltar que Freud ainda não havia diferenciado defesa e recalque: os dois termos eram usados como sinônimos. Somente posteriormente a defesa foi considerada algo mais abrangente que o recalque. Este uso indiscriminado dos dois termos pode ser pensado como indicativo inconteste do privilégio concedido por Freud ao conceito de recalque, como se todos os mecanismos de defesa convergissem para tal mecanismo psíquico.

1.2.2.6 Carta 61 (1897)

Freud afirmou que seus progressos estavam se consolidando. As fantasias histéricas, que funcionam como auto-absolvição, foram consideradas estruturas protetoras dos fatos. As estruturas psíquicas que, na histeria, são alvo do recalcamento, não são lembranças,

[18] Amência ou psicose confusional, de subjugação, conforme *Rascunho K* (1896).

mas impulsos decorrentes das cenas primevas. Esta afirmação parece constituir uma indicação do início da teoria dinâmica da etiologia das neuroses e dos processos mentais em geral. As três neuroses (histeria, neurose obsessiva e paranóia) possuem os mesmos elementos e a mesma etiologia: fragmentos mnêmicos, impulsos derivados da lembrança, ficções protetoras. Mas a irrupção na consciência e a formação sintomática ocorrem em pontos diferentes. Elementos distintos, distorcidos pela formação de compromissos, penetram na vida normal de acordo com a neurose correspondente: na histeria, as lembranças; na neurose obsessiva, os impulsos pervertidos; na paranóia, as ficções protetoras (fantasias).

1.2.2.7 Rascunho M (1897)

Neste rascunho, enviado a Fliess como anexo à *Carta 63*, Freud afirmou serem algumas cenas diretamente acessíveis, ao passo que outras apenas o são através de fantasias erigidas frente a elas[19]. Afirmou ainda que as cenas são dispostas de maneira a contribuir para o aumento da resistência. As fantasias têm origem em uma combinação inconsciente de coisas experimentadas e ouvidas, conforme determinadas tendências cujo objetivo é tornar inacessível a lembrança incompatível com o ego. Em períodos de excitação, como conseqüência da construção de fantasias dessa natureza, os sintomas mnêmicos cessam, e, em seu lugar, apresentam-se imaginações inconscientes, não submetidas à defesa. Mas, se a intensidade desta fantasia cresce até ser capaz de irromper forçosamente na consciência, ela é então recalcada, e um sintoma é formado a partir da força que impele da fantasia até suas lembranças constituintes. Freud estabeleceu uma diferença importante com relação às fantasias: elas seriam independentes entre si e contraditórias na histeria, e sistematizadas e em harmonia umas com as outras, na paranóia. Parece que uma diferença importante entre os campos da neurose e da psicose foi aqui percebida. Contudo, Freud não aprofundou suas considerações visando a uma construção teórica capaz de contemplar tal diferença.

---

[19] Conforme *Carta 61* (1897).

1.2.2.8 Carta 75 (1897)

Freud retomou o problema da escolha da neurose. A decisão sobre a emergência de um quadro de histeria, de neurose obsessiva ou de paranóia estaria na dependência da localização cronológica que possibilita o recalque, ou seja, que permite a transformação de uma fonte de prazer interno em uma fonte de aversão. Freud comunicou ser este o ponto até onde avançou, "com todas as obscuridades aí envolvidas" (ESB, 1969, vol. I, p.365), esclarecendo que a ausência de clareza se referia à natureza da modificação através da qual a sensação interna de necessidade pode ser transformada em sensação de aversão. A problemática referente à origem do desprazer atuante no recalcamento, já considerada enigmática no *Rascunho K*, permanecia ainda sem elucidação. A crítica da teoria traumática, presente na *Carta 69*, parece estar em grande parte esquecida na *Carta 75*.

1.3 Psicose e formações oníricas

> *"[...] de modo algum abandonamos a relação existente entre os sonhos e as perturbações mentais, mas estabelecemo-la mais firmemente, em novas bases."*
> Sigmund Freud

A partir de *A interpretação dos sonhos* (1900), a psicose passou a ser concebida em sua articulação com os processos psíquicos atuantes nos sonhos. Freud identificou em ação, nas formações oníricas, processos irracionais de pensamento, diante dos quais ficou bastante surpreso[20]. Muito embora não tenha se dedicado a teorizar a psicose nesse momento de sua elaboração teórica, Freud se viu compelido a abordar assuntos relativos a este campo, desde que se deparou com analogias quase surpreendentes entre as formações oníricas e as doenças mentais.

[20] Este assunto será objeto de uma análise mais detalhada no Capítulo 3, item 3.3.1 (p.99-101).

1.3.1 Sonho e doença mental

Em *A interpretação dos sonhos* (1900), no tópico destinado à discussão sobre as relações entre os sonhos e as doenças mentais[21], Freud apresentou três maneiras de conceber esta articulação: a partir de conexões etiológicas e clínicas, de modificações da vida onírica em casos de doença mental, ou de analogias entre os sonhos e as psicoses. Com relação às ligações clínicas e etiológicas, foram apresentadas as seguintes observações: uma primeira irrupção de loucura delirante pode se originar a partir de um sonho ansioso ou terrificante, sendo a idéia dominante ligada ao sonho; em alguns casos de paranóia, o sonho pode funcionar como a verdadeira causa determinante; os sintomas patológicos podem estar contidos na vida onírica, estando a psicose limitada aos sonhos; em casos de recuperação de doenças mentais é possível um funcionamento normal durante o dia, e uma vida onírica ainda sob influência da psicose. Freud acreditava que, ao lado de uma psicologia dos sonhos, seria necessário considerar uma psicopatologia dos sonhos.

No que se refere às possíveis modificações da vida onírica nas psicoses crônicas, havia, até aquele momento, pouquíssimas pesquisas. Por outro lado, no tocante às analogias entre sonhos e doenças mentais, investigações se proliferavam. Retomando autores precedentes, Freud enumerou os pontos de concordância: tanto os sonhos quanto a loucura caracterizam-se, principalmente, pela existência de excêntricas seqüências de pensamento e de fraqueza de julgamento; em ambos os estados há supervalorização das realizações mentais do próprio paciente, ausência de sentido do tempo e possibilidade de cisão da personalidade. É ainda possível estabelecer um paralelo entre a rapidez da seqüência de idéias, nos sonhos, e a fuga de idéias, na psicose. Além disso, as idéias nos sonhos e nas psicoses são realizações de desejos. Para Freud, estaria aí a chave de uma teoria psicológica dos sonhos e das psicoses.

A indiscutível analogia entre os sonhos e as doenças mentais funcionou, para Freud, como um poderoso suporte da teoria médica da vida onírica. Mas ele admitiu não ser possível esperar que a explicação final dos sonhos pudesse ser encontrada na direção das desordens mentais, reconhecendo o estado insatisfatório de seus conhecimentos sobre a origem dessas perturbações. Ao contrário, considerava provável que modificações na atitude

[21] ESB, 1969, vol. IV, p.93-98.

com relação aos sonhos pudesse afetar os pontos de vista sobre o mecanismo das desordens mentais, ou seja, que a procura de esclarecimentos sobre os mistérios dos sonhos pudesse contribuir para elucidações sobre a especificidade do mecanismo da psicose.

1.3.2 Segundo esquema freudiano do aparelho psíquico

No capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (1900), intitulado "A psicologia dos processos oníricos", Freud retomou sua teorização sobre a constituição e a esquematização do aparelho psíquico, tarefa já empreendida por ocasião do *Projeto para uma psicologia científica* (1895). Mas aqui, conforme salientou Lacan (1985[1955], p.153-154), houve introdução da dimensão temporal, o que permitiu a Freud passar de um esquema mecânico a um esquema lógico.

O sonho, para Freud, é um processo dotado de significação e passível de inserção na cadeia de experiências psíquicas do sonhador. Questões relacionadas à interpretação onírica, a princípio, ocupavam o centro das preocupações freudianas. Contudo, o sonho do filho a queimar,[22] que não levantou problemas de interpretação por ter apresentado um significado óbvio, mas que manteve todas as características essenciais que diferenciam os sonhos da vida de vigília, conduziu a novas problematizações. Apenas após elucidar o trabalho de interpretação seria possível a Freud começar a compreender as deficiências de sua psicologia dos sonhos. Nesse sentido, ele afirmou que a parte fácil e agradável da viagem havia ficado para trás, e que a tentativa de penetrar mais profundamente nos processos mentais em jogo no ato de sonhar conduziria a caminhos obscuros. Por isso foi necessário estabelecer algumas hipóteses novas, relacionadas à estrutura do aparelho mental e ao jogo de forças ali operante.

[22] Um pai, de vigília cuidando do filho doente durante dias e noites seguidos, após a morte do menino, deitou-se no quarto contíguo para descansar. A porta foi deixada aberta, de forma que o pai podia enxergar o local onde o corpo do filho jazia rodeado por velas. O pai então sonhou que seu filho, de pé a seu lado, tomou-lhe pelo braço e lhe repreendeu: "pai, não vês que estou queimando?" Ele acordou e efetivamente constatou que uma vela acesa havia queimado parte da roupa e de um dos braços do cadáver. A explicação freudiana para este sonho é simples: o clarão de luz alcançou o pai adormecido e o levou a concluir o que ele teria pensado caso estivesse desperto, ou seja, que uma vela havia caído e ateado fogo em algo. Para Freud, o conteúdo do sonho é sobredeterminado: trata-se de um processo que tem um sentido e que pode ser inserido na cadeia de experiências psíquicas do sonhador. Todo sonho abriga uma realização de desejo. No caso do sonho aqui retomado, o filho morto apresentou-se ao pai ainda vivo (ESB, 1969, vol. V, p.543-544).

1.3.2.1 O poder da censura e o esquecimento nos sonhos

O fenômeno de esquecimento nos sonhos foi analisado a partir de considerações sobre a infidelidade da memória. Para Freud, os constituintes mais triviais de uma formação onírica são aqueles absolutamente indispensáveis para sua interpretação, pois importa, primordialmente, a escolha das palavras através das quais um sonho é apresentado. Ainda que o texto do sonho fosse sem sentido, Freud o tratava como se fosse a "Sagrada Escritura". Um valor inestimável foi, assim, concedido àquilo que outros autores consideraram uma improvisação arbitrária. Os sonhos, quando narrados, são realmente deformados pela ação da elaboração secundária do agente responsável pelo pensamento normal, sendo que a própria deformação é parte da elaboração que resulta da censura onírica. Os autores anteriores a Freud se equivocaram por apostar na arbitrariedade dessa deformação, como se ela fosse insolúvel e forjada para fornecer uma representação enganadora do sonho. Para Freud, "eles subestimaram até que ponto os acontecimentos psíquicos são determinados. Não há nada de arbitrário neles" (ESB, 1969, vol. V, p.548).

A dúvida sobre a correção do relato de um sonho, ou de um de seus pormenores, é derivada da censura onírica, da resistência à introdução dos pensamentos oníricos na consciência. Tal resistência não é eliminada, mesmo por meio da ação dos deslocamentos e das substituições a que dá ensejo, pois persiste sob a forma de dúvida com relação ao material que teve acesso à consciência. Essa dúvida incide apenas sobre os elementos mais fracos e indistintos de um sonho, e, se um desses elementos quase insignificantes é atacado, tem-se aí uma indicação segura de tratar-se de um derivado relativamente direto de um dos pensamentos oníricos proscritos. A interpretação de um sonho se depara sempre com as forças psíquicas responsáveis por sua deformação. O sonho é uma estrutura que possui um significado, sendo que a própria deformação empreendida em sua narrativa integra esta significação.

O método freudiano de interpretar sonhos exige o abandono de todas as idéias intencionais que normalmente dirigem o curso do pensamento. Caso o sujeito se liberte destas idéias, outras intencionais desconhecidas (ou inconscientes) passam a determinar o curso ideativo. Uma associação não está sob influência de idéias intencionais quando as imagens parecem superficialmente conectadas. Contudo, sempre que um elemento psíquico encontra-se

ligado a outro através de uma associação superficial, há, entre eles, uma ligação legítima e mais profunda, sujeita à resistência da censura. A verdadeira razão para a prevalência de tais associações superficiais é a pressão da censura. Por estar ciente disso, Freud não hesitou, na interpretação de sonhos, em apoiar-se tanto nas associações superficiais quanto nas outras.

1.3.2.2 O caráter imaginário do sonho: a regressão

Os sonhos são atos psíquicos cuja força motivadora é um desejo a buscar realização. Os fatores que contribuem para sua formação são as necessidades de fugir à censura psíquica e de condensação do material psíquico, e, ainda, a possibilidade de representação em imagens sensoriais. O sonho do filho queimando[23] apresentou a característica mais geral e notável do processo de sonhar: um pensamento, em geral de algo que é desejado, é objetivado a partir de sua representação como uma cena experimentada. Como encontrar para esta peculiaridade da elaboração onírica – o fato de seu conteúdo ideacional ser transformado de pensamento em imagens sensoriais – um lugar no nexo dos processos psíquicos? Freud reconheceu que nem todo sonho apresenta tal transformação de idéias em imagens sensoriais, pois há sonhos que consistem apenas em pensamentos. Reconheceu ainda ser essa transformação também encontrada nas alucinações e visões que podem aparecer como sintomas nas psiconeuroses. Portanto, com o objetivo de alcançar uma compreensão dessa característica, Freud se entregou a uma discussão que o conduziu a algumas divagações.

Como ponto de partida dessa investigação, ele recuperou a idéia de Fechner de que a cena de ação dos sonhos não corresponde à cena da vida ideacional de vigília. Recorreu à idéia da localização psíquica, evitando a tentação de determinar tal localização a partir da anatomia. O aparelho psíquico foi dividido em duas extremidades: uma sensória e uma motora. Com relação à primeira, Freud afirmou que, das percepções que colidem com o aparelho mental, restam traços de memória que correspondem a modificações permanentes dos elementos dos sistemas. Uma mesma excitação, veiculada pelos elementos da percepção,

[23] ESB, 1969, vol. V, p.543-544.

deixa variados registros permanentes; por isso Freud supôs, em lugar de apenas um, vários elementos mnemônicos. O sistema perceptual não pode reter nenhum traço associativo: a base da associação reside nos sistemas mnemônicos. Ele sugeriu representar o aparelho psíquico como semelhante a um microscópio composto ou a um aparelho fotográfico, e afirmou que esta analogia se prestaria somente a auxiliar seus esforços de elucidar o funcionamento mental. Considerou estar justificado em seguir suas especulações enquanto pudesse manter a frieza de seu juízo e não tomasse "os andaimes pelo edifício" (ESB, 1969, vol. V, p.572).

O aparelho mental foi, assim, representado como um instrumento composto, sendo seus componentes denominados instâncias ou sistemas. A excitação passaria pelos sistemas segundo uma seqüência temporal especial, pois o aparelho é dotado de uma direção. A atividade psíquica teria início em estímulos (internos ou externos) e terminaria em enervações, respondendo a uma tendência à descarga. Freud atribuiu a seu aparelho esquemático uma extremidade sensória (sistema que recebe percepções) e uma extremidade motora (sistema que permite acesso à motilidade). Os processos psíquicos, via de regra, avançariam da extremidade perceptual para a motora. Os processos reflexos continuavam, portanto, fornecendo o modelo para as funções psíquicas.

Uma primeira diferenciação na extremidade sensória foi introduzida: das percepções que colidem com o aparelho psíquico, restariam traços de memória, considerados modificações permanentes dos elementos dos sistemas. Mas um único sistema não pode reter modificações de seus elementos e, ao mesmo tempo, permanecer continuamente aberto à recepção de novas ocasiões de modificação. Essas duas funções devem ser atribuídas a sistemas diferentes. Freud supôs que um sistema, na frente do aparelho, recebe estímulos perceptivos, e que, por trás deste, encontra-se um outro sistema que transforma as excitações passageiras do primeiro em traços permanentes. O sistema perceptual não pode reter nenhum traço associativo: a base da associação reside nos sistemas mnemônicos. Freud reconheceu a necessidade de supor não apenas um, mas vários elementos mnemônicos, pois uma mesma excitação transmitida pelos elementos da percepção deixa variados registros permanentes.

As suposições sobre a construção do aparelho psíquico em sua extremidade sensória foram feitas sem levar em conta os sonhos, e Freud apostou que as provas fornecidas pelas formações oníricas pudessem auxiliá-lo na compreensão da extremidade motora do aparelho. A explicação da formação dos sonhos exigiu a hipótese de duas instâncias psíquicas,

sendo uma capaz de submeter a atividade da outra a uma crítica que culmina com a exclusão da consciência. Caso tais instâncias sejam substituídas por sistemas, o sistema crítico deve ser localizado na extremidade motora do aparelho. O último dos sistemas aí situados é o pré-consciente, e o sistema a ele subjacente é denominado o inconsciente.

Considerando o desejo onírico, pode-se dizer que a força motivadora para a formação dos sonhos é fornecida pelo inconsciente. O caminho que conduz, através do pré-consciente, à consciência, é barrado aos pensamentos oníricos durante o dia em função da censura imposta pela resistência. Durante a noite, eles podem ter acesso à consciência, mas essa diminuição da resistência entre o inconsciente e o pré-consciente só pode explicar os sonhos que são da natureza de idéias, mas não aqueles que possuem a qualidade alucinatória que interessava a Freud. A única maneira encontrada, para descrever os sonhos alucinatórios, foi dizer que a excitação se movimenta em uma direção regressiva: ela não é transmitida na direção da extremidade motora do aparelho, mas se movimenta no sentido da extremidade sensória, atingindo o sistema perceptivo. Por isso os sonhos possuem um caráter regressivo.

Mas essa regressão não ocorre apenas nos sonhos. A rememoração intencional também envolve um movimento retrogressivo do aparelho psíquico, mas aí tal movimento não se estende para além das imagens mnemônicas, sendo incapaz de produzir efeitos alucinatórios. Nos sonhos, acontece de maneira diferente, pois a elaboração onírica é capaz de transferir intensidades vinculadas às idéias de uma idéia para outra. Esta alteração do procedimento psíquico normal é o que possibilita a catexia do sistema perceptual na direção inversa. Com relação à modificação que permitiria uma regressão incapaz de ocorrer durante o dia, Freud reconheceu ter que se contentar apenas com algumas conjeturas, e considerou tratar-se de uma questão de alterações nas catexias de energia ligadas aos diferentes sistemas. Tais alterações aumentariam ou diminuiriam a facilidade com que os sistemas podem ser atravessados pelo processo excitatório.

Ao longo do dia, uma corrente contínua flui do sistema perceptual na direção da atividade motora. Esta corrente cessa durante o estado de sono, não podendo mais funcionar como obstáculo a uma corrente de excitação a fluir no sentido oposto. Nas regressões dos estados patológicos de vigília, o movimento retrogressivo ocorre, a despeito do fato de haver uma corrente sensória fluindo ininterruptamente numa direção para frente, da extremidade sensória para a motora. A explicação freudiana para as alucinações e visões durante o estado

de vigília equivale a dizer que elas são, de fato, regressões, pensamentos transformados em imagens. Mas os únicos pensamentos que podem sofrer esta transformação são aqueles intimamente ligados a lembranças que foram suprimidas e permaneceram inconscientes.

Com relação à propensão característica dos sonhos a transformar seu conteúdo ideacional em imagens sensoriais, Freud salientou que este aspecto da elaboração onírica não foi explicado a partir de qualquer lei psicológica conhecida, sendo tratado como algo que sugeria implicações desconhecidas. Por isso ele o caracterizou como regressivo. Muito provavelmente, essa regressão deve corresponder a um efeito da resistência (que se opõe ao avanço de um pensamento na consciência pela via normal), e a uma atração simultânea exercida sobre ele pela presença de lembranças providas de grande força sensorial. Nos sonhos, a regressão pode ser facilitada pela interrupção da corrente progressiva que flui, ao longo do dia, da extremidade perceptiva para a extremidade motora do aparelho psíquico. Em outras formas de regressão, a ausência desse fator associado ao estado de sono deve ser compensada por uma maior intensidade dos outros motivos para a regressão. Nos casos patológicos de regressão, assim como nos sonhos, o processo de transferência de energia difere do que existe nas regressões da vida mental normal, já que, nos primeiros casos, tal processo conduz a uma completa catexia alucinatória dos sistemas perceptivos.

1.3.2.3 A "mistura" do sonho

As formações oníricas podem ser divididas em sonhos que abertamente aparecem como realização de desejo, e sonhos em que tal realização é disfarçada. Nos últimos, encontra-se em ação a censura onírica. Sempre que um sonho foi distorcido, o desejo tem origem no inconsciente, e não pôde ser percebido durante o dia. A partir de descobertas oriundas da pesquisa psicanalítica das neuroses, Freud concluiu que um desejo representado num sonho é, invariavelmente, um desejo infantil. Os impulsos impregnados de desejo que restam da vida de vigília consciente permanecem lutando por expressão à noite, mas o estado de sono impede que o processo excitatório se torne consciente. O pensamento diurno, por isso, deve encontrar conexão com um desejo infantil inconsciente, capaz de permitir seu acesso à consciência.

Mas os resíduos diurnos são também componentes essenciais nas formações oníricas. A necessidade desse acréscimo à mistura que constitui um sonho só é esclarecida se o papel do desejo inconsciente for mantido, e se forem retomadas algumas informações da psicologia das neuroses. Investigações nesse campo levaram Freud a considerar a total incapacidade de uma idéia inconsciente penetrar no pré-consciente, a menos que haja transferência de sua intensidade para outra idéia pré-consciente. Mas as idéias pré-conscientes ou conscientes a serem escolhidas para funcionar como cobertura para uma idéia recalcada não são dotadas de quantidade suficiente de atenção. Por tratar-se de material isento de associações, os elementos recentes e indiferentes possuem menos motivos para temer a censura imposta pela resistência. Os resíduos do dia, além de tomar algo emprestado do inconsciente na formação de um sonho (a força instintiva do desejo recalcado), também oferecem ao inconsciente o ponto de ligação necessário à transferência de intensidades psíquicas.

Com o objetivo de esclarecer por que o inconsciente, à exceção da força motivadora para a realização de um desejo, não oferece mais nada durante o sono, Freud recorreu a seu quadro esquemático do aparelho psíquico. As idéias apresentadas no *Projeto para uma psicologia científica* (1895), conforme retomadas por Lacan no *Seminário II*, indicam que, a princípio, os esforços do aparelho psíquico foram empreendidos no sentido de manter-se, tanto quanto possível, livre de estímulos. Por isso, sua primeira estrutura seguia as diretrizes de um aparelho reflexo, de forma que toda excitação sensorial que a ele chegasse pudesse ser imediatamente descarregada por uma via motora. Excitações produzidas por necessidades somáticas buscam descarga através do movimento, mas uma mudança só pode ocorrer se for atingida uma experiência de satisfação capaz de por fim ao estímulo interno. Tal experiência tem como principal componente uma percepção especial, cuja imagem mnemônica passa a estar associada ao traço de memória da excitação produzida pela necessidade. Um elo é estabelecido e, na vez seguinte em que esta necessidade for despertada, terá lugar um impulso psíquico cujo objetivo será recatexiar a imagem mnemônica da percepção, restabelecendo a situação da satisfação original. O que Freud denominou "desejo" é um impulso desta espécie, e sua realização equivale ao reaparecimento da percepção associada à primeira experiência de satisfação. A via mais curta para esta realização é aquela que conduz, diretamente da excitação produzida pelo desejo, a uma catexia total da percepção. Freud presumiu um estado primitivo do aparelho psíquico em que o desejo terminava em

alucinação. O objetivo dessa primeira atividade psíquica seria produzir uma identidade perceptiva, repetindo a percepção associada à satisfação primordial da necessidade.

Mas as dificuldades da vida devem ter transformado essa primitiva atividade do psiquismo em outra mais conveniente. Estabelecer uma identidade perceptiva, ao longo da curta via da regressão no interior do aparelho, não equivale a catexizar a mesma percepção vinda de fora: a satisfação não ocorre e a necessidade persiste. Nas palavras de Freud,

> Uma catexia interna só poderia ter o mesmo valor que uma externa se ela fosse mantida incessantemente, como de fato ocorre nas psicoses alucinatórias e nas fantasias de fome, que exaurem toda sua atividade psíquica no apegar-se ao objeto de seu desejo. A fim de chegar a um dispêndio mais eficaz da força psíquica, é necessário dar um alto à regressão antes que ela se torne completa, de maneira a que não avance além da imagem mnemônica e seja capaz de buscar outros caminhos que finalmente a conduzam à desejada identidade perceptiva que está sendo estabelecida a partir do mundo externo (ESB, 1969, vol. V, p.603).

A inibição da regressão e o desvio da excitação que se segue tornam-se matéria de um segundo sistema, responsável pelo controle do movimento voluntário. Toda a atividade de pensamento, por ser considerada, simplesmente, um substituto de um desejo alucinatório, constitui apenas um acesso indireto à realização de desejo. Seguindo esta linha de raciocínio, é evidente que os sonhos sejam realizações de desejos, já que apenas um desejo é capaz de colocar o aparelho psíquico em ação. Os sonhos, ao realizarem desejos por meio do curto caminho da regressão, preservam uma amostra dos métodos primários de funcionamento do aparelho psíquico. Tais métodos, normalmente suprimidos da vida de vigília, tornam-se correntes nos sonhos e nas psicoses.

Os impulsos inconscientes carregados de desejo procuram expressão ao longo do dia, esforçando-se por penetrar na consciência através do pré-consciente, e por obter o controle do movimento voluntário. A censura psíquica entre o inconsciente e o pré-consciente é, para Freud, a guardiã da saúde mental. Se suas atividades são relaxadas durante a noite, isso não implica descuido, pois a porta ao poder de movimento é mantida fechada. Sendo incapazes de colocar o aparelho motor em funcionamento, os impulsos do inconsciente permanecem inofensivos. Mas a situação é menos inócua quando o responsável pelo deslocamento de forças não é o estado de sono, mas uma redução patológica da força da censura, ou uma intensificação patológica das excitações inconscientes, enquanto o pré-consciente encontra-se ainda catexizado. Estando aberto o portão de acesso à motilidade, a

guardiã é sobrepujada, as excitações inconscientes dominam o pré-consciente, controlando a fala e as ações, ou então ocasionam a regressão alucinatória e dirigem o curso do aparelho, sendo que esse estado de coisas caracteriza um quadro de psicose.

Os sonhos não são a única manifestação do sistema inconsciente. A teoria dos sintomas psiconeuróticos culminou na proposição de que eles também devem ser tratados como realizações de desejos inconscientes. O sonho passou a ser apenas o primeiro membro de uma classe que deveria ser objeto de interesse dos psiquiatras. Em 1914, Freud, em nota de rodapé, recuperou a afirmação de Hughlings Jackson de que descobrir tudo sobre os sonhos equivaleria a descobrir tudo sobre a loucura. Contudo, Lacan não apostou na veracidade dessa afirmação. Ainda que seja possível encontrar analogias, que haja coincidência de elementos e de símbolos, um sonho não é uma loucura. Para ele, é preciso definir, com relação à loucura, em que medida seu mecanismo determinante nada tem a ver com o que se passa no sonho. A problemática do sonho deixa todos os problemas econômicos da psicose sem elucidação. Essa aproximação entre sonho e loucura, para Lacan, não deve ser totalmente atribuída a Freud. Segundo ele, a edição francesa não indicou que a citação de Jackson devia ser entendida como um agrado oferecido a Ernest Jones, já que este expressou a Freud a crença em tal aproximação. Conforme afirmou Lacan, "devolvamos a Jones o que é de Jones e a Freud o que é de Freud" (1985[1955], p.136).

1.3.2.4 A consciência

O processo onírico apresenta uma jornada dividida em duas partes: a primeira, progressiva, conduz das cenas ou fantasias inconscientes ao pré-consciente; a segunda, regressiva, conduz da fronteira da censura de volta às percepções. Quando o conteúdo do processo onírico se torna perceptivo, por haver conseguido fugir ao obstáculo colocado pela censura e pelo estado de sono, ele é capaz de ser tornado consciente.

A consciência pode, no estado de vigília, receber excitações do sistema perceptivo e do próprio aparelho psíquico, sendo que excitações de prazer e desprazer são as únicas qualidades psíquicas ligadas a transposições de energia no interior do aparelho. As liberações

de prazer e desprazer regulam, automaticamente, o curso dos processos catexiais. Mas, para permitir ajustes mais delicados, foi preciso que o curso das idéias pudesse funcionar dependendo menos da presença ou ausência de desprazer. Para tanto, o pré-consciente precisaria possuir qualidades próprias, capazes de atrair a consciência, e Freud sugeriu que isso tenha sido obtido a partir da ligação dos processos pré-conscientes com o sistema mnemônico de símbolos lingüísticos. Por meio das qualidades de tal sistema, a consciência, até então um órgão sensorial apenas para percepções, passou a funcionar como um órgão sensorial para parte dos processos de pensamento. Haveria, então, duas superfícies sensórias: uma voltada para a percepção, outra para os processos de pensamento pré-conscientes.

No estado de sono, a superfície sensória da consciência, dirigida para o pré-consciente, fica muito menos suscetível à excitação do que a superfície voltada para o sistema perceptual. Ao ser transformado em percepção, o sonho pode excitar a consciência por meio das qualidades adquiridas. Essa excitação sensória passa a dirigir parte da energia catexial, disponível no pré-consciente, para dar atenção ao que causa a excitação. Com relação a isso, Freud afirmou que todo sonho, por colocar parte da força quiescente do pré-consciente em ação, tem um efeito despertante. Tal força submeteria o sonho à influência da elaboração secundária, sendo tratado por ela como um conteúdo perceptivo qualquer.

1.3.2.5 Processo primário e processo secundário

Apesar de o primeiro desejo ter sido uma catexia alucinatória da lembrança de satisfação, tal alucinação mostrou-se inapropriada para cessar a necessidade. A atividade de um segundo sistema tornou-se necessária. Visando à eficiência, este sistema mantém grande parte de suas catexias de energia em estado de repouso, empregando apenas uma pequena parte no deslocamento. A atividade do primeiro sistema procura garantir livre descarga das somas de excitação, ao passo que o segundo sistema almeja inibir a descarga, fazendo da catexia algo quiescente. Sob domínio do segundo sistema, a descarga de excitação é governada por condições completamente diferentes das que atuam no primeiro.

Para elucidar as relações entre a inibição de descarga pelo segundo sistema e a regulação do princípio do prazer, Freud examinou a situação onde o aparelho primitivo foi atingido por um estímulo fonte de excitação penosa. Manifestações motoras aleatórias ocorreram até que uma delas afastou o mecanismo da percepção e da dor. Caso a percepção reaparecesse, o movimento seria automaticamente repetido até que a percepção sumisse novamente. A fim de evitar a liberação de desprazer, não haveria nenhuma tendência a recatexiar a percepção fonte de dor. Uma tal evitação, efetuada pelo processo psíquico da memória de qualquer coisa que já tenha sido aflitiva, fornece o protótipo do recalcamento psíquico. A chave de toda a teoria do recalcamento encontra-se na afirmação de que o segundo sistema apenas é capaz de catexizar uma idéia se puder inibir o desenvolvimento do desprazer que dela pode decorrer.

O 'processo primário' é aquele do qual o primeiro sistema participa, ao passo que o 'processo secundário' tem como resultado a inibição colocada pelo segundo sistema. Freud afirmou ser o segundo sistema obrigado a corrigir o processo primário, que funcionaria para viabilizar a descarga da excitação com a finalidade de, com a ajuda da quantidade de excitação acumulada, estabelecer uma 'identidade perceptiva' com a experiência de satisfação. O processo secundário não se entrega a essa tarefa; em lugar dela, trabalha a favor do estabelecimento de uma 'identidade de pensamento' com aquela experiência.

Freud apresentou uma fórmula capaz de descrever a atividade envolvida na formação de sonhos e de sintomas histéricos: os pensamentos, produtos da atividade do sistema secundário, encontram-se sujeitos ao funcionamento do processo primário. A descrição de um processo primário no funcionamento do aparelho psíquico respondeu ao interesse de evidenciar uma prioridade cronológica: tais processos são encontrados desde o princípio, ao passo que os processos secundários se desenvolvem apenas no decorrer da vida, sobrepondo-se aos primeiros. Se um pensamento recalcado for intensamente catexizado por um impulso inconsciente impregnado de desejo, e, ao mesmo tempo, abandonado pela catexia pré-consciente, ele se torna sujeito ao processo primário, sendo seu objetivo único a descarga motora ou, se possível, a revivificação alucinatória da identidade de percepção procurada. Os processos irracionais que funcionam no aparelho psíquico[24], efetivos apenas com pensamentos sob recalcamento, equivalem aos processos primários.

---

[24] Vide Capítulo 3, item 3.3.1 (p.99-101).

1.3.2.6 Observações adicionais

No intuito de corrigir algumas possíveis concepções enganadoras, Freud afirmou ter presumido, a respeito do funcionamento do aparelho psíquico, não a existência de dois sistemas nas adjacências da extremidade motora, mas a ocorrência de dois tipos de processos de excitação ou formas de sua descarga. Com relação aos processos de 'recalcar' e 'forçar um caminho', em lugar de recorrer a metáforas associadas à idéia de disputa por um pedaço de terreno, Freud preferiu apresentar suas idéias nos seguintes termos: um grupamento mental pode ter uma catexia de energia a ele ligada ou dele retirada, de forma a cair sob a influência de um determinado agente ou ser dele afastado. Ele substituiu um modo topográfico de representação por um modo dinâmico.

Para Freud, foi fundamental abrir mão da supervalorização da capacidade de ser consciente para que fosse possível formar uma opinião segura sobre a origem do que é mental. O estabelecimento da realidade psíquica inconsciente permitiu a ele reduzir a antiga antítese entre a vida consciente e a vida onírica a suas justas proporções. Nas suas palavras,

> O inconsciente é a esfera maior, que inclui dentro de si a esfera menor do consciente. Tudo o que é consciente possui uma etapa preliminar inconsciente, enquanto que aquilo que é inconsciente pode permanecer nesse estágio e, não obstante, reivindicar ser encarado como possuidor do pleno valor de um processo psíquico. O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica: *em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo exterior e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos dos sentidos* (ESB, 1969, vol. V, p.651 – grifo do autor).

O papel desempenhado pela consciência no esquema freudiano se restringe ao de um órgão dos sentidos voltado para a percepção das qualidades psíquicas. A percepção consciente é uma função própria ao sistema da consciência, encarado em suas propriedades mecânicas como semelhante ao sistema perceptual – suscetível de excitação por qualidades, mas absolutamente incapaz de reter qualquer traço das alterações. O aparelho psíquico se dirige para o mundo externo com seu órgão sensorial (sistema perceptual), mas ele próprio (o aparelho) pode ser considerado o mundo externo em relação ao órgão de sentido que é a consciência.

À exceção das excitações agradáveis ou desagradáveis que os acompanham, os processos de pensamento são destituídos de qualidade. Para que seja possível a aquisição de qualidades, tais processos devem ser associados a lembranças verbais, "cujos resíduos de qualidade são suficientes para atrair a atenção da consciência para eles e para dotar o processo de pensar de uma nova catexia móvel, oriunda da consciência" (ESB, 1969, vol. V, p.656).

As formulações freudianas inaugurais constituem o solo fecundo sobre o qual a teoria psicanalítica floresceu. A primeira esquematização do aparelho psíquico, assim como a ênfase concedida à defesa como fator etiológico, são pontos que merecem destaque nesse momento inicial do pensamento freudiano. A elaboração do aparelho psíquico, em 1895, criou condições de possibilidade para a emergência das hipóteses fundamentais de Freud. A teoria da defesa marcou sua ruptura com Breuer e Janet, e aí teve início o processo que conduziu à elaboração de uma das teorias mais subversivas de que já se teve notícia. Mas as formulações freudianas sobre a psicose desse período, tributárias das descobertas relativas à neurose, foram organizadas a partir da referência fornecida pela noção de recalque. A especificidade do mecanismo da psicose permaneceu, portanto, não elucidada, muito embora Freud tenha vislumbrado, em alguns momentos, elementos capazes de conduzir a esclarecimentos nesse sentido, conforme buscou-se evidenciar ao longo deste primeiro capítulo.

A importância da publicação de *A interpretação dos sonhos* (1900) é outro aspecto que merece ser enfaticamente destacado pelo fato de Freud ter, aí, se deparado com o símbolo funcionando como tal e, a partir disso, empreendido um verdadeiro esforço de elaboração com vistas a circunscrever essa experiência em um campo conceitual. O segundo esquema do aparelho psíquico foi elaborado a partir de exigências decorrentes de avanços e de complexificações das hipóteses freudianas. Apesar de recorrer a analogias consideráveis entre as formações oníricas e as doenças mentais, Freud não se dedicou, nesse momento de sua elaboração, a teorizar a psicose propriamente dita. Mas suas formulações desse período foram consideradas relevantes, em função da presença marcante de elementos relativos ao esforço freudiano de elaboração teórica diante da constatação do modo próprio de funcionamento do simbólico na espécie humana.

2. A PREGNÂNCIA IMAGINÁRIA

"Uma vez que as coisas estão estruturadas numa certa intuição imaginária, elas parecem estar aí desde sempre, mas trata-se de uma miragem, bem entendido".
Jacques Lacan

Definir, ou mesmo delimitar o registro imaginário, requer a consideração de que seu modo de funcionamento privilegia a boa-forma, a unidade, o todo, a inteireza. Uma imagem, para ser produzida, exige que, a cada ponto do objeto, corresponda outro ponto em outra superfície. Caso essa correspondência não se dê ponto a ponto, a imagem produzida sofre distorções. Pode-se dizer que há, então, apego, no que concerne ao imaginário, à possibilidade de união perfeita, sem a interferência de equívocos, entre duas coisas heterogêneas. Com relação a essa possibilidade de correspondência ponto a ponto entre elementos distintos, Lacan afirmou (1985[1955], p.394) que tudo que pertence à esfera da intuição encontra-se muito mais próximo do imaginário do que do simbólico.

Ao longo da investigação que deu origem ao presente texto, foi possível constatar a persistência, na teorização freudiana, sobretudo naquelas consideradas inaugurais, de algum tipo de apego às pretensões unificadoras características do modo de funcionamento do imaginário. Tal constatação permitiu considerar a possibilidade de existência, na obra freudiana, especialmente nas suas primeiras formulações, de uma *pregnância imaginária* que parece ter funcionado como obstáculo epistemológico na jornada rumo à formulação do mecanismo psíquico específico da psicose. Isso parece guardar relações com a tentativa freudiana de estender a amplitude da noção de recalque com vistas a explicar, também a partir dela, o mecanismo da psicose. Contudo, como foi possível perceber, a partir da revisão bibliográfica dos textos freudianos selecionados como relevantes para a investigação, essa tentativa foi parcialmente fadada ao fracasso. A produção teórica de Freud sobre a psicose ganhou em consistência à medida que ele passou a incluir em suas formulações elementos oriundos de suas pesquisas sobre o funcionamento do simbólico. A publicação de *A interpretação dos sonhos* (1900) marcou essa virada na obra freudiana. Conforme afirmou Lacan, aí Freud se deparou com o símbolo funcionando como tal. Mas apesar desse significativo avanço, o empreendimento freudiano não logrou elucidar a especificidade do mecanismo da psicose.

A elucidação, em termos freudianos, da especificidade de tal mecanismo não foi possível a contento. Freud esbarrou em um impasse significativo, que parece guardar relações com dificuldades na tentativa de ampliação da noção de recalque como solução etiológica para as diferentes psiconeuroses. Sendo assim, pareceu profícuo realizar um rastreamento da formulação de tal noção, no intuito de procurar identificar elementos indicativos da *pregnância imaginária* que parece marcar as formulações freudianas inaugurais. Este é o objetivo do presente capítulo. Além disso, pretende-se articular esse apego ao imaginário (ou *pregnância imaginária)* com as noções de obstáculo epistemológico, proposta por Bachelard (1996[1938]), e de anticopernicianismo de estrutura, de Jean-Claude Milner (1996).

2.1. Presença nas formulações freudianas inaugurais

Ao longo da investigação da qual o presente texto decorre, constatou-se a coexistência, nas primeiras teorizações freudianas, de elementos provenientes de um certo apego a concepções marcadamente imaginárias, que privilegiam a boa forma, e de elementos que indicam uma percepção acurada do modo próprio de funcionamento do registro simbólico[25]. Isso torna imperativo demonstrar a presença dessa *pregnância imaginária* nas formulações freudianas inaugurais. Para tanto, o desabrochar da noção de recalque na obra freudiana será acompanhado, no intuito de permitir a identificação e colocação em evidência dos elementos que permitem advogar em favor da presença marcante desse apego ao imaginário nas suas primeiras formulações.

[25] Qual seja a autonomia do significante em relação ao significado. Esse assunto será objeto de uma discussão que integra o terceiro capítulo desta dissertação (p. 84-113).

2.1.1 A consciência como reflexo da realidade

O aparelho psíquico esquematizado em 1895, a partir do esquema do arco-reflexo, deve ser considerado tributário da lei da descarga. O princípio do prazer, nessa época, foi definido como um princípio de constância: a concepção do sistema nervoso da qual Freud partiu caracterizava-se pela tendência ao retorno a um ponto de equilíbrio. Lacan comentou ser esta uma necessidade imposta a qualquer médico daquela época. Afirmou que Freud partiu da idéia do princípio do prazer como um princípio de regulação, sendo que tal princípio não foi deduzido da sua teoria, mas encontra-se no fundamento do seu pensamento, pois, em sua época, se pensava e se produzia conhecimento nesse registro (1985[1955], p.83-84).

Lacan chamou atenção para o fato de que a noção de energia, crucial para a formulação freudiana desse princípio regulador, só pôde surgir a partir do momento em que houve máquinas (1985[1955], p.99). Sua existência foi necessária para que fosse possível conceber ser preciso alimentá-las e mantê-las, já que a tendência é que se deteriorem. A partir dessas considerações, teve lugar a idéia de que os seres vivos se mantêm sozinhos através da regulação homeostática. Foi depois dessa noção inovadora que Freud, muito embora não dispusesse do termo "homeostase", pôde elaborar sua primeira formulação do aparelho psíquico. Conforme salientou Lacan (1985[1955], p.101), partindo de uma perspectiva ainda muito neurológica, Freud buscou evidenciar, no *Projeto*, o funcionamento do cérebro como órgão tampão entre o homem e a realidade – como órgão de homeostasia, portanto.

Nos termos dos sistemas descritos por Freud em 1895, pode-se dizer que a noção de constância energética requer que haja equivalência entre ψ (*psi*), que sente algo de dentro do organismo, e φ (*phi*), que produz algo que tem a ver com o registro das necessidades vitais. O ser vivo precisa receber reflexos adequados do mundo externo para não sucumbir, o que implica algum tipo de identificação entre o fenômeno físico ocorrido nos neurônios e aquilo que é percebido. Há, então, algum tipo de comparação de referência entre aquilo que é dado pela experiência e entre o registro de tais experiências no aparelho psíquico. Em função das exigências científicas de sua época, Freud precisou admitir haver constância de energia; por isso o que é trazido pela percepção precisa ser reencontrado em algum lugar (LACAN, 1985[1955], p.143).

Foi nesse contexto que o sistema da consciência se apresentou como simples reflexo do mundo exterior ou da realidade. Para Lacan, admitir isso é exigência da teoria freudiana: há um aparelho de registro neutro, do ponto de vista dos investimentos, que constitui um reflexo do mundo (1985[1955], p.143). Já que o aparelho psíquico tende a alucinar suas primeiras experiências de satisfação, faz-se necessária a postulação desse sistema de registro neutro para assegurar o teste da realidade. Nessa perspectiva de neutralidade, no que concerne aos investimentos desse sistema, pode-se dizer que aquilo que habita a consciência equivale ao que excita a percepção – correspondência ponto a ponto, portanto. Parece ser em função dessa prevalência da lógica imaginária, que privilegia a lógica binária em detrimento da ternária, que percepção e consciência encontram-se, nesse primeiro esquema freudiano do aparelho psíquico, unidas em uma mesma extremidade. No *Projeto*, o visual equivale ao perceptual, não há escalonamento entre o sistema perceptivo e o sistema motor. As diversas camadas que constituem o inconsciente ainda não foram postuladas por Freud. Nesse momento, tratava-se ainda, no que concerne ao ser vivo, de sua economia instintual em busca daquilo de que necessita (LACAN, 1985[1955], p.153).

Na quarta lição do *Seminário II*, em 08 de dezembro de 1954, Lacan apresentou uma definição materialista da consciência. Tal definição decorreu da consideração de que a consciência se produz sempre que é dada uma superfície capaz de produzir uma imagem, sendo que tal produção implica que os efeitos energéticos, oriundos de um certo ponto do real, sejam refletidos em algum ponto de uma superfície. Diferentes coisas podem comportar-se como espelhos: basta haver condições para que a um ponto de uma realidade corresponda um efeito em um outro ponto, de maneira que uma correspondência biunívoca seja estabelecida entre dois pontos do espaço real (LACAN, 1985[1955], p.68). A consciência aparece aqui, portanto, fundamentalmente, como fenômeno imaginário.

2.1.2 Teoria da defesa

A defesa, conforme Freud a teorizou, funciona para proteger o ego contra exigências pulsionais. Sua finalidade corresponde à tendência para manter ou restabelecer a

integridade e a constância do ego, e para evitar qualquer perturbação que, subjetivamente, possa ser traduzida como desprazer. Esta consideração, a princípio aplicada somente à histeria de defesa, passou a operar como protótipo de todas as psiconeuroses de defesa. Nesse momento da teorização freudiana, ego e pulsão (ou ameaça interna) designavam os dois pólos da situação conflitiva. De maneira geral, o processo defensivo inclui todas as estratégias das quais o eu se serve em seus conflitos. Conforme Laplanche & Pontalis a definiram,

> [a defesa se refere a um] conjunto de operações cuja finalidade é reduzir, suprimir qualquer modificação suscetível de por em perigo a integridade e a constância do indivíduo biopsicológico. O ego, na medida em que se constitui como instância que encarna essa constância e que procura mantê-la, pode ser descrito como o que está em jogo nessas operações e o agente delas (2001, p.107).

Ainda segundo os mesmos autores (2001), o ego se configura como o lugar psíquico que é ameaçado e que pretende ser protegido de qualquer perturbação. Corresponde também a um grupo de representações em desacordo com qualquer representação que lhe pareça inconciliável, sendo que o sinal de tal incompatibilidade é um afeto desagradável. O ego é, ainda, o agente da operação da defesa: na situação de conflito, ele representa o pólo defensivo. Caso se apresentem como inconciliáveis com o ego, determinadas representações tornam-se objeto da defesa. Para Freud, tal incompatibilidade entre uma representação e o ego é encontrada na origem das diferentes modalidades de psiconeurose de defesa. No texto *As neuropsicoses de defesa*, de 1894, a noção de uma representação incompatível com o ego é a mais evidente. As características das diferentes afecções são decorrentes da especificidade do processo de defesa acionado, sendo que os diferentes modos de defesa correspondem a modos distintos de tratar a representação inconciliável.

A atuação dessa tendência defensiva parece guardar relações com a lei da constância. O que Freud concebeu nos termos de uma tendência normal à defesa parece corresponder a um trabalho, em favor da *gestalt* egóica, que almeja tornar inócuas as representações incompatíveis com o ego, capazes de elevar o nível da tensão no interior do aparelho psíquico. A tendência defensiva atuaria, então, para impedir que representações inconciliáveis com o ego perturbem o equilíbrio do aparelho psíquico através do aumento do nível de tensão decorrente do afeto de desprazer que sinaliza tal incompatibilidade. Um trabalho afinado com a atuação do principio de constância, portanto.

Em 1896, no *Rascunho H,* Freud introduziu a idéia de um modo patológico de defesa. Ainda no mesmo ano, no *Rascunho K*, ele apresentou a diferença entre esta defesa patológica e uma tendência normal à defesa. Esta consistiria em uma aversão a usar a energia psíquica de maneira a produzir desprazer; caso incida sobre idéias anteriormente associadas a algum desprazer, mas incapazes de gerar desprazer além do recordado, é inofensiva. Mas a defesa se torna prejudicial se dirigida contra idéias capazes de liberar novo desprazer a partir de lembranças, o que ocorre tipicamente com as idéias sexuais. A condição necessária é a interposição da puberdade entre a experiência e a sua repetição na lembrança.

A partir das formulações presentes na *Carta 52*, Freud estabeleceu, em outros termos, a diferença entre as defesas normal e patológica. A primeira, fruto da produção de desprazer no aparelho psíquico, ocorreria em uma mesma fase psíquica e em registros do mesmo tipo. Já a segunda, atuaria contra um traço mnêmico de uma fase anterior, ainda não traduzido. A natureza sexual do evento[26] e sua ocorrência em uma fase anterior determinariam o que Freud identificou como defesa patológica. A postulação de um modo patológico de defesa parece guardar relações com a noção de recalque. À defesa bem sucedida corresponde o estado de saúde, pois aí não há excessos circulando no aparelho psíquico, em função de o recalque ter atuado a contento. Se tem lugar a defesa patológica, houve falha no recalque, a representação incompatível continua produzindo excessos no aparelho, e o sujeito sofre. A patologia, para Freud, parece, então, relacionada a essa atuação fracassada da tendência defensiva normal – à defesa patológica, portanto.

Segundo Lacan, para extrair as conseqüências autênticas que a noção de defesa em Freud comporta, um esforço de elaboração faz-se necessário. Ele chamou atenção para o fato de haver uma imprecisão do termo, ligada a uma ambigüidade constante, que pode ser assim enunciada: a defesa pode ser concebida como mantenedora de um certo equilíbrio no aparelho psíquico, ou como provocadora da patologia (1985[1956], p.39). No que concerne à noção de que o ego se defende, Laplanche & Pontalis (2001, p.128) também identificaram uma ambigüidade: ele é tomado como campo a ser preservado do conflito, por meio da atividade da defesa, mas é também concebido como massa dominante de representações, ameaçada por uma representação considerada inconciliável. Na concepção segundo a qual o ego seria capaz

[26] Na *Carta 46* (1896) Freud já afirmara que as diferentes neuroses possuem requisitos cronológicos particulares para suas cenas sexuais, sendo a defesa suscitada pela natureza da cena, que confere a ela seu valor traumático.

de perceber o acesso, uma vez que ele surja como perigoso, o termo 'defesa' não se apresenta revestido de outro sentido que aquele atrelado à idéia de defender-se contra uma tentação.

No *Seminário II*, Lacan lançou mão da diferença ali apresentada entre 'je' e 'moi'[27] a fim de distinguir o sujeito do inconsciente (articulado à função simbólica) do eu (função imaginária). A partir dessa contribuição, é possível conceber a função da defesa como algo capaz de garantir o equilíbrio precário de forças a despeito das ameaças que [eu][28] representa para a unidade do eu. Este, em função da fragilidade de sua estrutura imaginária, precisa da defesa para se proteger dos elementos disruptivos, encarnados nas representações consideradas incompatíveis com sua pretensa unidade. Pretensa, pois tal unidade só pode ser assegurada se houver prevalência da dimensão imaginária, e se os efeitos do funcionamento simbólico forem escamoteados.

A categoria de defesa foi muito precocemente introduzida na psicanálise. A princípio, Freud concebeu o sintoma psicótico como efeito da atuação defensiva, buscando, dessa forma, explicar a psicose da mesma maneira como a neurose fora elucidada. Contudo, Lacan (1985[1956], p.95-96) insistiu no caráter "incompleto e escabroso dessa referência", considerando ser difícil desembaraçar-se dessa noção, e recomendando sempre distinguir, severamente, a ordem em que se manifesta a defesa. Ela pode se manifestar na ordem simbólica: se o sujeito presentifica o significante e o significado, então é possível intervir, ressaltando a conjunção dos dois. Mas se os dois elementos não estão presentes no discurso, se tem lugar a percepção de que o sujeito se defende de algo visível para o analista, mas imperceptível para ele, ou seja, se o analista percebe, claramente, que o sujeito se engana com relação à realidade, então a noção de defesa é insuficiente para permitir ao analista colocar o sujeito em face dessa realidade. Portanto, cabe buscar distinguir, cuidadosamente, o registro no qual a defesa se presentifica, pois, caso ela incida no simbólico ou no imaginário, os efeitos que disso decorrem são distintos, e não podem ser confundidos, sob pena de grave comprometimento da apreensão do objeto que interessa à psicanálise.

---

[27] Conforme esclarecimentos do tradutor (LACAN, 1985[1955], p.408-409).
[28] Grafia utilizada por Lacan para diferenciar o *je* [eu] do *moi*, ou o eu.

2.1.3 Teoria do trauma

Em 1896, com relação à etiologia específica da histeria e da neurose obsessiva, Freud considerou ser possível encontrar, na origem dessas perturbações, traumas sexuais ocorridos na infância precoce, sendo que seu conteúdo deveria corresponder à irritação real dos genitais[29]. Dito de outra maneira, ele postulou, em um primeiro momento, a correspondência biunívoca entre o conteúdo do que foi significado como trauma sexual, e a estimulação real da genitália da criança. No *Rascunho K* (1896), encontra-se a afirmação de que, para que não sobrevenha um quadro de neurose, é necessário que, antes da puberdade, o sujeito não tenha experimentado nenhuma estimulação sexual significativa. No recalcamento – núcleo do mecanismo psíquico em ação nas neuropsicoses de defesa – o que é recalcado corresponde, então, a uma experiência sexual da infância dessa natureza[30]. A atuação do recalque se daria, então, sobre a(s) representação(ões) que corresponde(m), *de maneira inequívoca*, a essa experiência traumática ocorrida na infância.

No mesmo *Rascunho K,* Freud afirmou que, no início de qualquer neurose de defesa, situa-se o recalcamento da experiência traumática e prematura. Aqui, uma precisão conceitual pode ser sugerida: se o recalque atua apenas sobre lembranças ou pensamentos, e não sobre a percepção, seria mais adequado afirmar que a representação, ou inscrição no aparelho psíquico, da experiência sofre os efeitos do recalcamento. A consideração da possibilidade de a experiência traumática em si, e não sua representação ou inscrição no aparelho psíquico, ser objeto do recalque, pode ser tomada como indicativo de um certo apego, nesse momento da elaboração teórica de Freud, a concepções que acabam por privilegiar a lógica dual (imaginária), em detrimento da lógica ternária (simbólica).

A postulação do trauma como fator etiológico privilegiado conduziu Freud a tentar explicar a problemática envolvida na escolha da neurose a partir da consideração da idade de ocorrência dos traumas sexuais. Ainda em 1896, na *Carta 46*, ele apresentou a idéia segundo a qual as diferentes neuroses possuem requisitos cronológicos particulares para suas cenas sexuais, sendo que a natureza da cena é o que suscita a defesa. Aí ele salientou que, no que

---

[29] Conforme formulações apresentadas no início do artigo *Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa* (ESB, 1969, vol. III, p.183-211).
[30] Conforme formulações apresentadas no *Rascunho H* (ESB, 1969, vol. I, p.283-291).

concerne à escolha da neurose, importa mais o período em que ocorre o evento, do que o período em que ocorre o recalcamento. Ou seja, Freud parecia acreditar na ocorrência do evento traumático em si (lógica binária), e não em sua inscrição no aparelho psíquico (lógica ternária), como o fator capaz de determinar o quadro patológico a ser configurado. Tal fato pode, portanto, ser tomado como mais um indicativo da crença de Freud na possibilidade de correspondência ponto a ponto entre a ocorrência do evento traumático e sua inscrição no aparelho psíquico.

Na *Carta 52*, também datada de 1896, a cronologia da ocorrência dos elementos a que se referem as lembranças recalcadas foi estabelecida. Freud tentou, em um primeiro momento, elucidar a espinhosa questão da escolha da neurose por meio da correlação direta entre a idade de ocorrência do trauma sexual e a patologia psíquica a partir disso desenvolvida. Ele parecia acreditar, de maneira um tanto quanto ingênua, nessa cronologia como critério suficiente para conferir a cada uma das patologias sua especificidade. Ou seja, Freud parece, nesse momento de sua elaboração teórica, prisioneiro de uma concepção prioritariamente imaginária, segundo a qual a configuração de um quadro de histeria ou de neurose obsessiva, ou ainda de paranóia, depende estritamente da idade de ocorrência do trauma, como se fosse possível estabelecer uma correspondência, ponto a ponto, entre a ocorrência do trauma e o desenvolvimento da patologia. Como exemplo, pode-se citar a afirmação, encontrada na *Carta 55* (1897), de que uma psicose é determinada em lugar de uma neurose, caso a experiência traumática tenha lugar antes do término do que Freud identificou como o primeiro estágio intelectual, entre 15 e 18 meses.

Encontra-se na *Carta 69* (1897) uma crítica contundente a essa teoria traumática. Freud confiou a Fliess um segredo, cujo entendimento vinha se esboçando há alguns meses: ele não mais acreditava em sua teoria das neuroses. Esta crítica à teoria traumática se sustentou em quatro grupos de motivos: (1) ausência, nos tratamentos, de êxitos completos, e possibilidade de explicação dos êxitos parciais segundo critérios comuns; (2) surpresa diante do fato de que, em todos os casos, o pai teria que ser apontado como pervertido; (3) descoberta comprovada de que, no inconsciente, não há possibilidade de distinção entre a verdade e a ficção que é catexizada com o afeto; (4) reflexão de que a lembrança inconsciente não vem à tona na psicose mais profunda, não sendo, então, revelado o segredo das experiências da infância, mesmo no delírio mais confuso. Dessa forma, Freud verificou que o inconsciente não

podia superar a resistência do consciente, e abandonou, então, a expectativa de que o inverso pudesse acontecer no tratamento, até o ponto em que o inconsciente pudesse ser totalmente domado pelo consciente.

Com relação a essa crítica da teoria traumática, Freud afirmou ter sido em tal medida por ela influenciado, que estava disposto a abandonar a possibilidade de resolução completa de uma neurose, assim como o conhecimento seguro de sua etiologia na infância. Ele reconheceu tais dúvidas como resultado de "um trabalho intelectual honesto e esforçado", e, com relação a isso, indagou se essa dúvida corresponderia ao prenúncio de um novo conhecimento. Confiou a Fliess a existência, com relação a essa primeira crítica da teoria traumática, de um sentimento de vitória em detrimento de uma sensação de derrota. Contudo, na *Carta* 75, também datada de 1897, essa crítica parece estar, em grande parte, esquecida.

Se o que pertence à consciência equivale ao que chega ao aparelho psíquico através da percepção, então a teoria traumática se justifica. Ou seja, a experiência traumática, efetivamente, pode ser convocada como fator etiológico, por contar com a segurança da correspondência exata entre o que teve inscrição no aparelho psíquico e a experiência ocorrida na realidade. O fato de Freud não ter ainda, nesse momento de sua elaboração teórica, concedido importância àquilo que, posteriormente, foi designado "realidade psíquica", remete a mais um sinal da *pregnância imaginária* que marca esse período de sua teorização, ou seja, à prevalência da consideração do registro do *dois* (da correspondência biunívoca) em detrimento de sua articulação com o registro do *três* (da mediação simbólica).

2.1.4 A censura é a resistência?

As considerações sobre o "trabalho do sonho", presentes em *A interpretação dos sonhos* (1900), permitiram a Freud vislumbrar e evidenciar o modo próprio de funcionamento do registro simbólico[31]. Nesse momento de sua produção teórica, a dimensão da narrativa – da enunciação, portanto – foi revestida de importância capital. O papel preponderante, até então concedido à defesa, pareceu ceder lugar a formulações sobre o poder da censura e da

[31] Este ponto será discutido no capítulo 3 (p.84-113).

resistência, cujo funcionamento passou a assegurar a prevalência irrestrita do imaginário, função esta anteriormente desempenhada pela atuação defensiva. Lacan, no *Seminário II*, ressaltou diferenças importantes entre a resistência e a censura. Entretanto, tal diferenciação não pode ser encontrada no texto freudiano de 1900; parece que Freud tomou os dois vocábulos como intrinsecamente articulados, a partir das exigências impostas pelo trabalho da defesa, exigências estas em consonância com a tentativa de fazer prevalecer a lógica imaginária, a despeito das interferências manifestas do funcionamento da ordem simbólica.

Em *A interpretação dos sonhos* (1900), são encontradas formulações que apontam para a referida indistinção no uso dos termos resistência e censura. Em alguns momentos eles são usados como equivalentes. O excerto "a dúvida sobre a exatidão do relato de um sonho ou de certos pormenores dele é também um derivado *da censura onírica*, *da resistência* à irrupção dos pensamentos oníricos na consciência." (ESB, 1969, vol. V, p.550, grifos meus) exemplifica este uso indiferenciado dos termos, como se fossem sinônimos. Ainda no mesmo texto, Freud parece novamente ter se valido de uma equivalência no uso dos dois termos. Ao responder à indagação sobre como um sonho pode se formar em face da atuação das resistências, ele, mais uma vez, tomou os termos censura e resistência como sinônimos. Ele afirmou que o *poder da resistência*, no decorrer da noite, encontra-se diminuído (embora não completamente, pois ela continua a atuar como agente deformador na formação de sonhos), e que o estado de sono possibilita a formação de sonhos por reduzir o *poder da censura psíquica* (ESB, 1969, vol. V, p.561, grifos meus). É evidente, aqui, a confusão entre resistência e censura. Em relação a isso, foi Lacan quem precisou que o que permanece atuando como agente deformador nas formações oníricas é a censura, e não a resistência.

Em outros momentos, a censura psíquica parece ser entendida como algo que trabalha a favor dos interesses da resistência. Com relação ao esquecimento de sonhos, por exemplo, Freud afirmou (ESB, 1969, vol. V, p.551-552) que isso só pode ser elucidado considerando-se o poder da censura psíquica, já que tal esquecimento é tendencioso e serve aos interesses da resistência. Ainda no mesmo texto, encontra-se a afirmação de que a via que passa através do pré-consciente para alcançar a consciência é fechada aos pensamentos oníricos, ao longo do dia, por meio da *censura imposta pela resistência* (ESB, 1969, vol. V, p.578, grifos meus). Em outro fragmento, encontra-se mais uma afirmação que corrobora a idéia de que Freud também concebeu a articulação entre resistência e censura como se esta

servisse aos interesses daquela. Ao discorrer sobre o fato de o inconsciente preferir tecer ligações em torno de impressões e representações pré-conscientes que sejam indiferentes, Freud afirmou que tais elementos possuem menos motivos para temer a *censura imposta pela resistência* por se tratar de material isento de associações (ESB, 1969, vol. V, p.600).

No capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (1900), ao falar sobre o processo do sonho, Freud se viu compelido a abordar a questão do esquecimento. Ele afirmou que a degradação ou esquecimento do texto do sonho pouco importam, pois isso não é devido ao acaso: a mensagem não é esquecida ou deformada de um jeito qualquer. Com relação a isso, Lacan (1985[1955], p.161) afirmou que uma censura corresponde a uma intenção. Freud não se interessou por tudo o que há no sonho, mas unicamente pela transmissão de um sentido, de uma fala articulada, o que ele designou como sendo os pensamentos (*Gedanken*) do sonho. Seu interesse recaiu sobre a mensagem como discurso interrompido que insiste. Freud não se ocupou com fenômenos psicológicos, e, por isso, a ilusão da memória não o perturbou. O realismo psicológico e a busca de uma subjetividade em essência não se configuraram como focos de interesse para ele, pois importava considerar que o desejo maior de um sonho é fazer passar uma mensagem. E o esquecimento do sonho, antes de ser obstáculo, faz parte do próprio texto dessa mensagem. O fenômeno da dúvida não interessou a Freud como fenômeno psicológico, pois ele faz parte da mensagem. Por isso, conforme salientou Lacan (1985[1955], p.163), é preciso interpretá-lo.

A resistência não deve ser encarada como uma propriedade psíquica do sujeito. Ela só adquire valor em relação ao trabalho da interpretação, que é fazer passar a mensagem. A resistência, função imaginária do eu como tal, fricções imaginárias ou psicológicas que fazem obstáculo ao escoamento dos pensamentos inconscientes, não se situa no mesmo nível que a censura (LACAN, 1985[1955], p.164). A resistência é um efeito do eu – função imaginária – e designa tudo aquilo que detém o trabalho analítico. A censura faz parte do caráter interrompido do discurso – do registro simbólico, portanto – sendo que uma das formas mais interessantes do discurso interrompido é a lei como incompreendida. Para Lacan (1985[1955], p.164-167), o que funciona como censura guarda relação com o que, no discurso, se relaciona a essa incompreensão. A censura corresponde ao ponto onde a lei não é compreendida pelo sujeito, mas é por ele desempenhada. É algo absolutamente distinto da relação narcísica com o semelhante. Trata-se da relação do sujeito com a lei no seu conjunto. Para Lacan

(1985[1955]), “censura e supereu têm de ser situados no mesmo registro que a lei” (p.168), e, ainda, “a censura se acha no mesmo nível que a transferência” (p.169) – ou seja, no registro simbólico.

Lacan concebeu a resistência como tudo aquilo que se opõe, em um sentido geral, ao trabalho analítico, o qual consiste, essencialmente, na introdução de descontinuidades no discurso do sujeito. Parece que a resistência se apresenta com o intuito de assegurar a prevalência irrestrita do imaginário. Nas palavras de Lacan, “[...] o eu está estritamente situado como sendo da ordem do imaginário. E Freud salienta que qualquer resistência, como tal, provém desta ordem” (1985[1955], p.401). A resistência decorre do fato de o eu não ser idêntico ao sujeito, e de ser característica do eu integrar-se no circuito imaginário que agencia as interrupções do discurso inconsciente (LACAN, 1985[1955], p.404).

Para Lacan, há apenas uma resistência, que é da parte do analista. Ela apenas existe se há pressão, só tem início quando, a partir de um ponto zero imaginado por ele, apresenta-se a tentativa de fazer o sujeito ir mais adiante (1985[1955], p.286). O analista resiste quando não entende com o que precisa lidar, quando crê que interpretar é mostrar ao sujeito o que ele deseja. Mas, ao contrário, conforme Lacan não cessou de enfatizar, a questão é permitir que o sujeito nomeie, articule, faça existir esse desejo que insiste por estar aquém da existência. Conforme ele afirmou, “se o desejo não ousa dizer seu nome, é porque, este nome, o sujeito ainda não o fez surgir” (1985[1955], p.287).

A partir da contribuição lacaniana, pode-se afirmar que a resistência é entendida como algo que trabalha com a finalidade de assegurar a estabilidade do imaginário, da articulação isenta de qualquer equívoco. Já a censura é considerada efeito do funcionamento simbólico, efeito da lei como incompreendida. Nesse sentido, se Freud confundiu resistência e censura, submetendo ambas às pretensões unificadoras da defesa contra as representações incompatíveis, pode-se advogar em favor do estabelecimento desse aspecto como mais um indício da *pregnância imaginária*, identificada como característica dessas formulações freudianas inaugurais.

2.1.5 Regressão: mecanismo imaginário ou simbólico?

A noção de regressão apareceu pela primeira vez na obra freudiana essencialmente ligada a uma particularidade do esquema do aparelho psíquico, conforme apresentado em *A interpretação dos sonhos* (1900), onde o sistema percepção-consciência encontra-se numa posição paradoxal com relação ao aparelho e ao funcionamento em sentido único. Anteriormente concebidas como pertencentes a uma mesma extremidade do aparelho psíquico, entre a percepção e a consciência, a partir de 1900, interpõem-se as diversas camadas que constituem o nível inconsciente, seguidas do pré-consciente e da consciência. O fato de a consciência se encontrar dos dois lados – na "entrada" e na "saída" do esquema – constitui o paradoxo com o qual Freud se deparou, e o qual não pôde elucidar (LACAN, 1985[1955], p.153). A ele foi possível apenas, a partir da noção de regressão, manejar seu aparato conceitual a fim de elucidar o caráter imaginário dos sonhos. Por ter constituído o esquema dessa forma, e por ter se sentido convocado a explicar a qualidade alucinatória da experiência do sonho, Freud precisou admitir um sentido regrediente da circulação quantitativa, expressa através do processo excitação-descarga. Lacan (1985[1955], p.181) enfatizou que tal sentido foi denominado regrediente em oposição ao sentido progrediente do funcionamento normal do aparelho psíquico. A primeira introdução do termo "regressão", na teoria freudiana, guardou relações com "uma das mais inexplicáveis particularidades de seu primeiro esquema" (1985[1955], p.182). Com relação a isso, Lacan afirmou que

> Há coisas que vão num sentido regrediente em relação ao esquema. Para poder dar conta disto, dado o jeito pelo qual seu esquema está construído, Freud é forçado a lançar-se em construções suplementares. [...]. [...]. Não é de modo algum da regressão que ele parte. Ele é coagido a introduzi-la porque concebe a função da percepção na economia psíquica como algo de primário, não composto, elementar. [...]. É aí que está o problema todo – será que aquilo que se dá no nível dos fenômenos de consciência pode ser de algum modo assimilado, pura e simplesmente, aos fenômenos elementares da percepção? O que se pode dizer em favor de Freud é que, neste nível ingênuo – não nos esqueçamos de que isto foi construído há cinqüenta anos –, ele não elude a dificuldade da existência como tal da consciência (1985[1955], p. 182-183).

Freud, em *A interpretação dos sonhos* (1900), permaneceu bastante embaraçado com a regressão. Não era necessário que tal noção interviesse para elucidar o caráter

fundamentalmente alucinatório do processo primário, pois ele já havia distinguido, no primeiro esquema, elaborado em 1895, os processos primário e secundário. A noção de regressão foi introduzida a partir do momento em que Freud passou a salientar os fatores temporais. Aí, ele também foi forçado a admiti-la no plano tópico ou espacial. Para Lacan (1985[1955], p.186), essa noção de regressão permaneceu paradoxal, antinômica e inexplicável na obra freudiana.

Conforme assinalou Lacan, essa complicada questão foi a princípio engendrada pelas necessidades do próprio esquema freudiano do aparelho psíquico. As dificuldades do segundo esquema são por este autor consideradas derivadas de uma relativa simplificação do primeiro, onde consciência e percepção são localizadas em uma mesma extremidade. Em 1895, o que é percebido corresponde, inequivocamente, ao que é inscrito no aparelho psíquico. Já no segundo esquema do aparelho psíquico, de 1900, a dissociação da percepção e da consciência – fruto da introdução de uma espécie de escalonamento entre esses dois pólos – obrigou Freud a introduzir a hipótese de uma regressão, a fim de elucidar o caráter figurativo ou imaginário do que é produzido no sonho. Lacan afirmou

> [ser] evidente que se o termo imaginário tivesse podido ser empregado desde aquela época, teria removido muitas contradições. Mas este caráter figurativo é concebido aqui como participando do perceptivo e o visual é promovido por Freud como equivalente do perceptual (1985[1955], p.187-188).

Segundo a perspectiva lacaniana (1985[1955], p.135-136), a regressão não é um mecanismo que se desenrola na realidade; é, antes, um símbolo. Há regressão não no plano da realidade, mas no plano da significação. Para Lacan, o exame atento do sonho da injeção de Irma[32] pode elucidar a espinhosa questão da regressão, esclarecendo em que medida ela guardaria relações com o simbólico ou com o imaginário, pois nem tudo na regressão é do mesmo registro. Ao retomar a interpretação que Freud fez desta formação onírica, Lacan não considerou apenas o sonho, mas também o conjunto formado por ele e por sua interpretação (1985[1955], p.207). Para o autor francês, aí se encontra algo essencial: não é possível separar da interpretação desse sonho o fato de Freud tê-la fornecido como o primeiro passo na chave dos mistérios dos sonhos.

---

[32] Citado por LACAN (1985[1955], p.190-191).

Lacan se dedicou a elucidar a análise que Freud ofereceu desse sonho a partir da consideração de que é possível identificar, nessa formação onírica, dois ápices. Quando o sonho alcançou o primeiro deles, representado pelo surgimento da imagem aterradora no fundo da garganta de Irma, teve lugar uma profunda desestruturação na vivência do sonhador. Para Lacan, recorrer ao processo de regressão relativo ao desenvolvimento do eu não é suficiente para explicar isso. Nesse primeiro ápice, não há mais Freud, ele apela para o consenso de seus semelhantes. Tem-se, aí, um ponto decisivo: seria suficiente lançar mão da noção de etapas típicas do eu, de um progresso normativo, a fim de elucidar esta desestruturação na vivência de Freud? Lacan considerou não se tratar de um estado anterior do eu, mas, literalmente, de uma decomposição espectral da função do eu, a partir da qual aparece a série dos 'eus'. O eu se constitui através da série das identificações que marcaram diferentes momentos históricos da vida do sujeito, e isso de maneira absolutamente dependente das circunstâncias. Para Lacan, essa decomposição espectral equivale a uma decomposição imaginária (1985[1955], p.210).

A decomposição imaginária que teve lugar no sonho da injeção de Irma não pode, portanto, ser explicada através da regressão entendida como retorno a estágios primitivos de desenvolvimento do eu. Tal surgimento imaginário se apresentou quando o sonho foi tão distante quanto possível no que concerne à angústia, quando uma aproximação do real derradeiro foi vivenciada. Essa decomposição imaginária deve ser entendida, apenas, como a revelação dos componentes normais da percepção. Nas palavras de Lacan,

> No momento em que algo do real é atingido naquilo que tem de mais abissal, a segunda parte do sonho da injeção de Irma põe em evidência estes compostos fundamentais do mundo perceptivo que constitui a relação narcísica. O objeto está sempre mais ou menos estruturado como a imagem do corpo do sujeito. O reflexo do sujeito, sua imagem especular, sempre se acha em algum canto em todo e qualquer quadro perceptivo, e é ele quem lhe confere uma qualidade, uma inércia especial. Esta imagem se acha disfarçada, por vezes até completamente. Mas no sonho, por se acharem aligeiradas as relações imaginárias, ela se revela facilmente a todo instante, ainda mais quando foi atingido o ponto de angústia onde o sujeito depara com a experiência de seu rasgamento, de seu isolamento em relação ao mundo.(1985[1955], p. 212).

A multidão, que interveio após o primeiro ápice do sonho da injeção de Irma, constitui-se da pluralidade imaginária do sujeito Freud, do desabrochamento das diversas identificações de seu eu. O sonho culminou com a entrada, em função, do sistema simbólico

em seu mais radical emprego, e isso constitui o que Lacan identificou como o segundo ápice dessa formação onírica (1985[1955], p.213-214). Foi no momento em que o mundo de Freud encontrava-se imerso em enorme caos imaginário que o discurso, como tal, independente de seu sentido, entrou em cena. O sujeito, então, aparentemente se decompôs e desapareceu. Encontra-se aí o reconhecimento do caráter essencialmente acéfalo do sujeito a partir de um certo limiar, designado no sonho pelo AZ da fórmula da trimetilamina. Aí se situa [*eu*][33]. A fórmula da trimetilamina surgiu como a derradeira palavra, sendo que ela não significa nada além do fato de ser uma palavra (LACAN, 1985[1955], p.216).

O primeiro esquema freudiano do aparelho psíquico, de 1895, representava a percepção e a consciência unificadas em um só sistema, como experimentalmente elas de fato são. A formulação de seu segundo esquema parece, a princípio, não ter se deparado com o paradoxo do sistema da consciência, o que ocorreu apenas quando Freud se dispôs a explicar o caráter alucinatório dos sonhos. Apesar de ter elucidado teoricamente o problema que deu ensejo a essa investigação complementar sobre a regressão, a Freud não foi possível desvencilhar-se de uma concepção puramente imaginária da regressão. Foi Lacan quem chamou atenção para o fato de ser extremamente problemático considerar a possibilidade de que aquilo que habita a consciência equivalha, pura e simplesmente, aos fenômenos elementares da percepção. Para ele, a regressão é um símbolo, e se dá no plano da significação, não da realidade. Faz-se, portanto, necessário distinguir em que medida a regressão guarda relações com o simbólico ou com o imaginário.

[33] Grafia utilizada por Lacan para diferenciar *je*, [eu], de *moi*, ou o eu, conforme nota do tradutor (1985[1955], p.408-409).

2.2. Pregnância imaginária como obstáculo epistemológico

> *"Somos seres encarnados, e pensamos sempre através de algum intermediário imaginário que detém, estaca, embrulha a mediação simbólica. Esta se acha perpetuamente picada, interrompida".*
>
> Jacques Lacan

A noção de obstáculo epistemológico é fruto das considerações de Gaston Bachelard (1996[1938]) sobre a formação do que ele denominou "espírito científico". Tais considerações visam evidenciar as especificidades do pensamento científico, em oposição ao pensamento pré-científico. A principal diferença entre esses dois pensamentos reside no fato de o espírito pré-científico operar a partir da valorização da experiência imediata, ao passo que o pensamento científico se interessa por aceder a abstrações suscetíveis de constantes remanejamentos e retificações.

2.2.1 O que é obstáculo e como isso opera?

Para Bachelard, qualquer experiência que se pretenda natural e imediata comporta um caráter de obstáculo. No que se refere ao empreendimento científico, é preciso considerar o trajeto que vai da percepção, tomada como inequívoca, até a abstração inspirada pelas objeções da razão. Os primeiros esboços são sempre insuficientes, e a tarefa de realizar abstrações corretas envolve dificuldades, pois a coerência abstrata nunca alcança seu objetivo de uma só vez. Por este motivo, o processo de abstração não pode ser considerado uniforme. Tal coerência, que é dotada de um caráter discursivo, é a única capaz de desobstruir a investigação científica prisioneira da ilusão sensualista (BACHELARD, 1996[1938]).

Em um empreendimento científico, nada é evidente ou gratuito, pois qualquer conhecimento se constitui como resposta a uma pergunta. Em outras palavras, tudo é construído; nesse processo, busca-se abandonar a contemplação do mesmo, a fim de alcançar o outro. Para Bachelard (1996[1938], p.21), em uma produção científica, o objetivo é dialetizar a experiência: o ponto de partida é um desejo de saber, mas para, logo em seguida,

melhor questionar. O problema do conhecimento científico deve ser posto em termos de obstáculos, que não devem ser entendidos como externos, atribuíveis à efemeridade dos fenômenos ou à fragilidade dos sentidos humanos, pois *é no próprio âmago do ato de conhecer que emergem lentidões e conflitos*. O autor salientou a impossibilidade de o conhecimento ser imediato e pleno, pois conhecer o real equivale a lançar luzes, mas isso sempre vem acompanhado da projeção de algumas sombras (BACHELARD, 1996[1938], p.17). Por isso, pode-se dizer que

> [...] uma hipótese científica que não esbarra em nenhuma contradição tem tudo para ser uma hipótese inútil. Do mesmo modo, a experiência que não retifica nenhum erro, que é monotonamente verdadeira, sem discussão, para que serve? A experiência *científica* é portanto uma experiência que *contradiz* a experiência *comum*. (1996[1938], p.13-14, grifos do autor).

O pensamento científico, necessariamente, emerge como dificuldade vencida ou como obstáculo superado. A primeira observação, repleta de imagens, sempre se constitui como obstáculo inicial para a cultura científica. Entre a observação e a experimentação, há ruptura, e não continuidade. O pensamento deve abandonar o empirismo imediato. A tese de Bachelard (1996[1938], p.36) pode ser assim enunciada: oferecer à curiosidade uma satisfação imediata não beneficia, mas funciona como obstáculo para a cultura cientifica, pois, dessa forma, o conhecimento é substituído pela admiração, e as idéias, pelas imagens. O autor afirmou que priorizar o conhecimento imediato prejudica o empreendimento científico, pois "em vez de ir ao essencial, acentua-se o lado pitoresco [...]" (1996[1938], p.43).

A adesão imediata a idéias imediatas conduz a que, no mundo objetivo, só sejam encontrados pretextos (BACHELARD, 1996[1938], p.67). Há, na atribuição fácil e apressada de imagens, um perigoso prazer intelectual que decorre das seduções da facilidade. As imagens podem bloquear as idéias, ou seja, a experiência pode perder o estímulo a partir da satisfação do pensamento através das imagens, cujo acúmulo é prejudicial à razão. Conforme assinalou Bachelard (1996[1938], p.93), o aspecto concreto, quando apresentado de maneira imprudente, ofusca a visão abstrata e nítida das questões que são essenciais. Nesse sentido, pode-se dizer que as experiências cheias de imagens constituem-se como falsos centros de interesse, sendo, portanto, necessário extrair o abstrato do concreto. A observação primeira nada oferece além de uma oportunidade de pesquisa. Com relação a essa sedução sensualista,

caracterizada pela tendência a contentar-se com representações imaginárias oriundas das primeiras observações, Bachelard afirmou que "ao espetáculo dos fenômenos mais interessantes, mais espantosos, o homem vai naturalmente com todos os seus desejos, com todas as suas paixões, com toda a alma. Não é pois de admirar que o primeiro conhecimento objetivo seja um primeiro erro" (1996[1938], p.68).

Uma teoria da abstração, para ser dotada de coerência, precisa afastar-se consideravelmente das imagens primitivas, já que a imagem se explica de maneira automática. A intuição primeira, composta por imagens ingênuas, opera como obstáculo para o pensamento científico. Somente a representação em imagens que ocorre após a conceituação, cuja finalidade é acrescentar um colorido aos traços identificados como essenciais, pode contribuir para o empreendimento científico (BACHELARD, 1996[1938], p.95-97). Na mentalidade pré-científica, as analogias têm lugar antes da teorização, ao passo que, na mentalidade cientifica, esse recurso apenas é convocado após a formalização teórica. Bachelard afirmou que "o perigo das metáforas imediatas para a formação do espírito científico é que nem sempre são imagens passageiras; levam a um pensamento autônomo; tendem a completar-se, a concluir-se no reino da imagem" (1996[1938], p.101).

Uma experiência, para ser racionalizada e abandonar a ilusão sensualista, deve encontrar inserção em um jogo de razões múltiplas (BACHALARD, 1996[1938], p.51). A abstração permite vislumbrar, para além da experiência comum, imediata e sedutora, a experiência científica, indireta e fecunda. A revolução copérnica, e também as descobertas macro e microscópicas, conforme salientou Bachelard (1996[1938], p.260), colocaram o ser humano diante de novas escalas do mundo. Tornou-se imperativo efetuar a abstração das grandezas comuns, ou de suas próprias grandezas, e considerar, também, as grandezas em sua relatividade com o método de medida. Ou seja, transformar em discurso aquilo que surge em uma intuição imediata.

Há, no empreendimento científico, um esforço de construção ou racionalização que muito interessa à epistemologia. Para o historiador da ciência, que toma as idéias como fatos, um fato mal interpretado continua a ser um fato. Bachelard (1996[1938], p.22) chamou atenção para o fato de que, para o epistemólogo, que toma os fatos como se fossem idéias e os inclui em um sistema teórico, um fato (ou idéia) mal interpretado é um obstáculo. O

epistemólogo difere do historiador por buscar destacar, dentre os conhecimentos de uma dada época, as idéias que podem ser consideradas fecundas (1996[1938], p.14).

Nas racionalizações imprudentes, a resposta, bem mais nítida que a pergunta, é dada antes mesmo que a indagação possa ser esclarecida (BACHELARD, 1996[1938], p.55). Um obstáculo epistemológico torna-se atuante quando o conhecimento passa a ser não questionado. Se uma investigação prefere considerar aspectos que confirmem seu saber, em lugar daqueles que o contradigam, ou seja, se prefere as respostas às perguntas, a idéia científica fica desgastada pelo uso e perde gradativamente seu "vetor de abstração", sua "afiada ponta abstrata" (1996[1938], p.19). Bachelard alertou para a necessidade de evitar o desgaste dessas verdades racionais, que tendem a perder a apodicticidade e a tornar-se meros hábitos intelectuais (1996[1938], p.303).

Ao desapego das imagens privilegiadas corresponde o encaminhamento para as vias da abstração. A imaginação tende a enganar, caso não haja esclarecimentos sobre a que ela serve e como serve. A intuição jamais deve ser tomada como um dado, pois a imagem oferece uma imediata e desastrosa satisfação. Para romper com o fascínio das formas simples e fechadas, o melhor caminho é explicitar como a explicação indireta e discursiva foi construída. Transmitir somente o resultado não corresponde a um ensino científico. Faz-se necessário explicitar a linha de raciocínio que conduziu ao resultado, sob pena de este ser prontamente associado a suas imagens mais conhecidas (BACHELARD, 1996[1938], p.288-289).

Para Bachelard (1996[1938], p.73-76), os problemas mais interessantes surgem das perturbações. A fecundidade de um conceito, nessa perspectiva, é considerada proporcional a sua capacidade de deformação. Os conceitos primitivos precisam ser deformados, as condições de aplicação desses conceitos devem ser estudadas, sendo que tais condições devem ser incorporadas ao próprio sentido do conceito. O tema dominante da explicação pré-científica pertence à intuição ingênua. Para o pensamento pré-científico, classificar um fenômeno equivale a conhecê-lo; não suportar críticas a si mesmo é um traço curioso deste pensamento (BACHELARD, 1996[1938], p.86-87). Mas um conhecimento, para ser considerado científico, deve ser apresentado junto com as condições de sua determinação precisa. Portanto, conhecimento destituído de precisão não é conhecimento científico (1996[1938], p.90). O espírito científico exige, primordialmente, que a precisão de uma

medida seja sempre referida à sensibilidade do método de mensuração, e ainda considere as condições de permanência do objeto medido. Conforme afirmou Bachelard,

> Sobre essa questão do medir, na aparência tão pobre, é possível perceber o divórcio entre o pensamento do realista e o pensamento do cientista. O realista pega logo na mão o objeto particular. Porque o possui, ele o descreve e mede. Esgota a medição até a última decimal [...]. Ao inverso, o cientista *aproxima-se* do objeto primitivamente mal definido. E, antes de tudo, *prepara-se* para medir. Pondera as condições de seu estudo; determina a sensibilidade e o alcance de seus instrumentos. Por fim, é o *seu método de medir*, mais do *que o objeto de sua mensuração*, que o cientista descreve (1996[1938], p.261, grifos do autor).

O aperfeiçoamento dos instrumentos é, portanto, correlativo de uma melhor definição do seu produto científico: o conhecimento somente se torna objetivo à medida que se torna instrumental – ou seja, *apenas quando a mediação simbólica é reconhecida e explicitada*. A ciência não encontra seus objetos prontos, ela os constrói. A objetividade é afirmada como método discursivo, aquém da medida. O lema é "refletir para medir". O pensamento pré-científico não considera essa necessidade: a objetividade é afirmada como intuição direta de um objeto, além da medida, conforme o preceito de "medir para refletir" (BACHELARD, 1996[1938], p.262).

O empreendimento científico, ao vencer diversos obstáculos epistemológicos, constitui-se como um conjunto de erros retificados. O conhecimento não pode ser considerado científico se não houver tal retificação. É necessário aceitar uma genuína ruptura entre o conhecimento sensível e o conhecimento científico. Bachelard considerou que, para assegurar que o estímulo deixou de ser a base da objetivação, que o controle objetivo corresponde a uma retificação e não a um eco, é preciso alcançar o "controle social" (1996[1938], p.295). Ou seja, a necessidade de estar integralmente confortável na própria visão de mundo precisa ser superada. Uma dúvida prévia deve atingir os fatos e suas relações, a experiência e também a lógica. Somente a precisão discursiva e social pode superar as insuficiências intuitivas e pessoais. Há, no aperfeiçoamento dos instrumentos de medida, um processo de retificação discursiva, pois uma operação objetiva requer o reconhecimento de falhas intelectuais. "E murmuremos, por nossa vez, dispostos para a vida intelectual: erro, não és um mal" (BACHELARD, 1996[1938], p.298).

Caso não haja despojamento da intuição e abandono das imagens privilegiadas, a investigação objetiva perde não apenas sua fecundidade, mas também o próprio vetor da

novidade. Uma descoberta objetiva converte-se logo em uma retificação subjetiva, pois se o objeto, de alguma maneira, instrui o cientista, ele o modifica (BACHELARD, 1996[1938], p.305). A verdade só pode ser encontrada em um arrependimento intelectual que seja autêntico. O ato de conhecer se funda sempre contra um conhecimento prévio, por meio da destruição de conhecimentos mal estabelecidos (1996[1938], p.17). No empreendimento científico, só é possível amar aquilo que se destrói; o passado só pode ter continuidade se for negado, assim como só há possibilidade de veneração do mestre na medida em que ele for contradito (1996[1938], p.309). A eficácia de um empreendimento dessa natureza não corresponde a não cometer equívocos; antes, depende da capacidade de não apenas admiti-los, como também de extrair deles novos aprendizados. Nas palavras de Bachelard, "[...] o homem que tivesse a impressão de *nunca* se enganar estaria enganado para sempre" (1996[1938], p.295, grifo do autor).

2.2.2 Relação com a lógica imaginária

Para que um obstáculo epistemológico opere na produção de determinado saber, é preciso que haja apego às concepções que decorrem das primeiras intuições, frutos das primeiras observações, sem que isso seja minimamente questionado. Ou seja, deve haver crença irrestrita na fidedignidade das informações oferecidas pelos órgãos dos sentidos. Dito ainda de outra maneira, correspondência ponto a ponto entre o fenômeno que tem lugar na realidade objetiva e a(s) inscrição(ões) disso no aparelho psíquico do cientista. Apego à lógica imaginária ou dual, portanto.

Para Bachelard, os obstáculos epistemológicos mais poderosos correspondem às intuições da filosofia realista. Tais obstáculos são altamente materializados, e acionam qualidades substantivas. Nas suas palavras, "é aí que encontraremos as verdadeiras palavras obstáculo" (1996[1938], p.102) Dentre os processos do pensamento considerados fundamentais, o "mito do interior" é, para o autor, um dos mais difíceis de ser exorcizado (1996[1938], p.126). A substancialização de uma qualidade imediata, percebida em uma intuição direta, permite uma explicação breve e peremptória. Bachelard afirmou que "[...] o

melhor meio de fugir às discussões objetivas é entrincheirar-se por trás das substâncias, é atribuir às substâncias os mais variados matizes, é torná-las o espelho de nossas impressões subjetivas" (1996[1938], p.184). Tomar o fenômeno imediato como indicativo de uma "propriedade substancial" conduz à interrupção da busca científica, pois as perguntas são, prontamente, abafadas pelas respostas que advêm da consideração das qualidades substantivas. A convicção substancialista é tão forte que se satisfaz com pouco (1996[1938], p.129). Nessa perspectiva, a despeito das objeções que possam ser colocadas pela experiência, a imaginação continua funcionando (1996[1938], p.136).

A esse processo, fruto de uma orientação sensualista da ciência, falta o percurso teórico que implica uma crítica à sensação. Por outro lado, para o empreendimento científico, todo fenômeno é um estágio do pensamento discursivo, um resultado preparado: é menos induzido e mais produzido. Tal empreendimento não se satisfaz com a simples associação de elementos descritivos de um fenômeno à sua pretensa substância; requer um esforço de hierarquia e uma determinação precisa e detalhada das relações com outros objetos (BACHELARD, 1996[1938], p.127). Há, então, supremacia do conhecimento abstrato e científico (lógica ternária ou simbólica) sobre o conhecimento primeiro e intuitivo (lógica dual ou imaginária). Bachelard enfatizou que propriedades que são prontamente substancializadas pela mentalidade pré-científica, expressão de uma tendência à realização direta, são, para o pensamento científico, manifestamente indiretas (1996[1938], p.136).

A mentalidade pré-científica fusiona imagens objetivas com desejos subjetivos; por isso é, mais que a ciência moderna, implicada em um sistema de valores morais (BACHELARD, 1996[1938], p.231-233). Todo pensamento pré-científico se desenvolve a partir da dialética fundamental do maniqueísmo (p.246), e se entrega a valorizações nitidamente *a priori*, gratuitas e sem provas (p.251). Um conhecimento objetivo imediato, necessariamente, marca o objeto com impressões subjetivas que devem ser expurgadas. "Um conhecimento imediato é, por princípio, subjetivo. Ao considerar a realidade como um bem, ele oferece certezas prematuras que, em vez de ajudar, entravam o conhecimento objetivo" (BACHELARD, 1996[1938], p.259).

A perfeição dos fenômenos físicos, para o pensamento pré-científico, funciona como um princípio explicativo fundamental. Da mesma maneira, a unidade é um princípio sempre desejado, realizado sem esforço. Mas é preciso considerar, conforme Bachelard não

cansou de enfatizar (1996[1938], p.107-108), que essa necessidade de unidade e perfeição acaba por conduzir a uma série de falsos problemas, pois a unidade é apressadamente realizada e a ambigüidade instantaneamente suprimida. Ou seja, algo do fenômeno é amputado – tudo aquilo que não corresponde aos ideais de unidade e perfeição – no intuito de assegurar uma completude que é puramente imaginária por desconsiderar a presença e atuação do diverso no seio do mesmo.

2.2.3 Incidência na teorização freudiana

Ainda que seja possível encontrar, nas formulações freudianas, vestígios consistentes de um certo apego à lógica imaginária, designado, para os efeitos deste trabalho, *pregnância imaginária*, não é possível desconsiderar que a psicanálise, desde seu nascimento, traz marcas profundas e indeléveis de uma maneira muito peculiar de produzir conhecimento, via empreendimento científico, sobre o funcionamento psíquico. Freud, como bom filho do fisicalismo alemão que era, foi incansável em seu objetivo de tratar cientificamente as manifestações e estruturas psíquicas. Portanto, ao lado da referida *pregnância imaginária* e de possíveis obstáculos epistemológicos a ela associados, encontram-se também, na teorização freudiana, exemplos bastante fecundos de como construir conhecimento científico por meio de um exercício criterioso da abstração, do remanejamento e da retomada de pontos de vista – por meio da mediação simbólica, portanto.

O início da produção teórica de Freud foi marcado por um clima de instabilidade e de inquietação. A correspondência com Fliess permite captar esse sujeito atormentado, que insistiu em avançar em suas investigações, a despeito das dificuldades que surgiram em seu percurso. O pensamento freudiano é flexível, maleável; Freud não hesitou em retomar e desconstruir formulações já estabelecidas, visando a uma melhor precisão conceitual. Contudo, também há, em suas formulações teóricas, elementos capazes de evidenciar certo apego ao já estabelecido. Com relação a essa coexistência de privilégios, ora da lógica imaginária, ora da lógica simbólica no pensamento freudiano, um comentário de Lacan, a

respeito de Lévi-Strauss, parece esclarecedor: ele considerou haver, naqueles que introduzem idéias novas, um movimento freqüente de hesitação em manter-lhes todo o gume (1985[1955], p.46).

Freud reconheceu, atuando nos seres humanos, um conflito essencial, que constitui o exato avesso de qualquer explicação do mundo que recorra ao argumento segundo o qual há uma tendência natural a criar formas superiores. Sua experiência médica lhe permitiu ter contato com um tipo de sofrimento, no homem, que guarda relações com um conflito fundamental que ultrapassa o ser humano. Conforme salientou Lacan (1985[1955], p.105), ele não apenas estranhou, como também repudiou expressamente, a crença em um progresso imanente ao movimento da vida. E esse "pessimismo" inerente ao pensamento freudiano suscitou as mais diversas modalidades de rejeição a suas idéias desbravadoras. Na Lição IV do *Seminário II*, Lacan (1985[1955], p.58) comentou que, assim como em uma análise, a transmissão da psicanálise também lida com resistências, cuja sede é sempre o eu, aqui entendido como soma daquilo que o sujeito crê saber. Uma perspectiva nova, descentrada em relação à experiência prévia, conduz invariavelmente a tentativas de reencontrar o equilíbrio ou o centro habitual dos pontos de vista. Isso pode ser considerado um sinal de resistência, e a hesitação freudiana em manter todo o gume de sua descoberta pode ser considerada decorrente da atuação disso que resiste.

Entretanto, essa hesitação da parte de Freud não foi suficiente para impedir a emergência fulgurante da novidade veiculada por sua descoberta. O avanço da teoria psicanalítica não foi inviabilizado por tal hesitação. Ao contrário, floresceu em terreno fértil e descortinou uma inteligibilidade inédita sobre o funcionamento psíquico. Com relação à maneira freudiana de produzir conhecimento, Lacan (1985[1956], p.16-17) afirmou que o ensinamento de Freud introduziu móbeis que se encontram para além da experiência imediata, e que não podem ser apreendidos de maneira sensível. A experiência imediata não pode ser considerada a medida da elaboração a que um empreendimento científico deve chegar; por isso, nas formulações freudianas, não é o fenômeno que é retido, mas algo que está atrás e que o condiciona. Para o autor francês (1985[1955], p.58) há, no pensamento de Freud, um movimento que nunca está acabado, que não se formula em uma edição definitiva ou dogmática, e que deve ser apreendido por aqueles que se dispõem a estudar e a transmitir a teoria psicanalítica.

Os exemplos desse movimento, que em última instância pode ser considerado porta-voz da provisoriedade que acompanha toda produção de conhecimento, são inúmeros e variados na obra de Freud. Em *A interpretação dos sonhos* (1900), obra inaugural da psicanálise por apresentar o modo próprio de funcionamento do simbólico nos seres humanos, encontram-se algumas afirmações freudianas bem características do acolhimento, por parte de Freud, dessa dimensão de inacabamento de todo conhecimento científico. As afirmações enfatizam o fato de, para ele, as hipóteses se constituírem como recursos provisórios, que devem aguardar confirmações posteriores. Aplicando este raciocínio ao vocabulário utilizado por Bachelard (1996[1938]) para apresentar suas idéias acerca do desenvolvimento do espírito científico, pode-se dizer que Freud se dispôs a submeter suas hipóteses à dimensão do controle social, ou seja, que ele superou a necessidade de permanecer, confortavelmente, instalado em sua própria visão de mundo. Nas suas palavras,

> [...] as hipóteses psicológicas a que somos levados por uma análise dos processos do sonhar devem ser deixadas, por assim dizer, em suspenso, até poderem ser relacionadas às descobertas de outras investigações que buscam abordar o âmago do mesmo problema desde outro ângulo (ESB, 1969, vol. V, p. 545).

A segunda afirmação que coloca em evidência o cuidado freudiano, no que concerne à provisoriedade de suas hipóteses, guarda relações com uma justificativa sobre sua estratégia metodológica de seguir suas especulações até o ponto em que seja possível manter a frieza de seu juízo, não tomando "os andaimes pelo edifício"(ESB, 1969, vol. V, p.572). Em outra passagem, é possível perceber o interesse freudiano em preservar viva a necessidade de que as formulações de um pesquisador possam ser submetidas ao controle social, inclusive no que se refere à posteridade. Freud, com relação ao inacabamento de sua investigação sobre a problemática da regressão nas formações oníricas, reconhecendo a precariedade do aparato conceitual utilizado, afirmou que

> Bem poderá acontecer que a primeira parte de nosso estudo psicológico dos sonhos nos tenha deixado com uma sensação de insatisfação. Mas podemos consolar-nos com o pensamento de que fomos obrigados a construir nosso caminho na escuridão. Se não nos achamos inteiramente errados, outras linhas de abordagem estão fadadas a conduzir-nos para a mesma região e tempo chegará em que nos encontraremos mais à vontade nela (ESB, 1969, vol. V, p.585).

Toda a produção teórica de Freud é profundamente marcada por esse movimento, que aponta sempre para uma dimensão de imperfeição e de incompletude do conhecimento construído por meio de aproximações e abstrações sucessivas, no que concerne ao objeto investigado. Nesse sentido, apesar da presença nas formulações freudianas de uma *pregnância imaginária*[34], pode-se considerar o conhecimento produzido por Freud, a partir dos critérios e elementos norteadores apresentados por Bachelard (1996[1938]) e retomados no item anterior do presente texto, como genuinamente científico.

2.3. *Anticopernicianismo de estrutura*: o apego à boa forma

Jean-Claude Milner, em *A obra clara* (1996), desenvolveu uma idéia capaz de contribuir para a discussão empreendida no presente capítulo. Trata-se da formalização teórica de algo que, talvez, possa ser considerado sustentáculo do apego ao imaginário dual em detrimento do simbólico ternário e de seus efeitos manifestos. A partir de considerações sobre o narcisismo humano, ele apresentou a noção desse algo que opera no sentido de assegurar a garantia ou manutenção da boa forma, em detrimento das descontinuidades e dos equívocos. Trata-se de alguma coisa por ele designada *anticopernicianismo recorrente associado à função imaginária do eu*. O autor afirmou que, tanto o eu quanto o privilégio do imaginário, ou da boa forma, são estruturais. Portanto, tal anticopernicianismo também é de estrutura.

2.3.1 A potência unificadora do imaginário

Freud identificou três golpes narcísicos cruciais, infligidos pela ciência ao ingênuo amor da humanidade por si mesma: o primeiro teve como porta-voz Copérnico, que pôs em cheque o geocentrismo; o segundo foi perpetrado por Darwin, que, através da seleção natural, incluiu a espécie humana na trama evolutiva comum a toda a natureza; e o terceiro foi

[34] Conforme apresentado no item 2.1 do presente capítulo (p.54-69).

desferido pela psicanálise, que destituiu o eu de seu lugar privilegiado no funcionamento psíquico (ESB, 1969, vol. XVI, p.336). As marcas deixadas por cada um desses golpes podem ser designadas como feridas narcísicas, já que cada um deles feriu de morte a demanda de exceção que acompanha essas pretensões desmedidas, que se referem à condição humana em relação às demais formas de vida presentes na natureza.

A intensa hostilidade que acompanhou cada uma dessas "descobertas" pode ser tomada como indício, quase inequívoco, da insistência da tentativa de manter, a qualquer preço, essa condição de privilégio para o ser humano. Segundo Jean-Claude Milner (1996), a tese de fundo capaz de elucidar esse apego às noções que concedem à criatura humana um lugar de exceção no reino da natureza consiste em afirmar a existência do anticopernicianismo de estrutura. Com relação a esse apego às pretensões totalizantes, típicas do funcionamento do imaginário, vale lembrar que a *episteme* antiga, que precedeu o empreendimento da ciência moderna, desapareceu como figura histórica, mas isso não foi suficiente para impedir que alguns de seus traços característicos permanecessem, já que tanto o eu quanto o privilégio do imaginário permanecem, por serem de estrutura (MILNER, 1996, p.46-47).

Com relação ao ser humano, pode-se dizer que essa propriedade de exceção, identificada por Milner como sendo o narcisismo por excelência, recebeu nomes diversos. A filosofia, durante muito tempo, recorreu à noção de alma, suficiente para localizar algo no ser humano, capaz de o aparentar a Deus através de uma correspondência imaginária. Mas esta noção, proveniente do mundo organizado pela *episteme* antiga, foi suplantada por outra. Quando a ciência moderna substituiu a maneira pré-científica de produzir conhecimento, a noção de alma também teve que sair de cena. Surgiu, assim, a noção de consciência como aquilo capaz de assegurar a manutenção dos privilégios narcísicos suportados pela crença irrestrita no imaginário. A postulação freudiana de um modo de funcionamento inconsciente do aparelho psíquico atingiu em cheio essa ilusão, convocada para responder à demanda humana de exceção. A partir dessas considerações, é possível vislumbrar, em todo seu poder de desconstrução, o ponto de incidência da psicanálise. Se a consciência reúne, na acepção moderna, os privilégios do homem como exceção, a negação com que Freud a atinge almeja tornar obsoleta a noção de um tal privilégio. Através desse movimento, a alma é, também, afetada. Por conseguinte, também Deus. Eis o alcance da descoberta freudiana (MILNER, 1996, p.54). Para a psicanálise, importa considerar que existe um indivíduo que é afetado por

um inconsciente. Nisso consiste a hipótese fundadora de Freud: há um indivíduo que coincide com alguma coisa que é distinta dele, o sujeito. A psicanálise, que em sua prática procura tratar uma individualidade empírica, encontra, por coincidência, um sujeito. (MILNER, 1996, p.115). Enquanto o indivíduo é aquilo recorrentemente afetado pelo mesmo, o sujeito é afetado pela alteridade.

A problemática que mobilizou todo o empreendimento freudiano foi a constatação da existência de uma modalidade de pensamento que não corresponde aos critérios imaginários e qualitativos do pensamento, conforme definidos por Aristóteles (coerência, terceiro excluído, discursividade, negação). A psicanálise teve, então, que formalizar uma teoria do pensamento, capaz de contemplá-lo disjunto das regulações imaginárias (MILNER, 1996, p.111). Há uma relação do sujeito com a linguagem, cuja regulação não se restringe aos princípios aristotélico-imaginários, que se pautam por uma exigência de sentido. Há um uso possível do significante que é desvinculado desta exigência. Nesse contexto, pode-se dizer que o inconsciente não equivale ao conteúdo latente do sonho: corresponde ao próprio trabalho de elaboração onírica, que transforma uma coisa em outra, através da articulação significante, sendo que isso não envolve nenhum trabalho que dependa dos princípios imaginários, prisioneiros da boa forma, do funcionamento do pensamento.

Contudo, muito embora Freud tenha sido porta-voz da novidade fulgurante veiculada pela descoberta do inconsciente, a ele não foi possível desvencilhar-se totalmente do apego às pretensões unificadoras do imaginário. Considerar isso permite entrever a extensão da dificuldade da tarefa com a qual Freud se deparou: ao se dar conta do funcionamento do símbolo como tal, e dos efeitos disso nos seres humanos, ele também precisou lidar com a força de atração exercida por tais pretensões totalizantes. Ou seja, na empreitada de formalizar, teoricamente, o modo próprio de funcionamento do simbólico, qual seja a autonomia do significante em relação ao significado na produção de significação, ele teve que sobrepujar a tentação encarnada nas vantagens oferecidas pelo privilégio da lógica dual em detrimento da lógica ternária. Nesse sentido, pode-se dizer que também Freud esteve exposto à sedução pelo apego à boa forma, e isso teve efeitos em sua produção teórica.

Se Freud esteve exposto ao apego ao imaginário, se foi também suscetível aos efeitos do anticopernicianismo, que é de estrutura – se sua teorização traz as marcas de uma *pregnância imaginária* – a compreensão teria, então, lugar no campo da análise? O campo

analítico poderia alcançar o homogêneo? Nesta discussão caberia a pergunta: se as formulações freudianas contêm marcas identificáveis de um certo apego à lógica imaginária, o freudismo poderia ser considerado um humanismo? Valendo-se da posição de Merleau-Ponty, essencialmente humanista, conforme explicitado no *Seminário II,* Lacan demonstrou em que consiste esta perspectiva: há apego às noções de totalidade e de funcionamento unitário, assim como suposição de uma unidade acessível à apreensão instantânea. A experiência da "boa forma" fornece o protótipo. Mas qualquer explicação do mundo que recorra ao argumento segundo o qual há uma tendência natural a criar formas superiores é o exato avesso do conflito essencial que Freud viu atuar no ser humano (LACAN, 1985[1955], p.104-105). A teoria psicanalítica não pode, portanto, ser considerada filha do humanismo.

Considerar o anticopernicianismo de estrutura como algo que trabalha a serviço da manutenção da estabilidade do imaginário, marcada por um privilégio exclusivo da boa forma, remete a algumas considerações. Mais especificamente, ao complexo de Édipo tomado em sua vertente estrutural, e ao enunciado lacaniano de que só é possível aceder ao simbólico através do imaginário. Em outras palavras, permite pensar a alienação imaginária como pré-condição para o funcionamento do simbólico, em função do fato de ela constituir dois dos três vértices que concedem uma configuração triangular a uma dada situação. Ou seja, sem a sustentação pelo imaginário, o simbólico não pode operar.

Contudo, apesar dessa função indispensável de sustentação do funcionamento do registro simbólico, o imaginário, cujo funcionamento é marcado pelo privilégio inconteste da boa forma e da unidade, caso seja considerado equivalente do simbólico, obstrui e mesmo inviabiliza a consideração da incidência do terceiro vértice do triângulo na configuração de uma realidade. O modo próprio de funcionamento do simbólico, por conseguinte, fica obscurecido, em função da insistência imaginária de privilegiar a correspondência, ponto a ponto, na configuração de uma dada realidade. Mas é preciso ressaltar que assegurar, ainda que imaginariamente, esta correspondência equivale a amputar da experiência algo muitíssimo valioso. Simplesmente aquilo que Cassirer (1994[1977]) considerou ser o aspecto essencial capaz de distinguir a espécie humana dos demais seres animados da natureza: a interposição de um sistema simbólico entre a recepção de um estímulo e a emissão de uma resposta. Equivale, portanto, segundo a perspectiva de Ernst Cassirer, a amputar do homem sua humanidade.

3. A INSISTÊNCIA DO SIMBÓLICO

"*Coisa engraçada, tenho um pressentimento dessas coisas algum tempo antes*".
Sigmund Freud

Na época das primeiras revelações analíticas, conforme assinalou Lacan (1985[1955], p.18-19), as pessoas se curavam de maneira mais ou menos milagrosa; mas, à medida que a técnica evoluiu, isso foi funcionando cada vez menos. As primeiras formulações freudianas sobre a técnica psicanalítica podem parecer um tanto quanto carentes de um substrato racional, capaz de explicar, através da lógica, a maneira pela qual a investigação analítica tratava ou curava. Freud estava se aventurando em terreno virgem, pois, até aquele momento, ninguém havia se dedicado, pela via através da qual ele se aventurou, a explorar esse campo. O campo em questão é o do desconhecido constitutivo da experiência humana. Freud buscou elucidar as leis de funcionamento do aparelho psíquico considerando o inconsciente algo radicalmente distinto da consciência. A psicologia, seguindo os rumos ditados pela filosofia, insistia em sustentar a tese da paridade entre a consciência e o psíquico, e Freud se esforçou por evidenciar, de maneira incansável, que exatamente isso é problemático. Ao subverter a tese filosófica, dominante em sua época, da equivalência entre o psíquico e a consciência, introduzindo no mental o inconsciente, Freud permitiu uma inteligibilidade inédita acerca do funcionamento psíquico.

Em *Além do princípio do prazer* (1920), no início do capítulo III, encontra-se um esclarecimento sobre as etapas do progresso do trabalho analítico. Em um primeiro momento, o que era visado era resolução do sintoma por meio da revelação de sua significação, o que acarretaria, por parte do paciente, a convicção. Na segunda etapa, a necessidade de integração no imaginário foi reconhecida. Além da compreensão da significação, era preciso que ocorresse a reminiscência e sua integração no eu. Na terceira etapa, teve lugar a constatação de uma inércia própria a tudo que está estruturado no imaginário. Freud insistiu na idéia segundo a qual, após a redução das resistências, restaria algo que talvez constituísse o essencial. Aí ele introduziu a noção de repetição. Do lado do recalcado, do inconsciente, não há resistência; há, apenas, tendência à repetição. A originalidade da segunda tópica freudiana, conforme assinalou Lacan (1985[1955], p.400), consistiu em a clivagem não mais ocorrer entre

consciente e inconsciente, mas entre algo recalcado, cuja tendência é a repetição (a fala que insiste), e algo que constitui obstáculo a isso (o eu).

A consideração cuidadosa desse esclarecimento acerca da técnica analítica permite afirmar que, nos dois primeiros momentos, parecia haver prevalência da dimensão imaginária dos fenômenos, ao passo que, no terceiro momento, parece haver entrada, de maneira decisiva e radical, da dimensão simbólica como tal. Nesse sentido, pode-se dizer que, à medida que as formulações teóricas de Freud avançaram, mais evidentes se tornaram o modo próprio de funcionamento do simbólico e os efeitos que disso decorrem nos seres humanos.

A consideração cuidadosa dos fenômenos de linguagem esteve presente desde os primórdios da psicanálise. Os processos inconscientes, assim como a investigação decorrente do interesse freudiano por eles, desde o início foram relacionados aos fenômenos de linguagem. Contudo, a lingüística ainda não havia se constituído como ciência capaz de dispensar um tratamento lógico ao funcionamento da linguagem nos seres humanos. É curioso o fato de ser tão tardio o nascimento de uma ciência capaz de problematizar a linguagem em sua qualidade de faculdade, de atributo do sujeito humano. Da concepção de linguagem como dom, como algo dado e do qual resta ao homem desfrutar, passa-se à consideração de que o funcionamento da linguagem, no ser falante, não é regulado apenas por instintos ou algo que o valha. A pulsão também está em cena – Freud já o evidenciara, e não é mais possível sustentar a idéia de que a linguagem, pura e simplesmente, representa fielmente o mundo. Há, na relação de representação, uma fluidez que induz a falhas, lacunas ou descompassos entre o nome que designa e aquilo que é assim designado.

Freud foi sensível a essa hiância, e aí ele foi desbravador. Mas os frutos de sua heróica empreitada, muito embora tenham trazido à luz questões cuja relevância tornou-se indelével, muitas vezes parecem carregar a marca do que, para os efeitos do presente trabalho, convencionou-se chamar *pregnância imaginária*. A Freud não foi possível, apesar de seu incessante esforço no sentido de dotar a psicanálise de um caráter científico, de fato inserir sua descoberta no campo das ciências naturais. Faltou a ele um aparato conceitual capaz de, efetivamente, elucidar a articulação entre formações sintomáticas, fenômenos inconscientes e funcionamento da linguagem. A descoberta freudiana evidenciou algo genial: os efeitos do funcionamento simbólico no ser humano. A articulação da descoberta do inconsciente com o campo da linguagem é precoce e fundamental para toda a teoria freudiana. Contudo, Freud não

pôde elucidar, a contento, como isso opera, ou seja, como o funcionamento do sistema simbólico afeta o ser humano. Ele foi forçado, em função mesmo de sua formação, a enveredar pelo caminho das ciências naturais, nas quais não havia lugar para um estudo científico da linguagem. A primeira tentativa freudiana foi a via neurológica, que pretendeu elucidar os fenômenos de linguagem, presentes nas formações sintomáticas, através de suas manifestações somáticas no sistema nervoso. Mas Freud logo percebeu a insuficiência do discurso médico pra elucidar o funcionamento do aparelho psíquico. Recorreu, então, à física e, em alguns momentos, à biologia. Depositou esperanças em descobertas futuras no campo da química. E também se viu compelido a recorrer à filosofia.

As ciências naturais, que não pretendiam elucidar o funcionamento de seu instrumento mesmo de pesquisa – os pesquisadores, não poderiam subsidiar Freud em sua aventura teórica. Aí ele recorreu à filosofia. E por isso, brilhantemente, pôde formular toda a sua metapsicologia: diante da ausência de uma teoria científica capaz de elucidar a contento o funcionamento do aparelho psíquico, ele criou uma. Mas suas teorizações, apesar de todo o potencial de novidade e subversão que carregam, trazem a marca do espírito científico de sua época – daí os efeitos de *pregnância imaginária*, sobre os quais versou o segundo capítulo do presente texto. Entretanto, tais marcas não foram suficientes para sobrepujar a força da novidade subversiva introduzida pela descoberta freudiana do inconsciente. Freud foi perspicaz e audacioso; suportar os efeitos de não-saber que decorrem da consideração cuidadosa do modo de funcionamento próprio do registro simbólico na experiência humana não é algo alcançado sem que seja necessário pagar um certo tributo. E Freud se dispôs a isso. É o que se pretende evidenciar ao longo deste terceiro capítulo.

Há uma *pregnância imaginária* que marca as formulações freudianas, sobretudo aquelas que foram, aqui, consideradas inaugurais; contudo, coexiste, com isso, o fato de Freud, a despeito de qualquer apego por concepções fundamentais para o pensamento de sua época, ter apreendido, de maneira bastante perspicaz, o modo próprio do funcionamento do simbólico nos seres humanos, qual seja a autonomia do significante em relação ao significado na produção de significação. A limitação imposta pela insuficiência de aparato conceitual capaz de permitir uma elucidação a contento da articulação entre manifestações do inconsciente, formações sintomáticas e fenômenos de linguagem, não foi suficiente para

impedir que Freud prosseguisse em sua empreitada rumo ao desconhecido constitutivo da experiência humana. Com relação ao instigante sentido investigativo de Freud, Lacan afirmou que

> Tudo isto é dito sempre de um jeito que nos maravilha e nos permite ver para além daquilo que o próprio Freud era capaz de apreender naquele momento. É que Freud é um observador excepcional, deveras genial. Naquilo que ele nos deu sempre temos para nos orientar mais material [...] do que aquilo que ele próprio conceitualizou, o que é um caso excepcional na história da literatura científica (1985[1955], p.160).

A investigação que deu origem ao presente texto permitiu constatar, nas formulações freudianas mais incipientes, a coexistência de elementos porta-vozes da novidade introduzida por Freud, e de elementos indicativos de apego a concepções já estabelecidas. Os argumentos em favor da hipótese da presença dessa *pregnância imaginária* em tais formulações foram apresentados no capítulo anterior. Sendo assim, torna-se imperativo articular considerações capazes de evidenciar a competência de Freud para perceber e incluir, em sua teorização, a incidência dos efeitos do funcionamento simbólico nos seres humanos, a despeito do fato de ele não ter podido contar com um instrumental conceitual capaz de subsidiar uma tal formalização, de maneira a extrair, o mais radicalmente possível, suas conseqüências. Este terceiro capítulo objetiva, então, evidenciar, nas formulações freudianas consideradas inaugurais, a presença de elementos que permitem argumentar em favor de uma percepção quase antecipada, da parte de Freud, daqueles aspectos posteriormente desenvolvidos por Lacan, a partir de sua apropriação da lingüística estrutural, com vistas a sustentar a articulação entre fenômenos do âmbito da psicanálise e fenômenos de linguagem.

3.1 Primeira formulação do aparelho psíquico

O *Projeto para uma psicologia científica* data de setembro de 1895, tempo em que Freud estava no caminho de sua descoberta. Neste texto, encontra-se a primeira formulação freudiana do aparelho psíquico. Em 1895 não havia teoria do neurônio, e as idéias freudianas sobre a sinapse são absolutamente inovadoras por serem tributárias da ruptura de continuidade entre duas células nervosas (LACAN, 1985[1955], p.130). O fato de Freud ter originalmente

proposto uma teoria que considerou tal ruptura de continuidade entre os neurônios pode ser tomado como indicativo da sensibilidade freudiana para acolher, mesmo em suas formulações teóricas mais incipientes, considerações concernentes ao papel da descontinuidade no funcionamento do aparelho psíquico. Nesse sentido, pode-se dizer que a inclusão de tais considerações, em suas formulações mais inaugurais, permitiu a Freud criar o solo fecundo sobre o qual a psicanálise veio posteriormente a florescer.

Além disso, há ainda outros elementos que permitem inferir a presença de considerações profícuas sobre o modo de funcionamento do simbólico nas formulações freudianas mais primitivas. Segundo o primeiro esquema freudiano do aparelho psíquico[35], as contribuições quantitativas do mundo exterior provêm do sistema φ (*phi*), sensível à excitação, e tudo que é percepção, e não excitação, ocorre no sistema ω (*gama*), sendo que o que vem do mundo exterior provém de φ por intermédio de ψ (*psi*). Esta interposição do sistema ψ, presente nessa primeira formulação freudiana do aparelho psíquico, pode ser considerada um indício da importância conferida por Freud, desde o início, ao sistema simbólico no funcionamento mental. Ernst Cassirer (1994[1977], p.49) afirmou ser a interposição deste sistema no esquema simples do arco-reflexo, segundo o qual a uma estimulação corresponde uma resposta, a característica capaz de distinguir, de forma radical, o ser humano das outras formas de vida existentes na natureza. Nesse sentido, pode-se dizer que Freud já se encontrava, mesmo nessas primeiras formulações, trilhando o caminho que o conduziu a formular a teoria psicanalítica em toda sua especificidade e correlativo potencial subversivo.

Lacan (1985[1955], p.279-280) chamou atenção para o fato de que a experiência freudiana, desde o *Projeto*, começou por estabelecer um mundo do desejo, que constitui o mundo da experiência freudiana. Ele enfatizou que "o mundo freudiano não é um mundo das coisas, não é um mundo do ser, é um mundo do desejo como tal" (1985[1955], p.280). Nos anos de 1950, foi constatada, no que se refere à técnica analítica, uma tendência a fazer da relação objetal um molde da adaptação do sujeito a seus objetos. Na perspectiva clássica, há coaptação entre o sujeito e o objeto, mas é em um registro de relações completamente diferente que o campo da experiência freudiana se estabeleceu, pois o desejo é uma relação entre ser e falta. Falta de ser, mais precisamente, sendo que o ser se coloca a existir em

[35] Conforme apresentado por Lacan (1985[1955]).

decorrência dessa falta. Nas palavras de Lacan,. "[...] falta de ser através do que o ser existe" (1985[1955], p.280).

O desejo, função que pode ser considerada central na experiência humana, é desejo de nada que possa ser nomeado, e é isso que sustenta toda e qualquer animação. Na falta de ser, o sujeito se dá conta de que o ser lhe falta, e que está em todas as coisas que não sabem que são. Ainda que o sujeito saiba que é, não sabe efetivamente nada daquilo que é. Na perspectiva lacaniana, isso é o que falta em qualquer ser (1985[1955], p.281). As relações entre os seres humanos são estabelecidas para aquém do campo da consciência. É o desejo como inconsciente que estrutura, primitivamente, o mundo humano. Com relação a isso, Lacan afirmou que "o desejo de que se trata, mesmo aquele que se diz não ser elaborado, já está para além da coaptação da precisão. Até mesmo o mais simples dos desejos é muito problemático" (1985[1955], p.285).

No que concerne ao desejo, já em 1895, Freud, ao afirmar a impossibilidade de satisfação por meio do estabelecimento de uma identidade perceptiva com o objeto primário de satisfação, colocou em cheque a correspondência entre o objeto que se apresenta e as estruturas já constituídas no eu. Diante dessa impossibilidade, restaria o recurso ao estabelecimento de uma identidade de pensamento com a experiência de satisfação original. Nesse contexto, toda a atividade de pensamento, por ser considerada apenas substituta de um desejo alucinatório, foi concebida como acesso indireto à realização de desejo. Conforme afirmou Lacan (1985[1955], p.130-131), Freud, dessa maneira, distinguiu, radicalmente, duas estruturações da experiência humana: a da reminiscência, que supõe uma harmonia entre o homem e seu mundo objetal; e a da repetição, da conquista e estruturação do mundo através de um esforço de trabalho. O que se apresenta ao ser desejante coincide, apenas parcialmente, com o que já lhe proporcionou satisfação, e, por isso, ele se coloca a buscar e a repetir indefinidamente sua procura. É somente pela via de uma repetição que o objeto é encontrado e estruturado. Reencontrar o objeto equivale a repetir o objeto, com a ressalva de que o sujeito nunca encontra o mesmo objeto. Por essa razão, ele vive a engendrar objetos substitutivos.

A função da repetição, portanto, estrutura o mundo dos objetos. O mundo humano é aberto a uma multiplicidade de objetos que, em sua função radical de símbolos, não guardam mais relações imediatas com objetos, já que tudo é mediado pela função simbólica. A redescoberta do objeto, via repetição, é condição estrutural da constituição do mundo objetal

no homem. Contudo, apesar de enfatizar a questão da relação objetal, já nesse momento tão incipiente de sua teorização, Freud não considerou ainda a referência ao outro, também essencial para a estruturação do objeto. Nesse contexto, a descoberta do narcisismo adquiriu, para Lacan, todo o seu valor pelo fato de não ter sido percebida por Freud nesse momento. No que concerne à presença dessas duas tendências no funcionamento do aparelho psíquico, uma restitutiva e outra repetitiva, Lacan afirmou que

> O organismo, já concebido por Freud como uma máquina, tem tendência a retornar ao seu estado de equilíbrio – é o que o princípio do prazer formula. Ora, numa primeira abordagem, esta tendência restitutiva, no texto de Freud, se distingue mal da tendência repetitiva que ele isola, e que é o que ele introduz de original. Perguntamo-nos, pois, o seguinte – o que distingue estas duas tendências? [...] Freud retorna perpetuamente a uma noção que parece escapar-lhe sempre. Ela resiste, mas ele não se detém, ele busca a todo custo manter a originalidade da tendência repetitiva. Sem dúvida alguma, algo lhe faltou da ordem das categorias ou das imagens para que ele conseguisse fazer-nos senti-la convenientemente (1985[1955], p. 106).

Ao longo das quatro etapas do pensamento freudiano, delimitadas por Lacan no *Seminário II* (1985[1955], p.137), as dificuldades e os impasses com que Freud se deparou foram reproduzidos, a cada vez, em uma disposição modificada. As mesmas antinomias persistiram sob formas transmutadas, e Lacan as perseguiu a fim de permitir o surgimento da autonomia da ordem própria daquilo com que Freud se defrontou e se esforçou por formalizar. Trata-se da ordem simbólica, em suas estruturas próprias e em seu dinamismo, em sua forma particular de intervir, a fim de impor sua economia autônoma à vivência do ser humano. Lacan designou a originalidade da descoberta freudiana através disso: Freud localizou e delimitou, na experiência humana, um ponto exterior que não está no homem, mas alhures. À medida que sua obra se desenvolveu, ele se viu constantemente convocado a restaurar esse ponto excêntrico. E Lacan procurou reencontrar, no texto freudiano, as etapas de tal progresso (1985[1955], p.150).

Por ocasião do *Projeto*, Freud definiu o princípio de prazer como um princípio de constância. Com relação a essa pretensa função homeostática, Lacan indagou: "por que será que o sistema recalcado se manifesta com [...] insistência? Se o sistema nervoso é destinado a alcançar uma posição de equilíbrio, por que será que não consegue?" (1985[1955], p.87). Freud, no *Projeto*, tentou mostrar que o cérebro funciona como órgão tampão entre o homem e a realidade – como órgão de homeostasia, portanto. Mas ele tropeçou no sonho, e se deu conta

de que o cérebro é uma máquina de sonhar. Conforme salientou Lacan (1985[1955], p.101-102), aí Freud pôde reencontrar a idéia de que é no nível mais inconsciente que o sentido e a fala se revelam. Ele descobriu o funcionamento do símbolo como tal, e a revolução do seu pensamento, que teve lugar com *A interpretação dos sonhos* (1900), deve-se a isso. Era preciso que ele se posicionasse diante dessa descoberta, aceitando-a ou desconhecendo-a. Isso constituiu uma virada tal que Freud não pôde saber, naquele momento, o que estava acontecendo. Foi necessário um percurso de cerca de 20 anos para que ele pudesse retomar suas premissas e, assim, tentar reencontrar o que essa descoberta do símbolo funcionando como tal significava no plano energético. Para Lacan, foi isso o que impôs a Freud a elaboração inédita do além do princípio do prazer e do instinto de morte. Além da referência do homem a seu semelhante, há constituição de um terceiro termo, onde, a partir de Freud, encontra-se o eixo da realização do ser humano.

3.2 Teoria da defesa e publicações pré-psicanalíticas

Antes de passar às considerações concernentes à produção teórica de Freud, contemporânea de *A interpretação dos sonhos* (1900), que se inserem no prolongamento daquelas presentes no *Projeto para uma psicologia científica* (1895), faz-se necessário retomar algumas formulações que integram o período no qual a teoria da defesa se apresentou como um dos alicerces sobre os quais o edifício teórico da psicanálise começou a ser erguido.

Em 1894, apesar de encontrar-se ainda em débito com Charcot e com Breuer, é possível detectar, nas formulações freudianas presentes no artigo *As neuropsicoses de defesa* (1894), a emergência de aspectos que vieram a se tornar parte essencial das concepções psicanalíticas. A teoria da defesa, por exemplo, apenas brevemente mencionada na *Comunicação Preliminar* (1893), foi inauguralmente discutida em profundidade nesse texto. É também no mesmo escrito que a importância etiológica do papel da sexualidade começou a se delinear. Há, ainda, uma alusão à problemática da natureza do inconsciente, no momento em que Freud discute a questão da transposição do afeto desvinculado da idéia incompatível na neurose obsessiva: com relação a isso, ele afirmou tratar-se de processos que operam fora do

registro da consciência. E encontra-se, também nesse artigo, a clara enunciação da hipótese, na qual se sustenta todo o esquema de Freud, que se resume na noção de uma quantidade deslocável, capaz de se espalhar sobre os traços de memórias das idéias[36].

A teoria da defesa, ponto de convergência das formulações freudianas desse período, subsidiou reflexões capazes de evidenciar indícios da *pregnância imaginária* que parece incidir sobre a produção teórica de Freud desse momento. Contudo, tal teoria contém, também, elementos que podem ser considerados indicativos da perspicácia com que Freud percebeu e acolheu, mesmo nesse momento tão incipiente de sua empreitada teórica, o modo próprio de funcionamento do simbólico.

Em seu *Vocabulário da psicanálise*, Laplanche & Pontalis (2001, p.107-108) consideraram que Freud, ao colocar em primeiro plano a noção de defesa na histeria (e a seguir nas outras neuropsicoses), estava delineando sua própria concepção da vida psíquica, em oposição às perspectivas de seus contemporâneos. Nesse contexto, as psiconeuroses foram contrapostas às neuroses atuais: estas, decorrentes de um aumento insuportável de tensão interna, em função de uma excitação sexual não descarregada, que escoa em sintomas somáticos, não podem ser explicadas pela teoria da defesa. Freud distinguiu, claramente, a defesa das medidas tomadas pelo organismo para diminuir o aumento de tensão oriunda de fontes orgânicas. A especificidade da noção freudiana de defesa pode ser encontrada na consideração de que este processo incide somente sobre *representações* – daí a impossibilidade de tomá-lo como correlativo de uma regulação puramente orgânica.

Com relação à idéia de que o ego funciona como pólo defensivo nas situações conflitivas que envolvem exigências pulsionais, Laplanche & Pontalis (2001) identificaram um problema teórico, que pode ser assim enunciado: se a descarga pulsional objetiva o prazer, como pode ser percebida como desprazer ou como ameaça de desprazer, a ponto de suscitar a defesa? Freud recusou a solução teórica segundo a qual a defesa entraria em cena quando a tensão aumentasse de maneira insuportável, em função da insatisfação de uma moção pulsional. O argumento pode ser exemplificado através da afirmação de que uma fome não saciada não sofre recalcamento (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p.109). A maneira como a psicanálise se apropriou da noção de defesa não pode ser designada a contento através da idéia de homeostase do organismo biológico, pois esta noção se refere, de maneira explícita,

[36] Conforme anotações do Editor Inglês (ESB, 1969, vol. III, p.56).

às *representações* que habitam o aparelho psíquico – algo distinto das fontes orgânicas da excitação, portanto.

A noção de defesa desempenhou um papel muito precoce na obra freudiana. Já em 1894, foi proposta a expressão 'neuropsicoses de defesa'. Lacan salientou que Freud empregou esse termo em um sentido absolutamente preciso. Quando falou sobre 'histeria de defesa' (*Abwehrhysterie*), ele a distinguiu de duas outras formas de histeria, o que constituiu uma primeira tentativa no sentido do estabelecimento de uma nosografia propriamente psicanalítica. Freud, apesar de não ter negado os estados hipnóides de Breuer, disse que não os levaria em conta, pois o que lhe interessava no registro da experiência psicanalítica era a lembrança do trauma – o que poderia não corresponder, exatamente, à experiência traumática[37]. A concepção freudiana de histeria de defesa parece guardar relações com isso. Lacan enfatizou que, quando a noção de defesa apareceu pela primeira vez, Freud se encontrava no registro da rememoração e de seus distúrbios: importava considerar a articulação verbal, promovida pelo paciente, com relação à sua história. Na histeria de defesa, as representações incompatíveis só podiam ser expressas nos sintomas, e o tratamento consistia em liberar o discurso da paciente. Para saber o que foi o terreno de partida da psicanálise, conforme salientou Lacan (1985[1956], p.122-123), é preciso retornar aos distúrbios da rememoração, pois foi explorando tais distúrbios e almejando preencher as lacunas da memória que Freud constatou que os acontecimentos da vida do sujeito se aninham onde não se esperava.

Na *Carta 52*, Freud desenhou o circuito do funcionamento mental, mas, para ele, tratava-se do aparelho psíquico não de um indivíduo ideal, mas de seus doentes. Lacan (1985[1956], p.175) considerou ser isso o que introduziu Freud na "fecundidade verdadeiramente fulgurante" presente nesta carta. Ele procurou, ali, explicar os fenômenos de memória, mas partindo da perspectiva do que não funciona bem. A experiência freudiana evidenciou que a memória que interessa à psicanálise é radicalmente distinta da que falam os psicólogos quando tentam explicar o fenômeno da reminiscência. A memória, para Freud, não se situa em um contínuo da reação à realidade, tomada como fonte de excitação. Ele considerou, como sendo a novidade de sua teoria, a afirmação de que a memória é gravada de

[37] Apesar do fato de que tal consideração não tivesse, ainda, sido explicitada nas formulações teóricas de Freud desse momento, o que veio a ocorrer somente com o abandono da teoria traumática.

diversas maneiras, não sendo, portanto, simples. Para Lacan (1985[1956], p.177), aí está a própria alma do desenvolvimento do pensamento freudiano.

Na memória que interessava a Freud, há duas zonas: o inconsciente e o pré-consciente. Em seu funcionamento analítico, a memória opera a partir de diferentes registros de inscrições, que se constituem sucessivamente. E tais registros aparecem no sistema da defesa: uma inscrição não reaparece em um registro das coisas que causam desprazer. Por isso, o sujeito não se lembra do que não lhe agrada. Para Lacan, "uma noção da defesa que não parte daí falseia toda a questão" (1985[1956], p.178). O que confere à defesa um caráter patológico é a manifestação de uma regressão tópica em torno da regressão afetiva. Uma defesa patológica é aquela que provoca ressonâncias injustificáveis, em função do fato de o que vale em um sistema não valer em outro.

A preocupação maior de Freud, no período pré-psicanalítico, era a defesa**.** Ele escreveu, em uma carta a Fliess: "Eu estou bem no meio do que está fora da natureza"[38]. Com relação a isso, Lacan afirmou que "a defesa é com efeito isso, na medida em que ela tem uma relação essencial com o significante, não com a prevalência da significação, mas com a *idolatria* do significante como tal. Isso é apenas uma indicação" (1985[1956], p.221, grifo meu).

Na *Carta 61* (1897), Freud considerou as fantasias histéricas estruturas protetoras dos fatos. No mesmo ano, no *Rascunho M*, enviado anexo à *Carta 63*, ele afirmou que algumas cenas são diretamente acessíveis, ao passo que outras apenas o são através de fantasias erigidas frente a elas. Parece ser esta interposição das fantasias entre a realidade factual e a apropriação que dela faz o sujeito, mais um indício significativo da presença, nessas formulações freudianas inaugurais relativas à teoria da defesa, de elementos capazes de colocar em evidência o modo próprio de funcionamento do registro simbólico nos seres humanos, qual seja a interposição de um terceiro elemento na relação puramente dual.

Ainda em 1897, na *Carta 79*[39], Freud considerou, com relação à neurose obsessiva, que a localização em que o recalcado irrompe guardaria relações com a *representação da palavra* (grifo de Freud), e não com o conceito vinculado à mesma. Em função desta característica, elementos absolutamente heterogêneos poderiam ser condensados numa idéia

---

[38] Citado por LACAN, 1985[1956], p.221.

[39] Nesta Carta encontra-se a informação de que, nas produções delirantes aparentemente destituídas de sentido das psicoses, atua uma censura russa que oblitera o que foi dito de maneira a tornar ininteligível o que resta.

obsessiva sob uma única palavra possuidora de mais de um significado. As idéias obsessivas, a fim de permitir um tal emprego múltiplo, habitualmente encontram-se revestidas de extraordinária imprecisão verbal. Freud parece, aqui, antecipar algo relativo à tese lacaniana da supremacia do significante. A vinculação entre a irrupção do recalcado e a representação da palavra destituída de significado pode ser tomada como mais um indício convincente da acolhida e da consideração, por parte de Freud, desde momentos muito iniciais de sua obra, da descontinuidade como inerente ao modo de funcionamento psíquico do ser humano.

3.3 *A interpretação dos sonhos*

A descoberta freudiana do sentido do sonho, entre os anos de 1895 e 1900, foi, conforme assinalou Lacan, revestida de um caráter dramático. Para Freud, a experiência da descoberta fundamental do inconsciente foi equivalente a uma colocação em causa dos próprios fundamentos do mundo[40]. As cartas a Fliess permitem entrever um sujeito angustiado, que sente estar fazendo uma descoberta perigosa. O sentido do sonho da injeção de Irma[41], que deve ser, inegavelmente, integrado ao processo da descoberta freudiana, refere-se à profundidade dessa experiência (LACAN, 1985[1955], p.206-207).

Algo no primeiro esquema do pensamento freudiano, de 1895, já apontava para o futuro, e forçou a concepção de Freud a evoluir. Para Lacan, na passagem do *Projeto* a *A interpretação dos sonhos*, encontra-se o passo decisivo que definiu o campo psicanalítico como tal. Mas o esquema freudiano não mudou; apenas foi acrescido da noção de informação (LACAN, 1985[1955], p.147). Com relação a isso, o psicanalista francês enfatizou que o esquema apresentado no *Projeto* representava a percepção e a consciência em uma mesma extremidade do aparelho, como experimentalmente o são. O segundo esquema, apresentado no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (1900), por dissociar os lugares do sistema

---

[40] Esta consideração remete à noção de «controle social », de Gaston Bachelard (vide capítulo 2), fundamental para que o abandono das primeiras intuições, que marcam o início do empreendimento científico, possa ser assegurado. Tal noção se refere ao imperativo de que a necessidade de permanecer totalmente confortável na própria visão de mundo seja abandonada, o que parece ter ocorrido com Freud, ao longo de sua empreitada teórica, sobremaneira nos momentos mais iniciais.

[41] Citado por LACAN (1985[1955], p.190-191).

perceptivo e do sistema da consciência, acabou multiplicando as dificuldades do primeiro (LACAN, 1985[1955], p.180). Entre a percepção e a consciência, primeiramente localizadas em uma mesma extremidade do aparelho psíquico, passou a haver um escalonamento assegurado pela presença de não um, mas variados sistemas mnemônicos.

Parece que, entre o sistema perceptivo e o sistema motor, no *Projeto*, nada se interpunha. As diversas camadas constitutivas do aparelho psíquico não haviam, ainda, sido postuladas por Freud. Os conteúdos da consciência, puro reflexo do mundo externo, correspondiam, inequivocamente, ao que excita a percepção – ao próprio mundo externo, portanto. Esse primeiro esquema freudiano do aparelho psíquico representava um aparelho, formado pelos órgãos da percepção e pelo cérebro, que funcionava para regular a tensão entre as pulsões internas e as manifestações de busca no exterior. Nas palavras de Lacan, "tratava-se da economia instintual do ser humano em busca daquilo que precisa" (1985[1955], p.153). Já o segundo esquema do aparelho psíquico, apresentado no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (1900), refere-se a algo mais imaterial. Freud enfatizou isso quando recomendou não tentar localizar, anatomicamente, as instâncias por ele teorizadas como constituintes do aparelho psíquico. Parece que, ao esquematizar pela segunda vez o funcionamento do aparelho psíquico, ele pôde avançar em suas pesquisas, em função do fato de ter incluído, nesse segundo esquema, considerações capazes de permitir a passagem de um esquema puramente mecânico para um esquema lógico, que inclui a dimensão da temporalidade. A crença na correspondência ponto a ponto entre o que excita a percepção e o que ganha inscrição no psiquismo, tão importante para a teorização relativa ao primeiro esquema freudiano do aparelho psíquico, ficou, a partir de então, profundamente abalada.

Em *A interpretação dos sonhos* (1900), o que está em causa não é o sentido do sonho, mas o parentesco da formação onírica com o sintoma neurótico, ou seja, a incidência do simbólico como tal. O que há de comum entre eles é apenas uma gramática. Por permitir a apreensão da função simbólica, que ali está em jogo, o sonho afigurou-se indispensável ao entendimento do sintoma. Mas há também diferenças entre sonho e sintoma: este se encontra sempre inserido no estado econômico global do sujeito, ao passo que aquele se configura como um estado localizado no tempo. Há mais analogia que identidade entre os processos. Além de fornecer a teoria do sonho, a publicação de 1900 disponibilizou, para o leitor, a segunda elaboração freudiana do aparelho psíquico, sendo que, a isso, correspondeu um

avanço no campo das neuroses, o que culminou na constituição do campo próprio da análise. Trata-se, portanto, do sonho e do sintoma neurótico, já que a estruturação de ambos se revela a mesma, por colocar em jogo a estrutura da linguagem, em geral, e, mais especificamente, a relação do ser humano com a linguagem (LACAN, 1985[1955], p.157-159). Há, em toda formação onírica, um ponto totalmente não apreensível que pertence ao desconhecido: o umbigo do sonho. Este ponto, impossível de ser apreendido, corresponde ao ponto de surgimento da relação do sujeito com o simbólico. E isso muito interessa à psicanálise.

Freud, em uma carta a Fliess, confessou seu estado de arrebatamento diante da noção psicofísica de Fechner de que o sonho só pode ser concebido como situado em um outro lugar psíquico. Para Lacan, o lugar psíquico de que se trata não é psíquico, mas a dimensão simbólica, que é de outra ordem. O sonho não se inscreve, simplesmente, no parêntese do sono; ele é situado e definido no lugar da troca simbólica, e é governado por leis locais. Esse lugar não se confunde, embora ali se encarne, com a dimensão espaço-temporal onde se situam os comportamentos humanos. As leis que estruturam o sonho, assim como as da linguagem, se inscrevem alhures (LACAN, 1985[1955], p.169-170).

O fenômeno do esquecimento nos sonhos foi investigado a partir de considerações sobre a infidelidade da memória. Para Freud, fundamental é a escolha das palavras através das quais um sonho é narrado. Ainda que o texto do sonho seja, a princípio, absolutamente destituído de sentido, Freud o acolhia como se fosse a "Sagrada Escritura", pois, para ele, os acontecimentos psíquicos são determinados, não podem ser considerados arbitrários (ESB, 1969, vol. V, p.548). Existem idéias intencionais que, normalmente, dirigem o curso do aparelho psíquico. O método freudiano de interpretar sonhos requer que tais idéias sejam abandonadas. É possível libertar-se dessas idéias intencionais conhecidas ou conscientes, sendo que, a partir disso, as idéias intencionais desconhecidas ou inconscientes passam a determinar o curso ideativo. Freud considerou um sinal infalível de que uma associação encontrava-se sob influência, não de idéias intencionais conscientes, mas de idéias intencionais inconscientes, quando as imagens (ou associações) eram conectadas segundo uma "maneira superficial": por assonância, ambigüidade verbal, coincidência temporal isenta de ligação via significado, ou por qualquer associação nos moldes daquelas que ocorrem nos chistes ou nos jogos de palavras – associações via significante, portanto.

Para Lacan, uma certa dimensão, jamais bem posta em destaque, possui lugar privilegiado na obra freudiana. Em *A interpretação dos sonhos* (1900), por exemplo, a decifração que ali tem lugar pertence à dimensão do significante, e não do significado. Para Freud, a elaboração onírica é considerada muito semelhante a uma análise lógica e gramatical, o que tornou o sonho o primeiro modelo da formação dos sintomas. Portanto, é no registro do significante que todo o trabalho freudiano se desenvolveu – mesmo registro que conferiu à lingüística o lugar de ciência mais avançada das ciências humanas. Lacan afirmou estar aí o relevo essencial da obra de Freud, sem o qual nada do que ele desenvolveu pode ser pensável. O que se encontra na base dos mecanismos freudianos são as anomalias que marcam as relações do homem com a linguagem. Freud se deparou, em sua prática médica, com esses mecanismos de linguagem que dominam e organizam, sem o conhecimento do sujeito, à parte de seu eu consciente, a edificação dos distúrbios neuróticos. Ele descobriu a ordem positiva do significante: a maneira como ele manejou os sonhos é radicalmente distinta de toda interpretação intuitiva. A originalidade de Freud, conforme assinalou Lacan, tem a ver com o fato de ele ter recorrido ao literal (1985[1956], p.268-272).

No *Seminário II*, Lacan recorreu à cibernética no intuito de colocar em relevo o modo próprio de funcionamento do registro simbólico no ser humano. Ele considerou que a admiração, diante dessas máquinas, poderia guardar relações com as dificuldades encontradas por Freud, pois a cibernética também é fruto de um movimento de arrebatamento diante do fato de, aí, ser possível reencontrar a linguagem humana, "funcionando quase sozinha, parecendo passar-nos a perna" (1985[1955], p.154). E é assim, "passando a perna" naquele que sonha, que o sentido que o sonho adquire para o sonhador se manifesta, conforme foi evidenciado por Freud ao longo de toda *A interpretação dos sonhos* (1900).

Os sistemas constituintes do aparelho psíquico, concebido nos moldes desse aparelho composto, não correspondem a entidades psíquicas, não podem ser encontrados em um substrato anatômico. Trata-se, portanto, de uma abstração que objetiva recobrir de inteligibilidade todo um vasto campo da experiência humana. Com relação às analogias entre sonhos e doenças mentais, Freud, reconhecendo a insuficiência de seus conhecimentos sobre essas perturbações, não pensou que a explicação final dos sonhos pudesse ser encontrada na direção das desordens mentais. Em lugar disso, considerou que a elucidação dos mecanismos em ação nas formações oníricas pudesse ser capaz de contribuir para esclarecimentos acerca

do mecanismo das psicoses. Ou seja, Freud, ao fazer esta aposta, localizou, no modo de funcionamento do simbólico, a possibilidade de elucidação do mecanismo específico das psicoses. Mais uma antecipação memorável de sua parte: no *Seminário III*, a apresentação da forclusão do Nome-do-pai, mecanismo identificado por Lacan como critério metapsicológico capaz de distinguir os quadros psicóticos, só tem lugar após um estudo bastante minucioso sobre os fenômenos de linguagem presentes na psicose. Sobre o funcionamento do simbólico, portanto.

3.3.1 Os processos anormais de pensamento: a perplexidade de Freud

Um sonho substitui certo número de pensamentos, que têm origem na vida cotidiana, e que formam uma seqüência absolutamente lógica. Tais pensamentos, que se originam da vida mental normal, podem ter surgido no dia anterior e prosseguido não-observados pela consciência até iniciar-se o sono. Uma seqüência de pensamentos como essa foi designada por Freud como 'pré-consciente'; é absolutamente racional, e pode ter sido simplesmente negligenciada, ou interrompida e suprimida. Para que tenha lugar a formação onírica, é necessário que surja, no pré-consciente, uma seqüência de pensamento desprovida de uma catexia pré-consciente, e que tenha recebido uma catexia de um desejo inconsciente. A partir deste ponto, a seqüência de pensamento passa a ser submetida a uma série de transformações que Freud não mais identificou como processos psíquicos normais, e que conduzem a uma estrutura psicopatológica. Com relação a isso, ele afirmou que

> [...] nosso edifício ainda se acha incompleto. À parte as muitas questões desconcertantes em que nos envolvemos ao abrir caminho pelas obscuridades da psicologia, parecemos achar-nos perturbados por uma nova contradição. Por um lado, supomos que os pensamentos oníricos surgem inteiramente através da atividade mental normal, mas, por outro, descobrimos um certo número de processos bastante anormais de pensamento entre os pensamentos oníricos [...]. Tudo o que descrevemos como 'elaboração onírica' parece afastar-se tão amplamente daquilo que identificamos como processos racionais de pensamentos que as mais severas críticas emitidas por autores anteriores sobre o baixo nível de funcionamento psíquico nos sonhos têm de parecer inteiramente justificadas (ESB, 1969, vol. V, p. 630).

Freud descreveu quatro desses processos anormais a que os pensamentos oníricos, antes construídos em linhas racionais, sujeitam-se no decorrer da elaboração onírica. Saltam aos olhos as semelhanças entre esses processos, considerados por ele anormais, e as formulações lacanianas acerca da primazia do significante e do modo próprio de funcionamento do simbólico.

O primeiro processo diz respeito ao fato de as intensidades das idéias individuais serem capazes de descarga em bloco e passarem de uma idéia para outra, formando idéias providas de grande intensidade. A partir da repetição desse processo, a intensidade de uma seqüência inteira de pensamento pode terminar concentrando-se em um elemento ideacional simples. Freud descreveu a condensação, principal responsável pela impressão desconcertante causada pelos sonhos, "por que absolutamente nada que lhe seja análogo nos é conhecido na vida mental que é normal e acessível à consciência" (ESB, 1969, vol. V, p.633). As condensações nos sonhos avançam na direção determinada pelas relações racionais pré-conscientes dos pensamentos oníricos, e pela atração exercida pelas lembranças visuais do inconsciente. Isso resulta na obtenção das intensidades necessárias para forçar caminho aos sistemas perceptivos.

No segundo processo, sob influência da condensação e em decorrência da liberdade com que as intensidades podem ser transferidas, 'idéias intermediárias', que se assemelham a acordos, são construídas. Trata-se, novamente, de algo que não é encontrado nas cadeias normais de idéias, onde a ênfase é posta na seleção e na retenção do elemento ideacional "correto". Mas tais estruturas compostas e compromissos ocorrem, muito freqüentemente, nos lapsos de linguagem. Ao descrever o terceiro processo anormal a que os pensamentos oníricos são submetidos no decorrer da formação onírica, Freud afirmou que as idéias que transferem mutuamente suas intensidades são ligadas por relações muito frouxas, por associações de um tipo que o pensamento normal despreza, e que o uso dos chistes acolhe, especialmente aquelas baseadas em homônimos e similaridades verbais. Com relação ao quarto processo, Freud reconheceu que pensamentos mutuamente contraditórios podem persistir lado a lado, sem esforçar-se por anular-se uns aos outros. Freqüentemente eles se combinam para formar condensações, como se não houvesse qualquer contradição entre eles.

Freud destacou, como principal característica desses processos, o fato de toda ênfase ser aplicada no intuito de tornar a energia catexial móvel e capaz de descarga. O

conteúdo e o significado corretos dos elementos psíquicos aos quais se ligam as catexias são tratados como sendo de pouca importância. Ele concluiu que dois tipos radicalmente diferentes de processos psíquicos participam da formação de sonhos: um produz pensamentos oníricos perfeitamente racionais; outro trata tais pensamentos de maneira que ele qualifica de altamente desconcertante e irracional. Este segundo processo é reconhecido como a elaboração propriamente dita. Tem lugar, então, a indagação acerca da origem desse processo.

O progresso no estudo da psicologia das neuroses contribuiu para este esclarecimento. Freud descobriu, a partir da histeria, que processos psíquicos irracionais dominam a produção de sintomas histéricos. Mas há aí, também, uma série de pensamentos absolutamente racionais, tão válidos quanto os pensamentos conscientes. A análise do sintoma permitiu descobrir que tais pensamentos normais foram submetidos a um tratamento anormal. Eles constituíram o sintoma por meio da condensação e da formação de compromissos, através de associações superficiais e do desprezo pelas contradições. Diante da completa identidade entre aspectos peculiares à elaboração onírica e aqueles da atividade psíquica presente em sintomas psiconeuróticos, Freud sentiu-se justificado em transpor para os sonhos as conclusões a que fora conduzido pelas investigações psicanalíticas da histeria. Ele tomou de empréstimo, da teoria da histeria, a tese segundo a qual uma seqüência de pensamento normal apenas é submetida a tratamento psíquico anormal se um desejo inconsciente, oriundo da infância e em estado de recalcamento, for transferido para ela.

3.4 No mundo da natureza a boa forma impera, no universo humano a má forma prevalece

"Os homens são seres dotados de um aparelho de proferir o simbólico."
Jacques Lacan

Para Lacan, o psicológico corresponde ao etológico. Uma definição legítima da psicologia poderia ser assim enunciada: conjunto dos comportamentos do indivíduo biológico em suas relações com o meio natural. Entretanto, no que concerne à psicologia humana, faz-se necessário recorrer àquilo que Voltaire afirmou sobre a história natural: que ela não é tão

natural assim; antes, é o que há de mais antinatural, em função da presença marcante de anomalias e de paradoxos (1985[1956], p.16).

A partir de *Estruturas elementares do parentesco*, conforme salientou Lacan (1985[1955], p.43-44), Levi-Strauss evidenciou não ser possível entender os fenômenos relativos ao parentesco e à família a partir da dedução de uma dinâmica natural, pois o incesto, em si, não suscita nenhum sentimento natural de horror. Portanto, no que se refere à ordem humana, é preciso lidar com a emergência total de uma função nova, sendo que tal ordem é caracterizada pela intervenção, em todos os momentos e em todos os níveis de sua existência, da função simbólica. Lacan considerou que "a função simbólica constitui um universo no interior do qual tudo que é humano tem de ordenar-se" (1985[1955], p.44). Por exemplo, em um empreendimento científico, em lugar de uma apreensão direta, são sempre os caminhos da função simbólica que operam (1985[1955], p.46).

Na perspectiva lacaniana, para ler a metapsicologia freudiana, conservando a originalidade de seu criador, é indispensável recorrer à distinção de planos e de relações expressa nos termos simbólico, imaginário e real. Esse cuidado objetiva conservar o sentido da experiência de análise, considerada uma experiência simbólica particularmente pura. O eu é uma função imaginária, mas esta função, no homem, é distinta do que ela é no conjunto da natureza. A grande descoberta da psicanálise tem a ver com isso: em relação à vida da espécie, há no homem uma fissura, uma perturbação profunda da relação vital (LACAN, 1985[1955], p.53-54). Por estar imerso em um jogo de símbolos, em um mundo simbólico, o homem é um sujeito descentrado. Nas palavras de Lacan,

> Ensino-lhes que Freud descobriu no homem o peso e o eixo de uma subjetividade que ultrapassa a organização individual como soma das experiências individuais, e até mesmo, como linha de desenvolvimento individual. Dou-lhes uma definição possível da subjetividade, ao formulá-la como sistema organizado de símbolos que almeja cobrir a totalidade de uma experiência, animá-la, dar-lhe sentido (1985[1955], p.58).

Para Freud, o eu é o núcleo da resistência na transferência. Uma análise configura uma situação que coloca em causa o equilíbrio precário fornecido pelo eu, que representa a segurança, o prazer. A tarefa principal do eu é transformar tudo em energia ligada. Mas o princípio do prazer não equivale à adaptação, pois a regulação biológica, dominada pela função imaginária, é diferente no registro humano, onde prevalece a função simbólica. A

questão trabalhada por Lacan, no *Seminário II*, surgiu exatamente da confusão entre esses dois registros (1985[1955], p.36). Ele considerou que todas as formulações freudianas tinham, por meta, restabelecer a perspectiva dessa excentricidade do sujeito em relação ao eu. A teorização lacaniana partiu do pressuposto de que aí se encontra o essencial, sendo ao redor disso que tudo deve ordenar-se (1985[1955], p.63). Neste Seminário, Lacan recorreu à metáfora do corpo humano como máquina, pois aí se manifesta um certo para além da referência inter-humana, definido por ele como o "para além simbólico". É a questão que ele trabalhou no *Seminário II*, considerando que isso, de alguma forma, poderia contribui para elucidar a aurora representada pela experiência freudiana.

A partir da noção de 'insistência', Lacan se dedicou à problemática da compulsão à repetição, evidenciando haver aí algo de incomodativo, de dissimétrico, algo que 'não cola'. "Algo escapa [...] do sistema das equações e das evidências tomadas emprestadas às formas do pensamento do registro do energético tais como foram instauradas em meados do século XIX" (LACAN, 1985[1955], p.82). Freud descobriu e evidenciou um registro do funcionamento humano, cuja elucidação não poderia ser levada a cabo dentro dos limites estabelecidos pela metodologia científica de sua época.

Lacan afirmou (1985[1955], p.84-85) que a análise se funda no seguinte: ao visar à rememoração, à reminiscência, à correspondência ponto a ponto, e quer isso seja alcançado ou não, chega-se à reprodução sob a forma da transferência de alguma coisa pertencente a outro sistema. Há uma função restituidora, imaginária, representada pelo princípio do prazer; contudo, há, ainda, uma função repetitiva, simbólica, representada pelo além do princípio do prazer. Lacan indagou o que seria esta insistência do sujeito em reproduzir, e o que seria assim reproduzido. Para ele, Freud se colocou a questão de saber o que significaria, do ponto de vista do princípio do prazer, o fato de esta reprodução ser inesgotável. Ela ocorre por haver algo desregulado, ou obedece a outro princípio, mais fundamental? E qual a natureza do princípio que regula o sujeito? Com relação a isso, pode-se dizer que, da mesma forma que o texto sobre o narcisismo parece marcar uma melhor delimitação do registro imaginário na obra freudiana, o *Além do princípio de prazer* parece corresponder à teorização freudiana da autonomia do funcionamento do simbólico e dos efeitos que disso decorrem.

Qualquer explicação do mundo que recorra ao argumento segundo o qual há uma tendência natural a criar formas superiores é o exato avesso do conflito essencial que Freud

viu atuar no ser humano. Sua experiência médica lhe permitiu situar o registro de um tipo de sofrimento no homem que guarda relações com um conflito fundamental que ultrapassa o ser humano. Lacan chamou atenção para o fato de que Freud não apenas estranhou, como também repudiou, expressamente, a crença em um progresso imanente ao movimento da vida (1985[1955], p.105). A inspiração freudiana é, nesse sentido, fundamentalmente pessimista. Freud negou qualquer tendência natural ao progresso, e, por isso, ele pôde ser considerado um anti-humanista. Nesse sentido, ele deve ser situado em uma tradição realista e trágica. Para Lacan, "a psicanálise devia ser a ciência da linguagem habitada pelo sujeito. Na perspectiva freudiana, o homem é o sujeito preso e torturado pela linguagem" (1985[1956], p. 276).

Lacan (1985[1955], p.114-116) insistiu na idéia de que existe diferença radical entre qualquer investigação do ser humano, ainda que em laboratório, e o que ocorre no mundo animal, onde há convergência, cristalização, um tipo de harmonia pré-estabelecida. É nesse registro que as categorias gestaltistas funcionam como marcos de orientação. O animal se encaixa no meio, trata-se de uma adaptação que tem seu fim, de um aperfeiçoamento organizado e finito. Com relação à aprendizagem humana, as pesquisas evidenciam o privilégio das tarefas inacabadas e a função do desejo de retomá-las. *No ser humano, a má forma prevalece*. Também há algo relativo à capacidade de reconhecimento de seu objeto natural, tão patentemente reconhecida nos animais; existe a captura na forma, e é por isso que a reminiscência encontra-se no centro da teoria do conhecimento de Platão. Para que o objeto natural possa ser reconhecido, é preciso que sua figura já tenha estado naquele que vai conjugar-se a ela – é a relação da díade. Mas uma reviravolta teve lugar: apareceu um terceiro termo, e, por isso, o homem deixou de encontrar o seu caminho na via da reminiscência e passou a encontrá-lo na via da repetição. Para o ser humano, tudo que guarda relações com um progresso essencial deve passar pela via de uma repetição obstinada. Lacan, com o intuito de aproximar-se do que quer dizer, no homem, o precisar repetir, afirmou que tudo se situa na intrusão do registro simbólico.

Ele sugeriu conceber o precisar repetir como um comportamento montado no passado, e reproduzido no presente de forma pouco adaptativa. Freud se distinguiu dos outros autores que se dedicaram ao mesmo assunto por ter sustentado que o objeto da busca humana nunca é reencontrado no sentido da reminiscência. Ao ser humano não é facultado reencontrar os trilhos pré-formados da sua relação natural com o mundo exterior. Uma primeira perda

sempre intermedia a constituição do objeto humano, sendo que aquilo de fecundo que ocorre para a espécie humana se dá através de uma perda do objeto. A partir de uma unidade perdida na origem, o sujeito busca reencontrar a totalidade do objeto (LACAN, 1985[1955], p.174). Nas palavras do psicanalista francês,

> Eis o que é o precisar repetir tal como o vemos surgir para além do princípio do prazer. Ele vacila para além de todos os mecanismos de equilibração, de harmonização e de concordância no plano biológico. Ele só é introduzido pelo registro da linguagem, pela função do símbolo, pela problemática da pergunta na ordem humana (LACAN, 1985[1955], p.118-119).

A intersubjetividade dual é carregada de miragens. Olhar para o outro, e crer que ele pensa o que estamos pensando, constitui erro crasso, e é daí que é preciso partir. A 'eficácia simbólica' implica uma certa inércia simbólica, característica do sujeito do inconsciente (LACAN, 1985[1955], p.239). Isso tem a ver com o automatismo de repetição e com o além do princípio do prazer, com aquilo que se apresenta para além das ligações, das significações. Nesse sentido, fazer ao acaso corresponde a manifestar a inércia simbólica. A regra fundamental da psicanálise – associar livremente – responde a isso.

Se o desejo for inscrito em um ciclo biológico, ele vai desembocar em uma satisfação real. Se isso culmina em uma satisfação alucinatória, conforme descrito por Freud no *Projeto* e retomado por Lacan no *Seminário II* (1985[1955], p.267), é que há aí um outro registro. O desejo não se satisfaz em uma satisfação efetiva; ele o faz alhures. Ele é a fonte da fantasia como tal. Há aí uma outra ordem que não alcança nenhuma objetividade, mas que define as questões postas pelo registro do imaginário. Para Lacan,

> O holismo recíproco, a posição correspondente de um 'Umwelt' e de um 'Innenwelt' é uma petição de princípio no início da investigação biológica. [...] A noção de relações do ser vivo que se refletem em seu meio, a hipótese da adaptação preestabelecida, mesmo se lhe dermos a mais larga acepção, é uma premissa que nada nos indica que seja válida (1985[1955], p. 129).

Tão logo exista no ser humano um ritmo de oposição, alguma coisa que é operatória na ordem simbólica já se revela. Mesmo antes da fixação da imagem própria do sujeito, da primeira imagem estruturante do eu, já está constituída a relação simbólica. Esta introduz a dimensão do sujeito no mundo, dimensão capaz de criar uma realidade outra, que não aquela apresentada como realidade bruta (LACAN, 1985[1955], p.323). É importante

considerar que os símbolos, apesar de representarem, não necessariamente correspondem à realidade. Para Lacan, a introdução da questão da natureza do simbólico requer a consideração de que "os símbolos nunca têm senão o valor de símbolos" (1985[1955], p.204). Ou seja, não correspondem à realidade; antes, a representam. O simbólico oferece uma lei, *a priori*, e introduz um modo de funcionamento que escapa a tudo o que é possível emergir de uma dedução dos fatos no real (LACAN, 1985[1956], p.152).

Qualquer ser vivo só vê e ouve o que lhe é útil para sua sobrevivência biológica. Mas o ser humano ultrapassa o real biologicamente natural. Para Lacan, ai começa o problema. Freud não partiu de uma inspiração mística, não partiu da crença na existência, na vida, de um poder morfogênico. No mundo animal, a forma está ligada, como o avesso e o direito, a uma escolha do mundo exterior. Com o ser humano ocorre algo diferente. A novidade é que há algo aberto o suficiente, algo perturbado de maneira imperceptível na coaptação imaginária, que permite a inserção da utilização simbólica da imagem. Supõe-se, no homem, uma hiância biológica que Lacan tentou definir com o estádio do espelho. Qualquer ser vivo é sensível a uma imagem do seu tipo. Mas o ser humano, com relação à imagem que lhe é própria, tem uma relação de hiância, de tensão alienante. Aí se insere a possibilidade da ordem da presença e da ausência – da ordem simbólica, portanto. A tensão entre o simbólico e o real encontra-se, aí, subjacente. E o imaginário pode interromper, picar, escandir o que se passa no nível do circuito simbólico (LACAN, 1985[1955], p.402-403).

A apreensão humana da realidade encontra-se submetida à condição primordial segundo a qual o sujeito está na busca do objeto de seu desejo, sendo que nada o conduz a isso. Com relação ao objeto de sua satisfação essencial, o sujeito permanece em suspensão, pois a realidade, estando subentendida pelo desejo, é inicialmente alucinada. A noção de princípio de realidade guarda relações com esse fato. Tal princípio expressa a concepção de que o sujeito não tem que encontrar o objeto de seu desejo, como acontece no reino animal, mas deve, antes, reencontrar o objeto cujo aparecimento foi inicialmente alucinado. E ele somente encontra um objeto distinto que corresponderá, de forma mais ou menos satisfatória, às necessidades de que se trata (LACAN, 1985[1956], p.101-102). Nos animais, é possível dizer que há condições rigorosamente indispensáveis para sua existência, os impulsos instintuais correspondem, ponto a ponto, às necessidades da espécie. Quanto ao ser humano,

conforme enfatizou Lacan (1985[1956], p.171), o caráter aberto de seu mundo não permite que ele corresponda a seu correlato biológico.

A novidade da psicanálise reside na constatação de que o desenvolvimento do ser humano não é diretamente dedutível da composição dos instintos. O mundo humano não implica, apenas, a existência de significações, mas, também e prioritariamente, a ordem do significante. O organismo humano, além de lidar com o meio natural, precisa se arranjar com um universo significante. Lacan afirmou que "se o complexo de Édipo não é a introdução do significante, peço que dele me seja dada uma concepção qualquer. [...] [...] Não é a dimensão instintiva que é operante na etapa a transpor do Édipo" (1985[1956], p.216).

3.5 Especificidade do simbólico

No *Seminário II*, Lacan fez referência a Mênon a fim de evidenciar a função da verdade em estado nascente, pois está aí em jogo a singular ambigüidade do saber e da verdade (1985[1955], p.11-12). O Mênon ilustra como fazer a verdade sair da boca do escravo. Sua meta e seu paradoxo correspondem a mostrar que a *epistemé*, esse saber ligado por uma ocorrência formal, não cobre o campo todo da experiência humana, e, particularmente, que não existe uma *epistemé* do que realiza a perfeição, a *areté* disso. Existe um verdadeiro que não é apreensível em um saber ligado. Por mais que Sócrates tenha pretendido constituir uma *epistemé*, ele não acreditou que isso fosse tudo (LACAN, 1985[1955], p. 24-29).

Para Lacan, a *epistemé* moderna continuou sendo, essencialmente, uma certa coerência de discurso, assim como a *epistemé* socrática também o fora (1985[1955], p.27-28). Ele se perguntou que tipo de ligação essa coerência comportaria, afirmando haver uma falha entre o elemento intuitivo (dual) e o elemento simbólico (ternário). Há passagem de um plano intuitivo de ligação a um plano simbólico de ligação. No plano intuitivo ou imaginário funciona a reminiscência, a forma eterna. Para Lacan, a introdução da função simbólica na realidade constitui um 'forçamento', pois esta função não é completamente homogênea à função imaginária. Ele afirmou que

> É justamente na confusão dos dois planos que reside o erro, o erro de crer que aquilo que a ciência constitui por intermédio da intervenção da função simbólica estava aí desde sempre, de crer que está dado. [...] Há em todo saber, uma vez constituído, uma dimensão de erro que consiste em esquecer a função criadora da verdade em sua forma nascente. [...] Mas nós, analistas, que trabalhamos na dimensão desta verdade em estado nascente, não podemos esquecê-la (LACAN, 1985[1955], p. 29-30).

O simbólico, para Lacan, possui função mediadora (1985[1955], p.214-215). Toda relação imaginária acontece em uma espécie de raciocínio excludente entre o sujeito e o objeto, e é aí que deve haver intervenção do elemento simbólico. No plano imaginário, os objetos somente se apresentam ao homem em relações evaescentes. Se ele reconhece sua unidade em um objeto, unicamente de fora, ele se sente desarvorado. Essa discordância fundamental, que abre toda a possibilidade de equívocos, caracteriza a vida instintual do ser humano. O objeto só é apreensível como miragem de uma unidade que nunca pode ser reapreendida no plano imaginário; por isso, toda relação objetal permanece paralisada por uma incerteza fundamental. Aí intervém a relação simbólica: nomear os objetos é algo que estrutura a própria percepção. A nomeação permite a subsistência dos objetos em uma certa consistência. Os objetos, se estivessem simplesmente em uma relação narcísica com o sujeito, somente seriam percebidos de maneira instantânea. A palavra que nomeia corresponde ao idêntico. Ela responde à dimensão temporal do objeto. Nas palavras de Lacan,

> O nome é o tempo do objeto. A nominação constitui um pacto pelo qual dois sujeitos ao mesmo tempo concordam em reconhecer o mesmo objeto. [...] se os sujeitos não se entenderem sobre este reconhecimento, não haverá mundo algum, nem mesmo perceptivo, que se possa manter por mais de um instante. A juntura está aí, a surgição da dimensão do simbólico em relação ao imaginário (1985[1955], p. 215).

Lacan tentou tornar palpável a relação do sujeito com a função simbólica (1985[1955], p.242). É por meio de uma aposta que o símbolo surge no real. A noção de causa, que comporta uma mediação entre a cadeia dos símbolos e o real, estabelece-se a partir de uma aposta primitiva, que pode ser traduzida nos seguintes termos: será que isso vai ser isso, ou não? Qualquer questão radical, relativa ao pensamento simbólico, tem, em seu centro, a problemática da aposta. A presença e a ausência conotam ausência ou presença possíveis. Quando alcança o ser, o sujeito o faz às custas de um certo não-ser. É sobre esse não-ser que o

sujeito ergue o seu ser. E, se o sujeito não é algo, ele testemunha alguma ausência. Ou seja, diante da impossibilidade de dar prova da presença, o sujeito deve dar prova dessa ausência.

Desde a origem, e de maneira independente de qualquer vínculo a um elo de causalidade que possa ser suposto real, o símbolo funciona, gerando por si mesmo suas necessidades e suas estruturas. Para Lacan, é disso que se trata na psicanálise, já que ela consiste em sondar, em sua base, qual é o alcance, no mundo humano, da ordem simbólica (1985[1955], p.244). O que comumente é chamado 'realidade' passa por uma série de mediações, de formações imaginárias, de desconhecimentos de ordem simbólica. A realidade não é o conjunto do símbolo. A experiência humana se situa no registro da intersubjetividade, e, aí, nunca há concepção verdadeira; vai-se apenas de miragem em miragem. Mas a parte essencial da experiência humana, aquela que faz com que o sujeito exista, situa-se no nível em que o símbolo surge. É preciso o surgimento de uma dimensão totalmente diferente da dimensão do real. Conforme Lacan, do real nada surge que seja eficaz no campo do sujeito (1985[1955], p.274-276). A realidade essencial está na junção da realidade e no surgimento do simbólico. Mas não é o sujeito quem cria o simbólico; Lacan insistiu em sustentar que isso já está pronto, que os dados já foram lançados, muito embora seja possível retomá-los e lançá-los mais, ainda.

A alavanca da análise reside no fato de a experiência do sujeito encontrar-se, desde o início, organizada na ordem simbólica. A mola dinâmica corresponde ao fato de o sujeito falar de si mesmo. Em função daquilo que Lacan denominou o 'discurso inconsciente do sujeito', as relações imaginárias são significadas. As imagens só são revestidas de sentido se inseridas em um discurso mais amplo, que integra toda a história do sujeito. A análise se efetua, pois, na fronteira do imaginário e do simbólico (LACAN, 1985[1955], p.321). O que pertence ao inconsciente só pode ser reconstruído, nunca rememorado no sentido da reminiscência. Lacan considerou ser este o sentido do lugar para onde Freud conduz (1985[1955], p.175). Nas suas palavras,

> [Freud] quis, a qualquer preço, salvar um dualismo, no momento em que este dualismo estava derretendo-se entre suas mãos, e quando o eu, a libido, etc., tudo isso formava uma espécie de vasto todo que nos trazia de volta a uma filosofia da natureza. Este dualismo nada mais é do que aquilo de que falo quando dou destaque à autonomia do simbólico. Isso, Freud nunca o formulou. Para fazer com que vocês o entendam, preciso de uma crítica e de uma exegese do seu texto (1985[1955], p.54).

Segundo a perspectiva de Lacan, a linguagem existe de forma totalmente independente das subjetividades (1985[1955], p.355). Ela corresponde a um mundo de signos que existe a despeito dos sujeitos. O sentido da descoberta freudiana corresponde a reconhecer que o ser humano não é senhor da linguagem primordial; ele foi aí introduzido, e encontra-se preso nessa engrenagem. Por isso, não é senhor em sua própria casa. Ele se integra em algo que reina através de combinações. O homem, em todo o seu ser, encontra-se inserido em um primitivo simbolismo que se distingue das representações imaginárias. E é aí que algo precisa fazer-se reconhecer. Mas isso, conforme o ensinamento de Freud, não está expresso – está recalcado. Por isso, aquilo que insiste para ser satisfeito só pode, efetivamente o ser, no reconhecimento. Para Lacan, o final do processo simbólico corresponde a que o não-ser venha a ser, e que seja por que falou (1985[1955], p.383-384). Com relação a isso, ele afirmou que

> O sujeito não tem uma relação dual com um objeto que está na sua frente, é em relação a um outro sujeito que suas relações com este objeto tomam sentido e, da mesma feita, valor. Inversamente, se ele mantém relações com este objeto, é porque um outro sujeito que não ele tem também relações com este objeto e porque ambos podem nomeá-lo numa ordem diferente da do real. A partir do momento em que pode ser nomeado, sua presença pode ser evocada como sendo uma dimensão original, distinta da realidade. A nominação é evocação da presença e conservação da presença na ausência (1985[1955], p.321).

Lacan concebeu a linguagem como uma seqüência de ausências e de presenças, como uma presença sobre um fundo de ausência, como ausência constituída pelo fato de uma presença poder existir (1985[1955], p.390). O sistema da linguagem não pode ser reduzido a um indicador dirigido, de forma direta, a um ponto da realidade. Nunca é possível dizer que é isso que é designado, pois nunca se pode saber o que é realmente designado na designação, já que diferentes qualidades de um mesmo objeto podem ser evocadas a fim de designá-lo (LACAN, 1985[1956], p.43). Na perspectiva lacaniana, "[...] o símbolo é como tal conotação da presença e da ausência" (1985[1956], p.179).

Lacan considerou ser necessário recorrer à noção de triângulo, mas ressaltou haver variadas maneiras de operar com tal noção. No que concerne ao interesse psicanalítico, não se trata de uma figura sólida, que repousa em uma intuição, mas de um sistema de relações, pois tal noção é eminentemente simbólica (1985[1955], p.78). Lacan preferiu usar o termo 'ternariedade' em lugar de 'triangularidade', por este último se prestar mais à composição de

uma imagem[42]. O que está em questão é a 'função três'. A noção de triângulo associada à forma pertence ao imaginário, mas o triângulo como relação é da ordem do simbólico (LACAN, 1985[1955], p.395-396).

O eu pertence ao imaginário. Tudo que a ele concerne se inscreve nas tensões imaginárias. Libido e eu se localizam do mesmo lado. O narcisismo é libidinal. O eu não corresponde a uma potência superior, sobre a qual o sujeito deva se apoiar. A ordem simbólica não é a ordem libidinal, onde estariam inscritos o eu e as pulsões. Ela tende para o além do princípio do prazer, e, por isso, Freud a identificou ao instinto de morte. A ordem simbólica é rejeitada da ordem libidinal, que inclui todo o âmbito do imaginário. Lacan considerou o instinto de morte como simples máscara da ordem simbólica, na medida em que ela é muda, em que não está realizada. Se o reconhecimento simbólico não foi estabelecido, então a ordem simbólica é muda. Nas suas palavras,

> A ordem simbólica ao mesmo tempo não-sendo e insistindo para ser, eis a que visa Freud quando nos fala do instinto de morte como sendo o que há de mais fundamental – uma ordem simbólica em pleno parto, vindo, insistindo para ser realizada (1985[1955], p. 407).

O além do princípio do prazer se expressa por meio da compulsão à repetição, de uma insistência repetitiva e significativa. Trata-se de uma função que se encontra na raiz da linguagem (LACAN, 1985[1955], p.259). O mundo do símbolo, cujo fundamento é a insistência repetitiva, é causa de o sujeito se realizar sempre alhures, sendo que o eu está na interseção de um e outro (LACAN, 1985[1955], p.264). Para Lacan, se o desejo não ousou dizer seu nome, é porque o sujeito ainda não fez esse nome surgir. Ao nomear seu desejo, ele faz surgir uma nova presença no mundo. E, ao introduzir a presença, cava também a ausência, sendo que a ação da interpretação somente é concebível nesse nível (1985[1955], p.287).

Se a teoria analítica permite evidenciar certos traços de economia, fundamentais à função imaginária, isso não equivale a dizer que a questão está esgotada. A descoberta fundamental da psicanálise não se deu nesse nível. O campo da descoberta analítica, propriamente falando, não é aquele onde prepondera, exclusivamente, a relação imaginária. As vias de acesso ao inconsciente não podem ser situadas no plano do imaginário. Por isso, Freud

[42] Esta consideração pode ser tomada como indício convincente do cuidado, da parte de Lacan, no que se refere à formação do espírito científico conforme preconizada por Bachelard (1996[1938]). Com relação a isso, consultar item 2.2.1 do capítulo anterior (p.70-75).

insistiu tanto na diferença radical entre o inconsciente e o pré-consciente. O fato de Lacan ter afirmado que tudo o que pertence à comunicação analítica possui estrutura de linguagem, não implica que o inconsciente se exprima no discurso. Freud, conforme assinalou Lacan, em *A interpretação dos sonhos* (1900), em *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901) e em *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905), colocou em evidência que o fenômeno analítico é estruturado como uma linguagem, o que é absolutamente diverso de afirmar tratar-se de uma linguagem, no sentido em que isso significaria ser um discurso (1985[1956], p.191).

Dizer que todo fenômeno analítico é estruturado como linguagem equivale a dizer tratar-se de fenômenos que apresentam, sempre, a duplicidade essencial do significante e do significado, o que implica que o significante tem, aí, sua coerência e seu caráter próprios, que o distinguem de qualquer outro signo A tese da autonomia do significante implica dizer que há leis que lhe são próprias, independentes do significado. Lacan considerou ser impossível investigar o fenômeno da linguagem se não se fizer, de saída, a distinção do significante e do significado. Para ele, o sentido da descoberta analítica não se restringe ao fato de ter encontrado significações, mas de ter estado muito mais longe – até o significante (1985[1956], p.225). Este corresponde a um sinal que não remete a um objeto, é o sinal de uma ausência. Mas, por fazer parte da linguagem, o significante é um sinal que remete a outro sinal, como tal estruturado para significar a ausência de outro sinal, a fim de se opor a ele em um par.

A linguagem começa na oposição. Esse caráter do significante marca, fundamentalmente, tudo que é da ordem do inconsciente. Lacan muito insistiu sobre a idéia de que a obra freudiana é completamente impensável se a dominância do significante nos fenômenos analíticos não for posta em primeiro plano (1985[1956], p.192-193). A psicanálise lida com uma realidade que é constituída e sustentada por uma rede, por uma trança de significantes. O interesse incide sobre uma realidade que é estruturada pela presença de um certo significante, transmitido pelo fato de que, em torno do sujeito, fala-se. Para Lacan (1985[1956], p.283), a realidade implica que o sujeito seja integrado em um certo jogo de significantes que o ultrapassa. Em suas palavras, "a ordem simbólica subsiste como tal fora do sujeito, distinta de sua existência, e o determinando" (1985[1956], p.115).

Lacan afirmou (1985[1956], p.140) que desconsiderar a duplicidade fundamental do significante e do significado inviabiliza a concepção do que seja o determinismo psicanalítico, pois a realidade humana é estruturada de maneira irredutível como significante

(1985[1956], p.227). A relação de sujeito a sujeito é estruturada de forma complexa pelas propriedades da linguagem, e o significante desempenha, nisso, um papel fundamental. Ele segue seu caminho sozinho, independente do fato de o sujeito prestar atenção a ele ou não (1985[1956], p.331). Com relação a isso, Lacan ressaltou o quanto é interessante reconhecer a ênfase que Freud conferiu ao significante (1985[1956], p.206), ainda que ele não tenha podido formalizar a questão nesses termos, por não dispor da lingüística estrutural como ferramenta conceitual. Apesar dessa insuficiência em seu arsenal teórico-conceitual, a descoberta freudiana fundamental traz a marca desse interesse pronunciado de Freud pelos fenômenos de linguagem em sua articulação com o inconsciente, sendo que disso decorrem efeitos indeléveis na concepção do que seja o ser humano. Nas palavras de Lacan,

> A descoberta do inconsciente, tal como ela se mostra, no momento de seu surgimento histórico, com sua dimensão plena, é que o alcance do sentido ultrapassa infinitamente os sinais manipulados pelo indivíduo. Sinais, o homem solta sempre muito mais do que ele pensa. É disto que se trata na descoberta freudiana – de uma nova impressão do homem. O homem, depois de Freud, é isso (1985[1955], p.158).

À descoberta freudiana do inconsciente corresponde a experiência do simbólico funcionando como tal na espécie humana. Freud foi perspicaz na maneira como colheu, na clínica, efeitos evidentes de determinados mecanismos simbólicos capazes de interferir em diversas esferas da vida do sujeito, até mesmo no organismo biológico. Ele fez disso a inspiração inicial que deu ensejo a uma produção teórica que marcou de maneira indelével a experiência da humanidade por trazer às claras determinadas facetas do humano, sempre escamoteadas em função do nível de angústia que as acompanha. Depois de Freud o homem é isso: um ser afetado pela linguagem, condenado a se haver com os efeitos do funcionamento de algo que o ultrapassa: o sistema simbólico.

CONCLUSÃO

Pode-se dizer que o "retorno a Freud", empreendido por Lacan, teve por objetivo restituir ao inconsciente sua dimensão simbólica, que se encontrava, naquele momento, soterrada pela ênfase exagerada posta sobre aquilo que se convencionou chamar "as relações de objeto". Da confusão, e mesmo sobreposição, dos registros imaginário e simbólico, decorrem efeitos extremamente perniciosos para a teoria e também para a técnica psicanalítica. Foi preciso, então, que Lacan colocasse em evidência a descontinuidade do discurso do inconsciente, a fim de contrapor isso com a unidade imaginária do eu. A espécie humana é dotada de uma tipicidade no registro imaginário: a prevalência da má forma. A partir desta consideração, pode-se afirmar que, nos seres humanos, o imaginário não se dá sem o simbólico. Contudo, há uma hiância intransponível entre esses dois registros, e este é o lugar aonde veio se aninhar a psicanálise. Desde o início, a despeito das limitações impostas pela atmosfera intelectual reinante no momento da produção teórica de Freud, o que se destacou, na teoria psicanalítica, foi a recorrente incisão de uma hiância do simbólico na unidade imaginária. Ou seja, Freud não recuou diante do esforço de captar formalmente essa hiância do simbólico.

O que foi denominado, no presente trabalho, *pregnância imaginária*, parece impedir as manifestações do modo de funcionamento característico do registro simbólico, qual seja a autonomia do significante em relação ao significado na produção de significação. Ao destacar a presença desse apego imaginário nas formulações freudianas inaugurais, não se pretendeu extrair do registro imaginário sua importância, e tampouco considerar que seu modo próprio de funcionamento deva ser evitado. O imaginário só se configura como algo pernicioso por meio de sua pregnância, de seu excesso, de um apego exagerado a sua especificidade: a prevalência do "dois", da correspondência ponto a ponto. Em uma tal situação, a incidência do funcionamento do simbólico, ou do registro do "três", fica escamoteada pela crença absoluta na correspondência biunívoca. Ou seja, encontra-se extremamente prejudicada a possibilidade de extrair do modo específico de funcionamento do simbólico suas conseqüências e efeitos.

Freud, em suas formulações teóricas aqui consideradas inaugurais, não estava em condições de distinguir, a contento, os registros imaginário e simbólico, sendo que isso parece guardar relações com sua maneira de teorizar a psicose nesse momento de sua obra, ou seja, a partir do campo definido pelo mecanismo do recalque. A ele não foi possível elucidar e formalizar teoricamente a especificidade do mecanismo da psicose em relação à neurose. A conclusão a que o trabalho aqui apresentado chegou pode ser assim enunciada: estabelecer a especificidade da psicose em relação à neurose exigiria, da parte de Freud, a distinção entre os campos simbólico e imaginário.

Ao longo do desenvolvimento da teoria freudiana, principalmente a partir dos artigos metapsicológicos e da virada sinalizada pela publicação de *Além do princípio do prazer* (1920), a indistinção entre os campos da neurose e da psicose foi deixando de ser evidente. Por conseguinte, a indiferenciação entre os registros simbólico e imaginário também o deixou de ser. Não deve ser sem razões que as formulações freudianas sobre a psicose ganharam consideravelmente em consistência, à medida que sua teorização avançou, sobretudo após a formalização do conceito de narcisismo. Constatou-se, na obra freudiana, uma certa indiferenciação entre os campos da neurose e da psicose, e também entre os registros imaginário e simbólico, que se desfaz, paulatinamente, com o passar do tempo e com a complexificação das hipóteses de Freud. Os escritos anteriores a 1900 trazem a marca do excesso destas indiferenciações. Ao longo do segundo capítulo, procurou-se evidenciar os momentos da elaboração freudiana onde é possível apreender tais indistinções. Foi possível perceber, com clareza, que tais indistinções, a princípio bastante salientes, foram se tornando cada vez menos preponderantes. A publicação de *A interpretação dos sonhos* (1900), escrito onde o simbólico, como tal, é inicialmente teorizado, marcou uma virada importantíssima para a evolução do pensamento freudiano e da teoria psicanalítica.

A empreitada freudiana rumo à elucidação do funcionamento psíquico esbarrou em um impasse que inviabilizou a formalização teórica, em termos psicanalíticos, da especificidade do mecanismo da psicose. Isso parece guardar relações com o fato de a noção de recalque não ter sido suficiente para explicar a etiologia da psicose. Em 1894, Freud falou sobre uma defesa mais poderosa e bem sucedida na psicose alucinatória, ou seja, algo relativo a uma insuficiência da noção capaz de explicar o mecanismo da neurose (o recalque decorrente de uma falha na tendência normal à defesa) já se apresentava, para Freud, nesse

momento tão inicial. Contudo, isso restou não esclarecido na obra freudiana, sobretudo nos anos anteriores à análise do caso Schreber. Mas essa limitação ou insuficiência da noção de recalque para a elucidação do mecanismo específico da psicose em nada diminui a relevância da descoberta freudiana do inconsciente, e o elevado potencial subversivo a ela vinculado. O esforço freudiano de elaboração teórico-conceitual de algo nunca antes teorizado merece reconhecimento e valor. Além disso, toda produção de saber já traz em si a marca da sua limitação. Afinal, saberes ilimitados pertencem ao reino do ideal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, E. **O conceito de psicose em Freud**. Belo Horizonte: Tahl [1992?].

BACHELARD. G. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem – introdução a uma filosofia da cultura humana**. Trad/Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1994. Cap II: "Uma chave para a natureza do homem: o símbolo" (p.45-50).

FERNANDES, A.M.L.C.; CARVALHO, A.C. **O estatuto do inconsciente e a função do sonho na psicose: uma investigação na teoria freudiana**. 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos Psicanalíticos) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1969.

(1894) _ As neuropsicoses de defesa, vol. III (p.55-82).
(1895) _ Rascunho H, vol. I (p.283-291).
(1986) _ Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa, vol. III (p.183-211).
(1986) _ Rascunho K, vol. I (p.299-311).
(1896) _ Carta 46, vol. I (p.311-316).
(1896) _ Carta 52, vol. I (p.317-324).
(1897) _ Carta 55, vol. I (p.324-327).
(1897) _ Carta 61, vol. I (p. 334-335).
(1897) _ Rascunho M, vol. I (p.339-343).
(1897) _ Carta 69, vol. I (p.350-352).
(1897) _ Carta 75, vol, I (p.361-366).
(1897) _ Carta 79, vol. I (p.367-369).
(1900) _ A interpretação dos sonhos, vol IV e V.
(1916) _ Conferência XVIII, vol. XVI (p. 323-336).
(1920) _ Além do princípio de prazer, vol. XVIII (p.11-85).
(1926) _ Inibições, sintomas e ansiedade, vol. XX (p. 95-201).

LACAN, J. (1954-55) **O Seminário. Livro II. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. (1955-56) **O Seminário. Livro III. As psicoses.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MEZÊNCIO, M. S. **A aplicação da psicanálise no tratamento da psicose: especificidade da transferência.** 2004. Dissertação (Mestrado em Estudos Psicanalíticos) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

MILNER, J.C. **A obra clara: Lacan, a ciência e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo